



Cathy, a irmã mais nova de Lúcia, jurava que só se casaria por dinheiro. Para provar o que dizia, namorava Nicholas Curson, um grego rico e muito charmoso. Lúcia sabia que Cathy não o amava e duvidava da sinceridade de Nicholas. Então, quando ele as convidou para passar as férias em sua casa, na Grécia, Lúcia teve de ir, para proteger Cathy. Mas, quem a protegeria da paixão que começou a nascer em seu coração por aquele grego forte e maravilhoso, que jamais poderia ser seu, pois era noivo de sua própria irmã??

O Preço de uma Ilusão

"South from sounion"

ANNE WEALE

CAPITULO I

Lúcia Gresham tremeu ao sair do cinema e deparar-se com a noite de fevereiro, terrivelmente fria. Ergueu a gola do casaco surrado. Havia planejado comprar um novo durante as vendas de janeiro, mas Cathy, sua irmã mais nova,



quis comprar uma roupa sofisticada para as festas de fim de ano e Lúcia concordou em protelar a compra do seu novo casaco até o próximo outono. Lúcia era professora, trabalhava no Departamento da Infância da Escola Primária Alderman Evans, num subúrbio de Londres, onde passara a maior parte de sua vida.

Lecionava numa classe de quase quarenta alunos, de seis anos de idade. As mães das crianças diziam que não sabia como ela conseguia dominar aquela garotada barulhenta.

Mas Lúcia não achava difícil trabalhar com as crianças. Era a teimosia de sua irmã de vinte anos que enchia a sua paciência e lhe tirava o sono.

Caminhando para casa - a grande e feia vila Montrose de estilo gótico vitoriano, construída pelo seu bisavô Gresham - pensou no problema de Cathy.

Se pelo menos Cathy se apaixonasse por um bom rapaz, de situação definida..

Mas no momento, tudo o que

ela fazia era deixar de lado excelentes rapazes de situações definidas e procurar exatamente o oposto. O pesadelo de Lúcia era que, se a irmã continuasse a levar essa vida, terminaria se estragando. Mas como convencê-la a uma mudança de rumo? Qualquer tentativa de mudá-la a tornava mais radical.

Ao chegar ao portão de Montrose, ficou alarmada ao ver um luxuoso carro estacionado na entrada. De dois anos para cá, a casa Montrose estava dividida em dois apartamentos.

Os inquilinos do apartamento superior eram um casal, Peter e Janet Sanders.

Lúcia sempre os visitava. Tinham um filhinho de três anos e Janet esperava uma segunda criança. Ela sabia que aquele carro não tinha nada a ver com os vizinhos e imaginou que o seu dono poderia ser um dos cortejadores de Cathy.

Entrou em casa pela porta dos fundos, tirou o casaco e pendurou-o. Em seguida, tremendo de frio, foi até a cozinha e colocou a chaleira no fogo, para fazer um café.

Dirigiu-se para a sala na expectativa de encontrar sua irmã e o visitante dono do carro. Mas tudo era silêncio. Pasmada, caminhou até o pé da escada que conduzia à parte superior da casa. Um sobretudo de homem estava jogado descuidadamente sobre o corrimão. Foi para a sala de visitas e viu sobre a mesa um par de luvas. Não ouvia nenhum som de conversa ou de música.

Geralmente a primeira coisa que sua irmã fazia ao chegar em casa era ligar o rádio ou colocar um disco na vitrola.

entretanto, mesmo achando estranho que Cathy e o companheiro desconhecido

não estivessem conversando, Lúcia não estava preparada para a cena que viu quando abriu a porta da sala de visitas.

A única luz do ambiente era a do aquecedor elétrico. Cathy estava sentada no canapé, mas tudo o que se podia ver dela era um par de longas pernas delgadas e um pedaço da saia. O resto do seu corpo estava bloqueado pelo corpo do homem curvado sobre ela, beijando-a.

A reação imediata de Lúcia foi a de uma pessoa que involuntariamente se intromete na intimidade de duas outras fechadas num abraço ardente. Por instinto, quis se retirar sem ser notada. Mas esse reflexo foi imediatamente substituído por um impulso de fúria contra a loucura de Cathy em entregar-se às carícias daquele desconhecido.

Lúcia tinha certeza de que se tratava de alguém que a irmã havia acabado de conhecer, porque há quinze dias atrás ela estava envolvida com Roger. Antes que pudesse pensar em algo a dizer, o homem se recompôs e Cathy pôde vê-la. - Lúcia! - com um grito que era uma mistura de choque e medo, Cathy libertou-se do abraço e pôs-se de pé. - Oh! você me assustou! Por que voltou tão cedo? Pensei que não voltasse antes das onze.

Lúcia não respondeu e esticou a mão para acender a luz. Deu uma olhada rápida pelos cabelos desalinhados da irmã e pelos lábios borrados de batom. Em seguida, esperando que ele percebesse a hostilidade nos seus olhos, dirigiu-se ao homem.

Ele também já havia se erguido, mas parecia não mostrar o mesmo descontrole de Cathy. Ajeitando displicentemente a gravata, retribuiu o olhar gélido de Lúcia, com muita calma.

Essa atitude aumentou o antagonismo de Lúcia. Qualquer homem decente deveria sentir-se embaraçado naquela situação, mas ele não só não se sentiu embaraçado, como teve a audácia de caminhar na sua direção, estendendo-lhe a mão e dizendo prazerosamente:

- Sou Nicolas Curzon. Como vai você?

- Boa noite - respondeu ela friamente, ignorando a mão estendida. Depois, dirigiu-se a Cathy: - Acabei de pôr a chaleira no fogo. Vá preparar um café, por favor.

Em circunstâncias normais Cathy teria se recusado a obedecer, mandando que a própria Lúcia o fizesse. Pela primeira vez, ela obedeceu meigamente. Lúcia e Nicolas Curzon ficaram sozinhos na sala.

- Você parece congelada - disse ele sorrindo. - Aproxime-se do aquecedor e esquente-se. Está um frio intenso esta noite, não acha?

Por mais que desejasse aquecer as mãos e os pés gelados, ela não se aproximou

e não ia permitir que ele a desarmasse com palavras afáveis.

- Sim - disse rispidamente, sentando-se numa cadeira de espaldar alto.

Ele aproximou o aquecedor dela, depois aprumou-se e olhou ao redor da sala.

Evidentemente, era a primeira vez que notava o ambiente em que se achava.

- Vocês têm uma bela peça ali - disse Nicolas, cruzando a sala para examinar a estante francesa contra a parede.

Era a única peça de mobília na casa que tinha algum valor e Lúcia tinha um cuidado particular com o objeto. Ficou um tanto surpresa por ele ter o discernimento de reconhecer prontamente o valor da peça e passou a observá-lo melhor. Não era um homem alto, nem de bela aparência. Surpreendeu-se que Cathy se permitisse ser beijada por ele. A despeito do sobrenome, ele sem dúvida devia ter uma forte mistura de sangue estrangeiro nas veias. Jamais um cidadão inglês teria aqueles cabelos grossos e pretos, aquele nariz volumoso, as maçãs do rosto salientes. No todo, ele tinha um aspecto feio.

Em seguida ele se voltou e caminhou de novo na sua direção, sorrindo um pouco, como se a sua antipatia o divertisse. Ao encontrá-lo os olhos escuros e brilhantes, Lúcia concluiu, assustada, que havia algo nele muito mais poderoso do que mera simpatia. Ela não sabia defini-lo precisamente, mas sentia-se como o calor do aquecedor elétrico. De repente teve medo, porque sabia que, se quisesse, esse estranho poderia ser o instrumento da infelicidade de Cathy.

- Você e sua irmã não são parecidas, nem um pouco - observou ele depois de alguns instantes de silêncio.

- Somos irmãs apenas, por parte de pai. Minha mãe morreu quando nasci. A mãe de Cathy foi a segunda esposa de meu pai.

Ela nunca pôde entender porque seu pai se casou com uma criatura tão superficial. Era difícil conceber um casal tão mal ajustado e, tanto quanto ela podia se lembrar, eles tornaram a própria vida insuportável. Motivo pelo qual seu pai se ausentava de casa por longos períodos.

- Há quanto tempo conhece minha irmã, sr. Curzon? - perguntou ela.

- Encontramo-nos a semana passada, em Maybury. - Maybury era o hotel em que Cathy trabalhava como florista. - Eu estava esperando alguém na sala de espera e ela estava trocando as flores.

- Em outras palavras, o senhor a apanhou. - Lúcia disse bruscamente.

As linhas dos olhos dele se enrugaram. Era difícil julgar-lhe a idade mas, sem dúvida, tinha mais de trinta anos.

- Sim, de certo modo você poderia dizer que eu a apanhei concordou ele. - Mas a vida seria muito desagradável se a gente nunca falasse com outra pessoa sem apresentação formal, você não acha? - Antes que ela pudesse responder,

perguntou: - Em que você trabalha, senhorita Gresbam?

- Sou professora - disse ela afctadamente. - E você?

- Fabrico recipientes. Principalmente para aerossóis. É possível que você tenha algum aqui em sua casa. Talvez o seu spray para cabelo ou o lustrador de móveis.

- Ah! - Lúcia tentava imaginar se ele realmente era dono do negócio ou se tinha apenas um cargo de diretoria e passava a maior parte do tempo desperdiçando os lucros em carros imponentes e conquistando garotas como Cathy.

Sua irmã voltou com o café e ela se levantou para pegar a bandeja de sua mão. Cathy tinha arrumado o cabelo, retocado a maquilagem e o vestido.

- Vamos a uma festa depois do teatro - disse ela à Lúcia, com um olhar que desafiava objeções.

Lúcia mordeu o lábio. Não podia proibir que Cathy saísse com ele, como um pai ou uma mãe o fariam. Menos Connie Grestam - a mãe de Cathy - ela inclusive a encorajaria.

Fora ela quem dera a Cathy aqueles valores distorcidos. Contudo, Lúcia se sentia agora tão responsável como uma mãe.

Inesperadamente, Nicolas Cruzon disse:

- Você não gostaria de ir conosco, senhorita Gresham?

- Oh! Lúcia detesta festas e encontro com pessoas - disse Cathy. - Onde está o digníssimo Bernard esta noite? - perguntou ela à irmã.

- Está com um começo de resfriado, por isso foi mais cedo para casa.

Cathy fez uma pequena careta. Ela não tolerava Bernard Fisher e não podia compreender a amizade de Lúcia por ele. No fundo, a própria Lúcia o achava um tanto estabanado

e sem imaginação. Mas tinham algumas coisas em comum. Ele também era professor, e ela achava que era melhor ter uma metade do que nenhum pão!

Todas as sexta-feiras

iam ao cinema juntos e jantavam num restaurante chinês local.

- Então é por isso que você veio cedo para casa. Estou certa de que você não iria ao Soo Chaw sozinha, com receio de que alguém tentasse agarrá-la - disse Cathy com malícia.

Lúcia enrubesceu e ignorou a observação. Ela sabia que era um hábito ridículo e fora de moda, mas não gostava de comer fora à noite, sem a companhia de alguém. O que tornava os seus escrúpulos ainda mais absurdos era que ela não era o tipo de moça que os homens tentavam paquerar. Entretanto, ir a um restaurante sozinha teria

sido para ela mais um sacrifício do que um prazer,

- Eu nunca poderia imaginar que você fosse uma pessoa tímida, senhorita Gresham - disse Nicolas Curzon, enquanto ela lhe passava uma xícara de café. Seus olhos emitiam uma chispa de ironia. Você me parece formidável.
- Não sou tímida - disse ela, afastando os olhos. - Sou apenas uma pessoa antiquada. Acredito nos costumes estabelecidos. A maioria deles é simplesmente senso comum.

Onde é essa festa em que vocês vão? São seus amigos, Cathy, ou do senhor Curzon?

- Pelo amor de Deus, Lúcia, não sou uma criança - disse Cathy, com um lampejo de cólera. Realmente, no seu vestido sofisticado, com o rosto maquilhado um tanto pesadamente, ela parecia mais velha do que era e bem capaz de tomar conta de si. Nicolas Curzon riu e esticou a mão à procura da sua.

- Você não me disse que tinha uma irmã guardiã, Cathy. Pensei que você fosse dona de si, - Ele se voltou para Lúcia. - Os amigos são meus, senhorita Gresham, e pode crer que são pessoas bastante respeitáveis. A festa não se transformará numa orgia. Para dissipar quaisquer outras dúvidas, fique certa de que não sou casado e nunca bebo quando dirijo. E pode ficar sossegada, que sua irmã voltará para casa inteirinha. Se com tudo isso, não confiar em mim, insisto em que nos faça companhia.

Por um momento Lúcia sentiu-se tentada a desafiar-lhe a fanfarronice. Tinha certeza de que tudo não passava realmente de uma exibição. Mas concluiu que, se os acompanhasse à festa, as coisas provavelmente se tornariam piores. Cathy ficaria tão furiosa que talvez concretizasse suas ameaças de deixar Montrose, passando a morar sozinha. Era uma ameaça que jogava contra Lúcia, toda vez que tinham um desentendimento. Desta vez ela poderia levá-la a sério. Não que fosse capaz de manter sua independência por muito tempo: era uma incurável extravagante e não tinha nenhuma ideia de como controlar o que ganhava. Portanto, se ela deixasse a casa, ainda que por poucas semanas, isso poderia precipitar o último ato de loucura que Lúcia sempre temera e esperava evitar.

- Não acho que seja necessário que eu os acompanhe, sr. Curzon. Apenas peço que, quando trouxer Cathy de volta, não façam barulho. Tenho inquilinos que moram em cima. A sra. Sanders está esperando bebê e não tem dormido bem. Seria uma pena que o seu carro a incomodasse desnecessariamente.

- Não se preocupe. Não a incomodaremos. - Olhou para o seu relógio. - É melhor a gente ir, Cathy. Boa noite, senhorita Gresham. Espero vê-la novamente -

disse Nicolas reclinando a cabeça e com aquele brilhante humor nos olhos, Curzon pegou Cathy pelo braço e partiram.

Depois que o carro desapareceu, Lúcia recolheu as xícaras e desligou o aquecedor. Ao atravessar o hall para levar a bandeja para a cozinha Janet Sanders disse-lhe do patamar:

- Você vai se deitar ou está se sentindo desolada?

- Oi! Como vão as coisas? vou apenas colocar estas xícaras na cozinha e já subirei.

- Peter já foi se deitar, mas eu fiquei para terminar este casaquinho - disse Janet, erguendo uma pequenina peça de roupa, quando Lúcia entrou em sua sala de estar.

Ela sorriu. - Além disso estou morrendo de curiosidade para saber a respeito do último caso de Cathy. Que carrão! Como é o dono daquele carro? Quando encostou, olhamos pela janela pensando que fosse uma visita para nós. Mas logo vimos Cathy saindo. E não deu nem para ver a cabeça do seu namorado.

Lúcia sentou-se perto do aquecedor.

- Oh! Janet, o que posso fazer com essa garota? - disse ela, desesperada. - Acaba de sair para uma festa, com um homem que tem a palavra "lobo" escrita pelo corpo todo. Quando entrei em casa, encontrei-os na sala de estar se beijando. Ela o conheceu há apenas uma semana. Ele a conheceu no Maybury. Não sabe nada a respeito dele.

Janet achava que Cathy era um caso perdido e que Lúcia era muito complacente para com ela. Era o cúmulo do absurdo que Cathy não erguesse um dedo para ajudar na manutenção do apartamento em que moravam. Era Lúcia quem tinha de fazer tudo, desde a limpeza até o cuidado com o jardim, no fundo. Cathy tratava sua casa como se fosse um hotel e Lúcia como uma serviçal. Cada centavo que ganhava, gastava consigo. Quando esbanjava todo o seu ordenado, caía como uma esponja sobre o dinheiro da irmã. A pobre Lúcia mal tinha algumas roupas surradas para vestir. Entretanto, para um bom observador, Lúcia não era menos atraente do que Cathy. Seu problema era que vivia sempre cansada e preocupada. Mas quando estava descansada, quando seus olhos cinzentos se acendiam com prazer, quando mostrava seus lindos dentes naqueles sorrisos raros e radiantes, era linda, pensou Janet.

- Você se preocupa muito com ela, minha querida? - perguntou Janet. - Afinal, ela está com quase vinte anos agora. Se ela quer complicar sua vida, é exclusivamente responsabilidade dela e não sua.

- Sim, também acho! - concordou Lúcia, com um suspiro. Mas ela é tão confusa, Janet. Ela acha que roupas, festas e bater pernas são as coisas mais

importantes na vida.

- Talvez sejam, para ela. As pessoas são diferentes e é uma perda de tempo a gente tentar impor as nossas ideias aos outros. Você não vai conseguir mudar a natureza do Cathy, Lúcia. Ela nunca vai ser como você. Nem daqui a um milhão de anos.

- Não desejo que ela seja como eu. Quero apenas que seja feliz.

- E a sua própria felicidade? Isso não é também muito importante?

- Mas eu sou feliz - disse Lúcia rapidamente. Janet olhou cética.

- É?

- É claro que sou! Por que não haveria de ser? Gosto do meu trabalho e acho que sou eficiente nele. Tenho uns poucos amigos. Espero me casar um dia. Que mais poderei desejar?

Janet decidiu falar com franqueza. Havia dois anos que ela e o marido moravam em Montrose. Durante os primeiros seis meses, a sra. Gresham ainda era viva. Assim Janet pôde ver o tanto que a sra. Connie Gresham tratava mal a sua enteada. Ela não era deliberadamente má, mas fazia uso de Lúcia sen dar nada como retribuição.

Todo o seu interesse fora dedicado a Cathy. Lúcia sempre fora tratada como uma empregada.

Agora Cathy andava importunando o bom temperamento da irmã, muito mais impiedosamente do que havia feito a sra. Gresham. E já que Cathy não mostrava nenhuma possibilidade de mudança, parecia a Janet que a única solução seria que Lúcia mudasse.

- Você pode não se achar infeliz, mas também não está longe disso - disse ela francamente. - Olhe, por que não viaja para o exterior? Sei que sempre quis viajar.

Porque não aproveita o próximo verão e tira algumas semanas de férias?

Poderia viajar por muitos lugares sem gastar muito.

- Oh! Janet, como posso viajar? Não posso deixar Cathy aqui sozinha. Você sabe como ela é péssima na cozinha, além de não fazer qualquer tipo de limpeza.

- Bem, sei qiiie o apartamento estaria uma bagunça quando você voltasse, mas que importa? E no que se refere as refeições, ela poderia tomar o café da manhã e as refeições do fim de semana conosco. E faríamos o possível para deixá-la se entregar a essas festas loucas ou fazer qualquer coisa errada - disse Janet persuasivamente.

Mas ela já sabia qual seria a resposta de Lúcia.

- É muita amabilidade de sua parte, Janet. Mas eu não poderia, de jeito

nenhum, me dar ao luxo de girar pela Europa, deixando você com uma criança recém-nascida e Cathy para cuidar. Você teria uma crise nervosa.

- Então, por que não vão as duas? Cathy não fez nenhum plano, fez? Você realmente precisa ter umas férias verdadeiras este ano, minha querida. Isso lhe faria muito bem.

- Cathy só concordaria em viajar comigo, se fôssemos para algum lugar elegante e caro e se tivesse muitas roupas novas para usar disse ela desanimadamente. - Ela nunca aceitaria ficar numa pensão barata.

- Bem, já é tempo de começar a pensar em se ajustar aos outros - comentou Janet, já sabendo que uma viagem ao exterior, com Cathy, não seria divertimento para Lúcia.

O dia seguinte era sábado e Cathy ficou na cama até as onze horas. Quando se levantou, Lúcia já havia feito as compras do fim de semana, passado as roupas, polido o assoalho e terminado o almoço. Estava tirando uns minutos de descanso, quando Cathy entrou na cozinha.

- Você se divertiu na festa? - perguntou Lúcia, levantando-se para colocar a chaleira no fogo.

- Não estava má - disse Cathy, erguendo os ombros. - Era uma supercasa e havia muitas roupas lindas. Mas as pessoas eram todas mais ou menos idosas e sem entusiasmo.

- O senhor Curzon não é exatamente um jovem.

Cathy foi à geladeira buscar o suco de limão que tomava todas as manhãs para manter a forma física. Embora fosse descuidada em outros aspectos, nunca se esquecia dos seus regimes de beleza.

- Não me importo se os homens são mais velhos do que eu - disse ela imediatamente, estremeando com o azedume do suco. O que me irrita são as mulheres idosas. Havia uma mulher, trajando um rico vestido preto. Mas tinha o rosto parecido com um bolo e grandes braços flácidos, uma coisa horrível. Não é de se espantar que os maridos percam o interesse por elas!

- Uma boa aparência não é tudo - disse Lúcia. - A maioria das pessoas engordam, quando envelhece, inclusive os homens.

- Acho horríveis as pessoas gordas - disse Cathy, com desdém.

Acho que deveriam fazer regime e exercícios. Não vou nunca perder minha boa aparência.

Havia momentos em que sua intolerância pelas imperfeições físicas das pessoas exasperava tanto Lúcia, que ela desejava dar-lhe uns safanões. Mas limitava-se sempre a dizer: "Você tem-sorte em poder comer tudo que gosta, e não engordar".

Cathy sentou-se na beira da mesa da cozinha e acendeu um cigarro.

- Você não vai querer fazer um discurso para mim, a respeito de Nico? -
perguntou ela com uma olhadela desafiante.

A chaleira começou a assobiar. Lúcia desligou o gás, e preparou duas xícaras de café.

- Adiantaria?

- Não, não adiantaria. E na próxima vez que você se comportar como fez ontem, deixo esta droga de casa e vou arranjar um lugar decente para morar. Estou cheia de

ser tratada como criança!

- Você já disse antes.

- Mas agora falo seriamente. Que direito você tem de me ditar ordens? É apenas três anos mais velha do que eu, e vive pegando no meu pé, como uma velha tia solteirona.

- Oh! Cathy, isso não é verdade! Nunca lhe ditei ordens. E se às vezes tento corrigi-la é porque não desejo vê-la infeliz.

- Não se preocupe. Sou capaz de cuidar de mim.

- isso é o que Margareth pensava. Veja o que lhe aconteceu - disse Lúcia, lembrando-a de uma garota que morou na mesma rua, próximo de sua casa.

- Margareth foi uma tola - retrucou Cathy. - Ela se apaixonou. Eu nunca cairei nesse erro.

Lúcia encarou-a, espantada pelo seu tom de convicção.

- Além do mais, acho que Nico é exatamente o homem que estou procurando - continuou Cathy, pensativa. Deu uma olhada no relógio da cozinha e pôs-se de pé. - Por falar nisso, não almoçarei em casa. Nico vem me buscar ao meio-dia e iremos ao Hind s Head, em Bray.

Ela saiu da cozinha e foi se aprontar.

Depois de almoçar sozinha, Lúcia acendeu a lareira no estúdio. Era ali que sempre passava as tardes de sábado no inverno. Às vezes lia, ou costurava. Ajeitava-se sobre o grande sofá de couro e lembrava outras tardes de sábado de há muito tempo, quando seu pai se sentava ao seu lado, contando-lhe a respeito de todos os lugares que conhecera. Malcolm Gresham fora jornalista. Tornou-se famoso como correspondente de guerra e depois percorreu o mundo em viagens especiais. Encantou-se com as ilhas gregas. Era seu plano, quando Lúcia terminasse a escola, deixar de ser jornalista e voltar para as ilhas. Estava cansado da vida agitada da imprensa e desejava escrever livros. Mas quando Lúcia tinha dezessete anos, Malcolm morreu num acidente. Foi uma ironia da sorte que, tendo escapado de todos os perigos de guerra sem

um arranhão, ele fosse encontrar a morte num desastre de carro, entre o aeroporto de Londres e sua casa.

Entretanto, naquela tarde não era em seu pai que Lúcia pensava. O problema de Cathy parecia bem mais urgente.

Será que ela tinha falado a sério? Seria verdade que desejava se casar não com um homem, mas com um modo de vida? De uma coisa Lúcia estava certa: embora tivesse visto Nicolas Curzon apenas uma vez, era capaz de apostar um ano de salário que ele absolutamente não pensava em casamento. Ele estava apenas se divertindo.

As quatro horas ela pôs mais carvão no fogo e fez chá e torradas. Já escurecia, por isso puxou a cortina de veludo e sentou-se de novo, observando a claridade da labareda bruxuleando sobre os volumes encadernados em couro, ao longo de toda a parede. Como não havia dormindo bem na noite anterior, decidiu tirar uma soneca.

Devia ter dormido por um longo tempo pois, quando acordou, o fogo estava morrendo de novo. Espreguiçou e sentou-se, esfregando os olhos.

- Boa noite - disse uma voz no escuro. - Lúcia tomou um susto.

- Desculpe-me, não tive intenção de assustá-la - disse Nicolas, acendendo a lâmpada sobre a mesa, ao lado da cadeira em que estava sentado e atirando a ponta do cigarro no fogo.

Por um instante Lúcia mal pode acreditar em seus olhos.

- Que está fazendo aqui? - perguntou.

- Cathy veio para casa para trocar de roupa. Pediu-me que a esperasse aqui. A senhorita estava dormindo tão pacificamente que me pareceu uma pena incomodá-la - explicou

ele, sorrindo. Em seguida, como se fosse um velho amigo da família, levantou-se para reavivar o fogo.

Lúcia puxou a saia e alisou os cabelos em desalinho. Olhando o relógio, viu que já eram sete horas. Dormira por mais de duas horas. Por quanto tempo aquele homem a estivera observando, enquanto dormia?

Como se adivinhasse o que ela estava pensando, ele disse:

- Não se preocupe, você não estava de boca aberta, nem roncando. Moveu-se apenas uma ou duas vezes. Estava sonhando?

- Não. . . não me lembro - disse ela bruscamente. - A que horas o senhor e Cathy chegaram?

- Há vinte minutos, mais ou menos. Esta sala é muito agradável. Posso dar uma olhada nos seus livros?

- À vontade.

Dirigindo-se para as estantes de livros, Curzon notou uma aquarela em cima da lareira.

- De onde veio isso?

- Pertencia a meu pai. É um quadro do porto, em Hydra, uma das ilhas da Grécia.

- Sim, reconheço o lugar.

- O senhor já esteve em Hydra? - Um interesse espontâneo iluminou-lhe o rosto.

- Muitas vezes. A senhorita já esteve lá?

- Eu deveria ter ido, se meu pai não tivesse morrido num acidente. Ele gostava tanto das ilhas gregas que estava planejando viver lá.

- Ele gostava também dos gregos? - perguntou ele com perspicácia.

- Sim, muito. Por quê? O senhor não gosta? Seus olhos escuros brilharam com divertimento.

- Eu sou meio grego, senhorita Gresham. - Sorriu e tocou o nariz curvo. - Herdei isso do meu avô, Nico Tyropoulos. Não vai me dizer que este meu belo nariz escapou à sua observação.

- Eu achei mesmo que o senhor não era inteiramente inglês.

- Sou quase inteiramente grego - respondeu ele, um tanto secamente. Fui criado como um cidadão inglês mas, no fundo, nos meus instintos, continuo sendo grego. Isso alivia ou aumenta os seus escrúpulos?

- Não sei o que o senhor quer dizer.

- A senhorita não me aprecia, não é verdade?

- Conheço-o tão pouco, senhor Curzon.

- A senhorita não me aprecia. - repetiu ele. Desta vez não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Lúcia começou a ferver de raiva. Geralmente era preciso muita provocação para incomodá-la. Mas a simples presença daquele homem já a aborrecia.

- Há alguma razão por que eu não deva gostar do senhor?

Ele havia tirado um livro da prateleira e ia abri-lo. Sem encará-la, disse displicentemente.

- Não. . . mas eu gostaria de saber por que a senhorita parece ter tomado imediata e poderosa aversão por mim.

Ela enrubesceu.

- O senhor não é nenhum ignorante, sr. Curzon. Deve saber por quê.

- A senhorita não pode trazer sua irmã num cabresto, para sempre. Se ela não aprendeu a usar a cabeça até agora, é improvável que venha a fazê-lo daqui por diante.

Lúcia ergueu o queixo e fitou-o com olhos fuzilantes.

- Se o senhor tivesse uma irmã de vinte anos, aprovaria... aprovaria o seu relacionamento com um homem da sua idade?
- Dependeria do homem - respondeu ele. - Mas eu não seria tão imprudente a ponto de demonstrar a minha desaprovação, senhorita Gresham. Isso agravaria o problema.
- O senhor tomaria alguma providência, não?
- Não antes de ter alguma razão para acreditar que o homem fosse um refinado canalha. É essa a sua visão de meu caráter? Eu posso não ser nenhum Adónis. Mas será que tenho cara de lobo?
- O senhor não pode esperar que eu o considere um homem digno de confiança.
- Por que não?
- O senhor mesmo me disse que conheceu Cathy há apenas uma semana. Ontem à noite... - Ela se interrompeu, ruborizada.
- Ontem à noite eu a beijei. A senhorita Gresham desaprova o beijo?
- Sim, quando não significa nada.
- Que poderia significar o beijo? - perguntou Nico com ironia.
- Duvido que o senhor compreendesse, caso eu lhe dissesse, senhor Curzon. Acho que não falamos a mesma linguagem.
- Provavelmente não. Mas acho que Cathy e eu nos entendemos perfeitamente - disse ele indiferentemente.
- Cathy finge ter conhecimento do mundo, mas não tem. Por que não a deixa em paz? - disse ela, exasperada.
- Isso não soaria como um gesto grosseiro, quando já a convidei para jantar comigo? - Tirou o maço de cigarros e fez menção de oferecer-lhe. Mas antes que ela sacudisse a mão, recusando, ele recuou, dizendo: - Oh! esqueci-me. A senhorita não tem vícios.

Lúcia sentiu então que se ficasse com ele mais tempo a cólera poderia tomar conta dela. Já havia conduzido mal a conversa. Em vez de desestimulá-lo, ela o havia encorajado a prosseguir com Cathy com muito mais ímpeto.

Pegando a chaleira, colocou-a na bandeja. Nicolas Curzon adiantouse para abrir-lhe a porta. Segurando a maçaneta de modo que ela não pudesse escapar a não ser quando ele permitisse, ele disse:

- Sabe, senhorita Gresham, uma das coisas curiosas na natureza humana é que a maioria das pessoas que gostam de censurar são exatamente as que têm alguma fraqueza oculta. A senhorita parece muito ansiosa por proteger sua irmã contra os

perigos que assediam as garotas lindas. Será que não tem inveja das oportunidades que sua irmã tem? Claro, vai negá-lo. Mas continuo imaginando que, no fundo, gostaria de ser beijada por alguém pouco digno de confiança. Se não estivesse segurando a bandeja, Lúcia não teria contido o ímpeto de dar-lhe umas bofetadas no rosto. Ficou tremendo de raiva, enquanto ele, com um sorriso sarcástico, abriu-lhe a porta.

Dez minutos depois Cathy entrou na cozinha:

- Não sei a que horas estarei de volta. Por isso não fique esperando por mim, fora da cama. Talvez seja bom subir para assistir tevê com os Sanders.

- É possível - disse Lúcia secamente.

- Estou bem? - perguntou Cathy.

Lúcia fitou-a e não pôde deixar de reconhecer que a irmã estava tão encantadora que causava prazer olhar para ela.

- Eu gostaria de ter um agasalho de pele, em vez desta coisa

- disse Cathy, vestindo o casaco. - Vamos até o apartamento de Nico, depois vamos jantar no Hilton.

- Você vai ao seu apartamento? Oh, Cathy! - começou Lúcia.

- Não comece - cortou Cathy. - Ele tem que trocar de roupa, não tem?

- Mas você não precisa entrar no apartamento dele, precisa? Você não pode esperá-lo no carro?

- Não seja tão antiquada! É claro que vou entrar com ele. Quero saber como é o apartamento. Mas você não precisa se preocupar. Não vou permitir que ele me leve para lá de novo, depois do jantar. Não sou nenhuma tola. Ele encomendou uma mesa no Hilton. Além do mais, ele tem uma empregada. Portanto, posso gritar por socorro, se tentar algo contra mim.

Lúcia não se convenceu.

- A empregada pode não morar lá. É possível que não esteja lá, à noite.

- Tenha a santa paciência Lúcia! Como você é antiquada! Mamãe nunca foi exigente assim. Ela tinha a mente muito mais arejada e moderna. De qualquer maneira, não tenho tempo para discussões. Nico está esperando. Até amanhã. Tchau! - Saiu correndo, deixando a leve fragância de perfume atrás de si.

Lá pelas oito horas Peter Sanders desceu e bateu na porta do estúdio. Depois da aquiescência de Lúcia, postou-se sob a entrada.

- Você vai subir para assistir algum programa, Lúcia?

- Não estou a fim esta noite, obrigada.

- Não quer subir mesmo? Vai haver um bom show mais tarde. Além disso, compramos salame e cebolinhas em conserva - disse ele sorrindo.

Lúcia sorriu de volta. Mas, sem entender por que, começou de repente a

chorar.

- Não, nem os salgadinhos me tentam esta noite.
- Então nos vemos amanhã. Boa noite, Lúcia.
- Boa noite.

Depois que Peter saiu, ela se deitou de novo no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Uma vez, quando Janet estava com um pequeno problema, vira Peter colocar o braço em volta do seu corpo, confortando-a. Vira-o acariciar-lhe os cabelos, dizendo: "Acalme-se, amor. Isso não é o fim do mundo."

Sozinha, lembrando aquele gesto de ternura, Lúcia desejou ter alguém que a reconfortasse daquela maneira nos seus momentos de solidão. Ela nunca havia se sentido tão solitária em sua vida.

Na manhã seguinte, antes de começar o almoço, Lúcia foi até o quarto de Cathy perguntar se ela estaria em casa para o almoço.

- Sim, não irei a parte alguma hoje - disse ela, sentando-se na cama. - Sei que você vai ficar contente em saber que não verei Nico durante algum tempo. Ele vai a Nova Iorque por quinze dias. É um peso a menos em sua cabeça, não é? Realmente era. Mas Lúcia limitou-se a dizer:

- E você, vai ficar na cama?

- Não tenho nada a fazer. Por isso, acho que vou ficar um pouco mais aqui. Você poderia trazer-me uma xícara de café, se não estiver muito ocupada?

Durante a semana seguinte, Cathy ficou em casa todas as noites. Lúcia não sabia o que pensar. Sentia-se satisfeita com a companhia da irmã, mas ao mesmo tempo era invadida por um inquietante sentimento de que aquela era uma calmaria antes da tempestade. Cathy não fez mais nenhuma referência a Nico, como ela o chamava, mas isso em si era suspeito. Ela se sentava, com um sorriso nos lábios, como alguém que estivesse tramando alguma coisa, pensava Lúcia desesperada. Na segunda-feira Cathy voltou para casa bastante mal-humorada.

- Por que não podemos ter uma tevê como todo mundo? perguntou depois do jantar.

- Eu, particularmente, não desejo uma. Prefiro ler. Mas você pode comprar um televisor, se estiver em condições de pagá-lo disse Lúcia, meigamente.

- Por que tenho que ser eu a pagá-lo? Aposto que você também assistiria a programas, se tivéssemos uma - disse Cathy, petulante.

- Não sei por que você sempre age como se mal pudesse se manter. Dou-lhe boa parte do meu ordenado por semana. Há ainda o aluguel dos Sanders e o seu próprio salário.

Não podemos ter dificuldades financeiras. Não temos de pagar nenhum aluguel.

- Você se esquece dos impostos - disse Lúcia. - E este ano temos de mandar pintar a frente da casa. Só Deus sabe quanto isso vai custar. Há toda uma série de despesas em que você nunca pensa.

- Não sei por que continuamos a viver aqui. Por que não vendemos esta casa e vamos morar num apartamento moderno? Detesto este lugar horrível.

- Eu também gostaria de morar num lugar moderno, mas acho que estaremos melhor financeiramente ficando aqui, até que uma de nós se case.

- Estou surpresa que o digníssimo Bernard não tenha ainda se manifestado. Possivelmente é isso que ele tem na cabeça - disse Cathy com maldade.

- Não diga bobagem. Não é nada disso. Bernard e eu somos apenas amigos.

- Bemrnesse caso, você não acha melhor começar a sair mais de casa? Você nunca se casará, se não se encontrar com os homens. Ou você espera que a qualquer momento algum bonitão entre em sua vida e, apenas num trocar de olhos, vocês acabem se ajustando e sendo felizes para o resto da vida?

Lúcia enrubesceu.

- Posso ter quase vinte e quatro anos, mas não sinto necessidade de me apavorar ainda.

Entretanto, naquela noite, quando se sentou na cama para ler um livro, as palavras da irmã lhe voltaram à lembrança. Embora vinte e quatro anos não fosse uma idade avançada, não era mais tempo de viver acalentando a espécie de sonhos que tinha. No que disse, Cathy chegou bem perto da verdade. Desde que começou a pensar em casamento, Lúcia sempre acreditou que algum dia, em alguma parte, encontraria um homem que a amaria para sempre. Era somente uma questão de esperar que o destino arranjasse as coisas.

Mas ultimamente, durante esses meses sombrios de inverno, pequenas dúvidas começavam a desgastar-lhe a antiga convicção. Agora, não tinha mais certeza. Como Cathy havia dito, ela nunca encontrara nenhum homem e, a não ser por seus passeios semanais com Bernard. a última vez que tivera um encontro tinha sido no tempo de colégio,

Naturalmente você vai negá-lo, mas não posso deixar de imaginar que, no fundo, você gostaria de ser beijada por

alguém indigno da sua confiança. À medida que as

palavras de Nicolas Curzon lhe ecoavam na sua mente, Lúcia afundou o rosto no travesseiro. "Isso não é verdade", pensou furiosa. "Não tenho inveja de Cathy.

..

Não tenho! Se não tenho o meu tipo ideal, prefiro não ter nenhum. Nunca vou aceitar esses beijos vazios".

Terça.. . quarta. . . quinta, a semana ia passando e a apreensão de Lúcia aumentava. Nicolas Curzon regressaria logo de sua viagem dos Estados Unidos ou, durante sua viagem, o seu interesse por Cathy teria se dissipado? - pensou ela, cheia de esperança.

Na sexta-feira ela acordou com uma leve dor na garganta e nos braços. Tomou alguns comprimidos, desejando que fosse sábado, para não ter que ir à escola. Voltou para casa tremendo e espirrando. Acendeu a lareira no estúdio e ligou o fogão para esquentar a comida que havia preparado no dia anterior. Em seguida tomou mais alguns comprimidos e foi para a cama. Às seis e meia, Cathy retornou. Rouca, Lúcia advertiu-a.

- Não, não entre aqui. Acho que apanhei um resfriado. - Não diga nada a Janet. Ela vai insistir em vir aqui e poderá se contagiar e passar para Peter e Mark. Ficarei boa logo. Preciso apenas ficar uns dias na cama.

Na manhã seguinte sua cabeça latejava tanto que não conseguia movimentá-la. Cathy tomou-lhe a temperatura e em seguida telefonou para o Maybury, dizendo que não podia trabalhar naquele dia.

- Oh! você não precisava ter feito isso - disse Lúcia francamente, quando ficou sabendo.

Cathy telefonou também para o médico. Ao meio dia ele apareceu e confirmou a suspeita de Lúcia. Passou uma receita para Cathy levar à farmácia.

- Voltarei na segunda-feira - disse ele. - Até lá provavelmente você já estará melhor. No momento há muitos males como esse por aí, e a pior fase geralmente passa em quarenta e oito horas.

Lúcia tinha pensado que Cathy ia ficar apavorada, com receio de ser contaminada pela infecção mas, surpreendentemente, ela dedicou todo o seu fim de semana a cuidar da irmã. Durante parte do tempo Lúcia se sentiu muito fraca para tomar conhecimento do que se passava ao seu redor. Mas, à medida que a febre e a terrível dor de cabeça foram se acalmando, começou a ser tocada pela dedicação e solidariedade de Cathy.

- Você foi supervaliosa neste fim de semana - disse ela agradecida quando, no domingo à noite, Cathy lavava-lhe o rosto e as mãos e penteava-lhe os cabelos. Cathy sorriu e Lúcia teve a impressão de que um novo tipo de relacionamento surgia entre elas, um novo sentimento de irmandade que nenhuma delas vinha sentindo há muito tempo.

A gripe tinha afastado de Lúcia todos os pensamentos sobre Nicolas Curzon. Mas Cathy não o havia esquecido. Ela estava no quarto da irmã quando, já tarde naquela noite, o telefone tocou.

A maneira ofegante e excitada como ela correu para atender deixou bem claro

que a ausência dele não passara de um simples hiato no relacionamento deles.

Na sua pressa,

Cathy deixou a porta do quarto aberta. Por isso Lúcia ouviu sua conversa.

- Oh! Nico, você está de volta? Fez boa viagem? - Lúcia ouviu a dizer. Mas de repente ela lhe pediu que esperasse um momento e voltou para fechar a porta do quarto.

E Lúcia não ouviu mais nada.

A conversa durou mais ou menos quinze minutos e, ao voltar, Cathy não fez nenhuma referência a respeito. Mas havia um brilho nos seus olhos que causou abatimento no espírito de Lúcia. Estava claro que Nicolas não havia perdido o interesse, terminava assim a breve permanência de Cathy ao lado da lareira, às noites.

Como de costume, na segunda-feira pela manhã, Cathy foi trabalhar. Lúcia permaneceu na cama até às dez horas. Então, visto que sua temperatura voltou ao normal,

ela se levantou e foi para o estúdio, que Cathy havia deixado arrumado.

Pouco depois Janet desceu, trazendo leite quente e bolinhos caseiros.

- Oh! você está fora da cama. Não será uma imprudência? Cathy disse que você estava melhor, mas será que você não deveria ficar na cama um pouco mais? - disse ela

ansiosamente, ao encontrar Lúcia na sala de leitura.

- Estou quase boa. Espero voltar ao trabalho na escola amanhã ou quarta-feira.

- Duvido que o médico vá deixá-la trabalhar esta semana. Você parece terrivelmente abatida.

Janet não podia deixar Mark lá em cima, sozinho, por mais do que alguns minutos, mas prometeu descer mais tarde. Depois que ela saiu, Lúcia abriu a bolsa e fitou-se

no pequeno espelho da caixinha de pó. Parecia tão pálida e desgastada como se estivesse de cama há várias semanas. Uma onda de depressão tomou conta dela. As lágrimas desceram-lhe e foram molhar a sua camisola de lã desbotada. Foi nesse instante que alguém bateu à porta. Pensando que fosse Janet, de novo, Lúcia enxugou as lágrimas, e disse.

- Entre!

Quando Nicolas Curzon entrou, ela quis morrer.

- Alo - disse ele sorrindo. - Não toquei a campainha porque quis evitar que você se sacrificasse indo abrir a porta. Posso entrar? Como está se sentindo hoje? E antes que ela pudesse se compor, ele fechou a porta, colocou alguns pacotes sobre a cadeira mais próxima e começou a tirar o seu sobretudo.

- O que o senhor veio fazer aqui? Cathy está trabalhando gaguejou Lúcia, ruborizando.

- Sei disso. Vim para vê-la. Soube que você está acamada, com gripe. Na verdade, esperava encontrá-la de cama. - Abriu os pacotes respingados de chuva. -

Frutas... livros e alguns discos. Você tem toca-discos, não tem?

- Cathy tem um - disse ela, confusa.

Ele colocou uma caixa de pêssegos sobre a mesa, ao lado do sofá, em seguida os livros e os discos.

- Eu também apanhei uma gripe antes do Natal. Isso deixa a gente abatido. Há um médico tomando conta de você?

- Sim. . . sim, ele virá aqui hoje - disse ela, ainda confusa. Olhou para as coisas que ele havia trazido.

- Eu... eu realmente não sei o que dizer. Ele sorriu, divertido.

- Posso adivinhar o que você está pensando. Timeo Danaos et dona ferentes. Ela sabia que era uma expressão latina, mas não entendeu o significado.

- É Eneida, de Virgílio, e quer dizer: "Temo os gregos, mesmo quando oferecem presentes." Tenho razão? Não é isso o que você está pensando?

- Não era, mas agora é - disse ela. Ele riu e sentou-se ao lado dela.

Mão tenho nenhum motivo desonesto, senhorita Gresham. Vim porque na última vez que estivemos juntos fui um tanto indelicado com você. Peço-lhe desculpas. Vamos esquecê-lo?

Não era muito fácil manter-se digna numa camisola velha, mas ela disse, o mais calmamente possível:

Eu já havia esquecido, sr. Curzon.

Então Lúcia percebeu que, ao trazer-lhe presentes, ele a havia colocado numa posição difícil. Seria rude continuar hostil com ele. Por outro lado, se se mostrasse

desarmada pelos presentes, seria igualmente irritante. O lobo a mantinha num beco sem saída. Houve uma pausa. Ela fingiu que não percebia que ele a estava observando

dos cabelos aos pés, mostrados através dos seus chinelos.

Era imperdoável que ele a tivesse encontrado naquele estado, pensou furiosamente. É possível que Nicolas soubesse que ela estava com aquela aparência e aquele sentimento de confusão, ou talvez as mulheres do seu meio se dessem ao luxo de parecerem elegantes mesmo quando estavam acamadas. Quando a pausa estava se tornando muito longa, ela olhou para os livros que ele havia trazido. Os de cima pertenciam a uma coleção de gravuras coloridas, que

ela havia visto numa livraria algumas semanas atrás. Ao abri-lo ela leu, na primeira página: "Ao querido Nico, com amor de Francesca".

- O senhor vai com frequência à Grécia, senhor Curzon? perguntou, procurando descobrir quem era Francesca.

- Estou pensando em passar a Páscoa lá. - Ele se inclinou na direção dela e virou as páginas, até encontrar a que procurava. Uma gravura pequena, com caíques pesqueiros ancorados no cais, e um céu azul ensolarado. - Umas férias aqui lhe fariam muito bem

- disse ele, com o rosto quase colado ao seu. - No verão faz muito calor. Mas em abril o clima é perfeito.

- Sim, talvez fosse bom - disse ela, tensamente. Não estava gostando de estar tão próxima dele. Para seu alívio, ele se afastou.

- Tenho que ir-me, agora. Tenho um compromisso para o almoço. Não, não se levante. Já aborreci bastante. Até à vista.

E, antes que ela tivesse tempo de balbuciar uma frase de agradecimento, ele apanhou o sobretudo e partiu. Pouco depois Janet chegou novamente.

- Foi o médico que esteve aqui? Puxa! Que lindos pêssegos! Quem trouxe? Não foi Bernard Fisher?

Lúcia explicou.

- Bem - disse Janet, com os olhos arregalados. - O que ele pretende? Você tem alguma ideia? Não vai me dizer que ele está a fim de você agora.

- Oh! Janet. Como você pode imaginar isso? Você não estaria se divertindo se aquele homem desprezível a houvesse encontrado neste estado.

- Não, acho que não, embora o seu estado não seja tão mau assim. Eu tinha a impressão de que ele era realmente um tipo desprezível. Mas, quaisquer que sejam as suas qualidades morais, ele não deixa de ser atraente, não é verdade?

- Atraente? Que quer dizer com isso?

- Bem, se ele não fosse um tipo atraente, você não estaria preocupada com o estado em que ele a encontrou.

Esta observação deixou Lúcia tão aborrecida que, pela primeira vez desde que se conheceram, ela encarou a amiga com raiva.

- Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu poderia perfeitamente não dar importância ao julgamento dele sobre a minha aparência. Só que detesto me apresentar mal arrumada diante de estranhos.

Janet notou que Lúcia estava perturbada pela visita inesperada daquele homem, por isso mudou de assunto.

- Não, é claro que não - disse ela, aliviada. - Bem, vamos pensar no almoço.

Às quatro horas o médico apareceu. Auscultou o peito e as costas de Lúcia e,

fez-lhe perguntas a respeito do seu estado de saúde antes da gripe.

Finalmente perguntou-lhe o seu peso. Quando ela o informou, ele disse:

- Hum! Seria bom que tentasse aumentar alguns quilos. Já fez algum plano para um descanso?

Ela negou com a cabeça,

- Quando posso voltar às minhas atividades na escola, doutor?

- Esta semana não - disse ele firmemente. - Se eu fosse você, assim que terminasse o semestre, trataria de sair um pouco. Até lá o tempo já deve estar melhor. Alguns dias na praia lhe farão muito bem. Vocês, professores, são uns felizardos. Podem se desgastar durante os períodos de aulas, mas têm longas férias.

Depois da visita do médico, Lúcia voltou para a cama. Embora não tivesse feito nada durante todo o dia, sentia-se exausta. Dormiu e só acordou às oito horas da noite.

- Pensei que você estaria fora esta noite - disse, quando notou a presença da irmã.

- Não, não vou sair de casa à noite enquanto você não estiver completamente boa. Quem trouxe esses pêssegos? - indagou Cathy.

Lúcia os havia deixado no estúdio, sem tocar. Os livros e os discos estavam num armário.

- O sr. Curzon esteve aqui pela manhã. Foi ele quem os trouxe.

- Nico? - Cathy pareceu surpresa. Depois de um momento ela disse: - Foi uma gentileza da parte dele. Ele demorou aqui?

- Uns dez minutos. Quando você vai vê-lo de novo?

- Não sei ainda. Ele me pediu para telefonar assim que você estiver completamente recuperada.

Lúcia sentou-se na cama.

- Cathy, aquilo que você me disse, a respeito de casar por dinheiro, não é verdade, é?

- Oh! Lúcia, não vamos recomeçar toda aquela discussão de novo, tá? Eu estou cansada e você não está bem. Este não é o momento oportuno para esse tipo de coisa.

- Não desejo discutir. Apenas queria saber se você falava sério.

- Falava - respondeu ela, finalmente. - E falo sério a respeito do que disse com relação a Nico. É pena que ele seja tão escuro e tenha aquela aparência de estrangeiro.

Mas não é repulsivo e a gente não pode ter tudo. Portanto, se conseguir casar com ele, não deixarei escapar a oportunidade. Não vai ser fácil. Ele não é o tipo

casador.

Mas, se eu conseguir segurá-lo pelo ponto fraco, as coisas sairão como eu quero.

Lúcia não disse nada, mas deitou-se novamente, com os olhos fechados.

- Sinto muito queridinha, mas afinal de contas trata-se da minha vida, e tenho o direito de vivê-la à minha moda, não à sua. Não acredito nessa coisa que chamam amor!

Terminou fevereiro e março começou, fascinante. Mas logo as chuvas e os ventos frios retornaram e o céu voltou a ficar cinzento. Pela primeira vez na sua carreira de professora, Lúcia ansiava pelo fim do período de aulas. Não podia vencer facilmente o cansaço depois da doença. Ia mais cedo para a cama e mesmo assim acordava cansada no dia seguinte. Passou a tomar mais leite e comer mais ovos e queijo, mas não adiantava. Ela parecia não ter esperança de nada. Mesmo quando chegasse o verão, talvez tudo estivesse ainda úmido e cinzento, pensava com pessimismo.

Cathy estava se encontrando com Nicolas Curzon uma ou duas vezes por semana. Lúcia não sabia se era a irmã ou o grego quem estava controlando o relacionamento. Mas tudo que ela podia fazer era deixar de se preocupar com aquela situação.

Finalmente, numa manhã, Cathy soltou uma espécie de bomba que a despertou de sua letargia. Ela poderia ter imaginado que havia alguma coisa no ar, quando chegou na cozinha e já encontrou a irmã ali.

- Você por aqui tão cedo! - disse Lúcia surpresa, pois, após um encontro com Nicolas, Cathy geralmente se levantava tarde no dia seguinte.

- Sim. Não consegui dormir. Estava muito excitada.

- Excitada? - Lúcia sentiu um impulso de alarma. - Certamente ele não lhe pediu. . .

- Em casamento? Não, ainda não - cortou a irmã. - Mas ele fez outra sugestão.

- Diante da expressão no rosto de Lúcia, ela explodiu numa gargalhada. - Não foi uma

sugestão imprópria, minha querida. Acho que nessas alturas ele sabe que isso não adiantaria.

- Que foi, então? - indagou Lúcia admirada.

- Quer que eu vá à Grécia, na Páscoa.

Por alguns segundos Lúcia não disse nada. Depois. . .

- Cathy, não vá. Pelo amor de Deus, não vá. A irmã mais jovem riu de novo.

- Foi isso mesmo que Nico disse que você iria falar. Por isso você também está convidada, minha queridinha. Está convidada para ser nossa dama de companhia.

CAPITULO II

Abril na Grécia! Nos poucos segundos antes que o senso comum de Lúcia se restabelecesse, as gravuras do livro que Nicolas lhe havia emprestado passaram-lhe pela

mente. Teve também uma visão dela mesma, deitada numa praia ensolarada, sem nada a fazer senão tomar banho de sol e de mar e saborear os deliciosos pratos gregos,

sobre os quais seu pai tanto comentava.

- Isso está fora de cogitação - disse ela agudamente. - Estou surpresa. Você não deveria nem sugerir-lo!

- Por que está fora de cogitação? - perguntou Cathy, franzindo

- Oh! Eu logo imaginei que você iria erguer o topete à ideia de ir sozinha. Mas se você fosse comigo, a viagem não se tornaria mais respeitável? Dê uma boa razão para que não possamos ir.

- Posso dar-lhe meia dúzia de razões. A mais óbvia é que não temos condições financeiras para isso.

- Gastaríamos apenas nossas passagens e algum dinheiro. O voo de excursão para Atenas custa cento e vinte e cinco libras ida e volta, o que significa duzentas e cinquenta libras para nós duas. Ao todo, não gastaríamos mais do que trezentas libras.

- Mas acontece que, infelizmente, não podemos dispor de trezentas libras agora - retrucou Lúcia esmagadoramente. - E se tivéssemos, eu pensaria duas vezes antes

de esbanjar tudo numa viagem de férias.

- Temos mais de quatrocentas. Dei uma olhada no nosso depósito bancário. Sei que temos bem mais de trezentas libras.

Chegou até a ponta da língua de Lúcia dizer que ela não tinha o direito de espiar a conta bancária, mas como o depósito em banco era oficialmente feito numa conta conjunta, ela não podia acusar a irmã de espionagem.

- Esse dinheiro está destinado a coisas mais importantes. Para termos a casa pintada vamos gastar no mínimo duzentas libras. Temos que mandar pintá-la porque ela já está ficando com aparência de coisa abandonada.

- Não me importa que isso tudo caia. Não estarei morando aqui por muito tempo. Mas se as despesas a preocupam, por que não vendemos a velha escrivaninha da sala

de estar? É uma peça genuinamente antiga e deve valer mais do que temos que pagar pelas passagens.

- Não são as despesas que me preocupam - disse Lúcia rapidamente. - Estou preocupada com o lado moral.

- Pelo amor de Deus, que lado moral? Não consigo ver nada imoral em ser convidada para fazer parte de um grupo, numa casa.

- Como você sabe que vai ser um grupo? Pode ser apenas você e Nicolas.

- Levando em conta que você é pura, é surpreendente como salta rapidamente para conclusões indecorosas a respeito das pessoas. Se Nico tivesse intenção de me seduzir, não ia ter o trabalho de me levar até a Grécia. Ele teria tentado semanas atrás. Como não tentou, deve estar levando as coisas a sério. - Cathy riu. - É possível que ele não tenha começado dentro dos padrões que você chama de intenções honoráveis. Mas tem sido exemplar. Talvez não de acordo com os seus padrões, que são um tanto intransigentes. Mas, pelos meus, ele tem se comportado como um santo.

- Gostaria que você não falasse desse jeito, Cathy. Isso soa tão. . . tão vulgar. Cathy deu de ombros, mas seu rosto enrubesceu ao responder.

- Bem, com sua companhia ou não, eu vou à Grécia, e não há nada que você possa fazer para impedir. vou levantar dinheiro de qualquer maneira. É possível até que eu pague a passagem em prestações. - Saiu do seu quarto e quase em seguida partiu para o trabalho, sem se despedir.

Quando Lúcia voltou da escola naquela tarde, contou a Janet o que havia acontecido.

- Você acha que há algum jeito de impedi-la? - perguntou, ansiosa.

- Não acho que você deveria tentar impedi-la. Acho que ambas deveriam ir - disse Janet.

- O quê? Oh! Janet, você não pode estar falando sério. Ir à Grécia como convidada daquele homem detestável? Isso nunca me passaria pela cabeça.

- Há uma boa chance daquele homem detestável ser seu cunhado, minha querida. Suponhamos que ele esteja começando a levar Cathy a sério. Ela é linda e os homens costumam

ficar caidinhos pelos rostos lindos. E se ele está pensando em casamento, você acha que tem direito de interferir?

- Mas ela não o ama! Além disso, é muito imatura para se casar com quem quer que seja!

- Não concordo. Conhecendo Cathy, acho que o casamento será a melhor coisa para ela. Será muito bom que se case com um homem mais velho. Duvido que ela tenha a capacidade

de amar profundamente alguém. E quem não tem capacidade de amar intensamente nunca sofrerá muito, também.

- Não, eu não acho - disse Lúcia, meio ausente. Até aquele instante não lhe havia ocorrido que Cathy pudesse realizar sua ambição de se tornar a sra. Nicolas Curzon.

- Pois eu não posso imaginar Cathy como esposa de um homem pobre - disse Janet. - Ela não foi talhada para o amor numa cabana. Ela faria o marido se afogar em dívidas ou viveria azucrinando-lhe a paciência o tempo todo.

Lúcia tinha de admitir que Janet tinha um pouco de razão. Mas Cathy era tão jovem! Ela ainda poderia encontrar alguém cujo amor compensasse qualquer sacrifício material.

Mas, por mais que defendesse esse ponto de vista, Janet se mostrava cética. Tudo é possível, mas acho isso muito difícil. Você precisa ser realista, Lúcia. Não desejo ofendê-la, mas o fato é que Cathy está sendo terrivelmente estragada. Sua madrasta nunca disse não a ela. E também a deixa escapular

de uma série de responsabilidades. No meu modo de ver, a única solução é deixar que ela se case com alguém que continue estragando-a.

- Mas Janet, ela não tem nenhuma atração física por ele disse Lúcia, lembrando que Cathy achava Nicolas muito escuro, com aparência de estrangeiro. - Como poderá

passar o resto de sua vida com alguém cujo único apelo é o seu dinheiro?

- Atração física nunca dura muito tempo, a não ser que haja também uma certa atração sentimental. Cathy deve achá-lo razoavelmente bem apessoado. Não acho que ela

seja tão crua em termos de amor, a ponto de casar-se com um homem que ela repele. O que há nele para que você o deteste tanto, Lúcia? Não é só por causa de Cathy

que você está preocupada, é? Tenho a impressão de que a coisa é muito mais profunda do que isso. Você o detestaria em quaisquer circunstâncias.

- Sim, detestaria - disse Lúcia irritada. - Você também, se o encontrasse. Ele é muito senhor de si. Olha para as mulheres como se tivesse apenas que sorrir para elas lhe caírem aos seus pés.

- Talvez muitas se comportem assim - disse Janet. - Talvez ele pensa que poderia cativar você também com seu charme.

- Ele não apenas pensa isso, mas está convencido a respeito. Ele... - Lúcia fez uma pausa para firmar a voz. - Teve a audácia de me acusar de ter ciúmes de

Cathy.

- Ele disse isso? Meu Deus, que audácia! Não é à toa que você o detesta. E você, o que disse?

- Dei-lhe um olhar de desprezo e deixei-o de pé, onde estava. Mas queria esbofeteá-lo.

- Você disse isso a Cathy? Talvez isso o levasse a deixá-lo.

- Duvido. Ela provavelmente concordaria com ele.

- Então esqueça e não seja cabeça dura - disse Janet. - Você não vai conseguir impedir que Cathy vá à Grécia, nem que ela se case com ele, se for isso que eles quiserem.

Se ele for um aproveitador, não vai conseguir muito com você presente. Depois, algumas semanas ao sol são exatamente o que o médico recomendou. Você precisa de umas

férias, Lúcia. Quem sabe? É possível até que você acabe gostando da viagem.

Pode ser que na Grécia você encontre alguém agradável. Se eu não tivesse nunca feito algo que não queria fazer, jamais teria encontrado Peter.

- Não creio que vá surgir algum compadre ou amigo íntimo de Nicolas Curzon para candidatar-se a meu

marido - disse Lúcia, incrédula. - Devem ser todos como ele.

Naquela noite ela já estava na cama quando a irmã chegou. Na manhã seguinte Cathy partiu para o trabalho sem dizer nada sobre o projeto da viagem, embora estivesse eufórica e amiga. Lúcia concluiu que ela devia ter conseguido comprar a passagem a prestação.

Era sexta-feira. Depois das aulas Lúcia foi ao cabeleireiro, em seguida encontrou-se com Bernard Fisher e foram ao cinema.

- Você parece preocupada hoje - disse ele, quando iam para o restaurante Soo Chow.

- Desculpe, Bernard, eu estava no mundo da lua.

- Você esteve assim durante a última semana. Há algo errado?

- Não, nada errado. - Ao chegarem no outro lado, ela viu, na vitrina de uma agência de passagens, um pôster mostrando uma paisagem e, ao fundo, a Acrópolis grega.

Afastou os olhos rapidamente.

No restaurante Soo Chow um garçom chinês conduziu-os a sua mesa habitual.

Assim que fizeram o pedido ao garçom, Bernard falou, surpreso:

- Não é sua irmã que está ali perto da porta?

- Cathy, aqui? Não, não pode ser. Ela foi ao teatro esta noite

- disse Lúcia, sem voltar os olhos. Como Bernard havia visto Cathy somente uma

vez, há muito tempo,
provavelmente não se lembrava dela claramente.

- Tenho certeza de que é ela. Há um homem também. Moreno, com jeito de francês.

- O quê? - Lúcia girou na sua cadeira. - Oh! não! - murmurou ao ver o casal perto da entrada. Nicolas Curzon estava ajudando Cathy a tirar o casaco e um garçom,

solicitamente, pendurava-o. Lúcia afastou os olhos rapidamente.

- Eles nos viram e estão vindo para cá - disse Bernard, afastando a sua cadeira e pondo-se de pé.

- Oi! Bernard - Cathy cumprimentou-o calorosamente, como se fossem velhos amigos.

Enquanto ela falava com ele, Nicolas inclinou-se para Lúcia:

- Boa noite, senhorita Gresham. Nem preciso perguntar se se recuperou bem de sua doença. Vejo que está bem. - Seus olhos escuros passearam pelos cabelos bem penteados

e pelo lindo vestido de Lúcia. - Você está muito elegante esta noite.

Aquele elogio fê-la fechar os punhos em baixo da mesa. Mas, quando ela estava para responder friamente, lembrou-se do que Janet a havia aconselhado na tarde anterior: "A melhor maneira de desarmá-los é fazer o que eles menos esperam". Então, sorriu e respondeu amavelmente.

- Obrigada, sr, Curzon, estou perfeitamente recuperada. Esta é uma surpresa agradável. O que os traz aqui?

Antes que ele pudesse responder, Cathy tocou-lhe o braço e apresentou-lhe Bernard. Mas Lúcia teve satisfação de notar que sua docilidade o chocara. Quando os dois homens apertaram as mãos, ela notou que Bernard se retraiu. Embora ele tivesse mãos grandes, seu toque era flácido. Essa era uma das muitas razões triviais pelas quais Lúcia achava que ele não podia ser seu namorado. Além disso, suas unhas nunca estavam perfeitamente limpas. Cathy sorriu para a irmã.

- Vocês se incomodam que nos juntemos?

- Claro que não - disse Lúcia amável. - Mas pensei que não apreciassem comida chinesa.

Por um instante Cathy pareceu desconfortável, depois disse.

- Bem, Nico aprecia, e você já disse várias vezes que este lugar é particularmente bom.

- Nós o achamos - disse Lúcia, relanceando os olhos a Bernard.

- Mas não somos connaisseurs, como o sr. Curzon. - Dirigiu um olhar inocente na

direção dele. - Espero que não se desaponte, sr. Curzon. É uma caminhada vir até aqui, com tantos outros restaurantes chineses no extremo oeste da cidade. Cathy sentou-se ao lado da irmã e Nicolas ao lado de Bernard.

- Sim - concordou Nicolas. - Mas os restaurantes menos pretensiosos, nos subúrbios, servem comidas melhores. - Em seguida, estudando cardápio: - O que vocês recomendam?

Lúcia deixou Bernard aconselhá-lo sobre as especialidades do Soo Chow. Não tinha dúvida de que Nicolas e Cathy tinham ido ali de propósito. Por quê? Durante toda a refeição ela esperou que Nicolas puxasse o assunto da viagem à Grécia. Mas mesmo quando Bernard fez referência à Páscoa, ele não aproveitou a chance.

Foi Cathy quem convidou os homens a entrar para tomar café, depois que Nicolas os levou de volta a Montrose, em seu carro.

- Quer que eu faça o café, Lúcia? - perguntou Cathy.

- Não, eu farei - disse Lúcia imediatamente. - Vamos tomalo no estúdio. Quer trazer o aquecedor elétrico da sala de estar, por favor, Bernard? Não quero acender o fogo de carvão só por meia hora.

Sozinha, na cozinha, Lúcia se sentiu deprimida. Representar durante o jantar tinha sido mais fácil do que ela pensava. Para prolongar sua pequena folga, resolveu moer um pouco de grãos de café torrado que havia comprado uma semana antes. Colocava os grãos no moedor quando a porta se abriu e Nicolas entrou na cozinha.

- Posso ajudá-la em alguma coisa? Ela conseguiu disfarçar o seu desânimo.

- Acho que não é necessário, obrigada, sr. Curzon - e começou a girar a manivela do moedor.

- Parece um trabalho duro. Deixe que eu o faça. - Aproximou-se da mesa e estendeu a mão, tomando a manivela. - Foi uma noite agradável. Precisamos promover um novo encontro desse tipo, os quatro - disse ele com voz macia. A manivela girava facilmente na sua mão.

- Sim, foi uma noite agradável - concordou ela, com insinceridade. Ele teria de fazer muito mais do que aquilo, se desejasse irritá-la.

- Vejo que você não está usando um anel - disse ele mas não deve demorar muito para anunciar o seu noivado.

- Meu noivado? - repetiu ela encarando-o. - De onde tirou essa ideia?

Suas sobrancelhas negras ergueram-se um pouco.

- Talvez eu tenha observado mal, ou talvez a senhorita deseje mante-lo em segredo por enquanto. Nesse caso,

peço-lhe desculpas. Não foi minha intenção embará-la.

Nem tanto, pensou Lúcia. Em voz alta, disse:

- Cathy lhe disse alguma coisa sobre isso?

- Não, não, ela tem sido muito discreta. Mas disse que a senhorita e Bernard são amigos chegados há algum tempo. Foi minha conclusão a de que a senhorita tinha, como dizem, um entendimento com ele.

- Compreendo - disse Lúcia, pensando rápido. Será que ele havia realmente tirado essa conclusão? Ou era um novo truque?

- Acho que o senhor não acredita em amizade entre homens e mulheres - prosseguiu ela calmamente. - Mas isso é tudo que existe entre Bernard e eu. Não há nenhuma perspectiva de noivado.

- Talvez não do seu lado. Mas pode estar certa a respeito dos sentimentos de Bernard? Se ele não a achar atraente, deve ser um cara estranho.

Lúcia conseguiu controlar sua voz e sua expressão. Mas não pode evitar o rubor que lhe cobriu o rosto.

- Mas achar alguém atraente não é o mesmo que desejar passar a vida com essa pessoa.

- Isso é verdade. É possível ser atraído por alguém que, em outros aspectos, se detesta.

Será que ele estava sugerindo, de novo, que sentia atração por ela? Lúcia se eriçou. Mas desta vez não mostrou sua indignação.

- Isso pode acontecer a pessoas muito jovens e suscetíveis disse ela, mais ou menos contente com sua indiferença. - Mas duvido que um charme superficial cause muita impressão em pessoas mais maduras.

Ele tirou a gaveta do pequeno moinho e entregou-a a Lúcia.

- Então, não é por causa de Bernard que a senhorita não está querendo ir à Grécia na Páscoa?

Ah!, pensou ela. Até que enfim, chegamos ao ponto!

- Não, não é por isso - respondeu em voz alta. - Não tem nada a ver com Bernard.

- Nesse caso, talvez eu possa persuadi-la a mudar de ideia. Será que Cathy disse que você e ela não seriam minhas únicas hóspedes?

- Sim, ela disse que seria um grupo.

- Bem, o que poderia ser mais conveniente? - perguntou ele com um sorriso. - Você mesma deve admitir que há segurança nos números.

- Depende dos números - disse ela, com um toque de aspereza.

- E você acha que meus amigos possam ser mais decadentes do que eu? - ele ria. - Está completamente enganada, asseguro-lhe. Meus outros convidados são

todos de probidade irreprovável. Cathy pode achá-los meio chatos, mas você gostará deles. - Fez uma pausa para acender um cigarro. - Eu posso não falar a sua linguagem acrescentou ele provocando -, mas os meus três outros convidados ingleses se ajustarão perfeitamente a você.

Essa alusão à conversa que tiveram no estúdio fez o rosto de Lúcia esquentar novamente. Voltando-se para pegar suas melhores xícaras de porcelana, ela perguntou:

- Onde fica, exatamente, sua residência na Grécia?

- Fica numa pequena ilha chamada Marina. Chega-se lá através de navio, que sai de Piraeus. Se vocês decidirem ir, vou encontrá-las no aeroporto e as levarei para

a ilha. Sem um conhecimento superficial de grego, podem sentir-se perdidas.

Uma primeira viagem ao exterior é sempre um pouco atrapalhada. - Esperou que ela dissesse

alguma coisa, depois prosseguiu. - Tenho uma razão especial Para desejar que você vá.

Olhando-o de relance, ela notou que, pela primeira vez desde que se conheceram, o seu semblante estava sério. Achou mesmo que ele parecia austero.

- Que razão, sr. Curzon?

Um sorriso iluminou-lhe os olhos.

- Seria prematuro fazer uma declaração de intenções neste momento - disse ele calmamente. - Mas talvez se tranquilizasse se eu lhe disser que, desde a primeira vez

que nos encontramos, eu... digamos. . . mudei a minha melodia.

- O senhor quer dizer. . .

- Quero dizer que, daqui por diante, a reputação de sua irmã, estará tão segura comigo, como a sua com o digno Bernard disse ele, parafraseando Cathy.

- Compreendo.

Houve uma pausa, Nicolas fumava e observava. Lúcia colocava as xícaras azuis e brancas na bandeja e tentava pôr ordem em suas reações conflitantes.

- Em vez de se tranquilizar, você parece mais preocupada. Não acredita em mim, não é verdade?

- Sim, acho que acredito no senhor - disse ela olhando-o de relance, sem esconder a sua perturbação. - É que eu não. . .

- Bem, não vamos entrar nesse assunto agora - interveio ele, imediatamente. -

O café está quase fervendo.

- Oh! Deus! - Ela apressou-se a desligar o gás.

Quando a bandeja ficou pronta, ele a pegou e dirigiu-se para a porta.

- Consegui fazê-la mudar de ideia? Você irá à Marina no próximo mês? - ele perguntou.

Ela evitou-lhe os olhos.

- Parece que devo ir - disse vagamente. - Muito bem, sr. Curzon. irei.

- Neste caso, acho melhor começar a tratar-me por Nicolas e por você. Posso, também, começar a tratá-la pelo primeiro nome?

- Se você quiser.

- bom. Combinado. - Ele deu um passo para a frente e em seguida parou de novo. - A propósito, acho uma excelente medida manter Bernard meio à distância. Ele pode

ser um ótimo amigo, mas, em termos de amor, não é, de jeito nenhum, o seu tipo.

Na semana seguinte, a satisfação inicial de Cathy pela capitulação da irmã já não era tão grande. Lúcia havia concordado na parte mais importante, mas continuava renitente em pequenos detalhes, tais como quanto Cathy podia gastar em roupas para as férias.

Quando decidiram resolver essa questão, Lúcia já tinha a escrivania francesa devidamente valorizada. O representante da firma que

Ia consultou garantiu que, se a peça fosse levada a leilão, alcançaria mínimo quinhentas libras. Então Cathy achou que podiam esnobar um pouco. Lúcia, entretanto, tinha outras ideias.

- Não, vamos gastar só o que temos no banco e talvez não seja necessário vender a peça. Quando voltarmos vou falar com o gerente do banco, para conseguir um empréstimo

para a pintura da casa. Ele provavelmente não cederá, mas vou tentar.

Quando voltarmos, é possível que eu esteja noiva - disse

Cathy. - Então dinheiro não terá mais nenhuma importância. Acho que você está sendo mesquinha, Lúcia. Você sabe que tudo depende dessas férias. Não posso ir à Grécia com as roupas que tenho. Você pode apostar a sua vida que os outros convidados estarão estonteantes. Quero parecer ainda mais estonteante.

Mas desta vez Lúcia estava intransigente.

- Você pode gastar cinquenta libras - disse ela, decidida. O que você usar não vai influenciar Nicolas. Se ele realmente tem intenções de se casar com você, suas roupas não farão nenhuma diferença.

- Cinquenta libras? Isso não é nada hoje em dia. Que posso comprar com cinquenta libras?

- Você ainda tem muita roupa.
 - São roupas do ano passado. Saíram de moda. Quanto você vai gastar?
 - Cem libras - disse Lúcia, calmamente.
 - O quê? O dobro do que está me oferecendo! Por que você vai ficar com a parte do leão?
 - Porque o seu guarda-roupa está abarrotado e você é linda e se sobressai com qualquer roupa. Não sou linda e meu guarda-roupa está praticamente vazio.
 - Mas se não fosse por mim, você não iria! Você não tem o direito de gastar mais do que eu. Isso não está certo.
 - Oh! Deixe de criancice, Cathy! Você não está pensando que estou louca para ir, está? De sã consciência, estou odiando cada minuto dessa viagem. Mas, se tenho que passar duas semanas numa situação intolerável, acho que tenho o direito de umas poucas roupas apresentáveis.
- Dois dias antes do encerramento do período letivo. Lúcia chegou em casa no momento em que o telefone chamava. Quase sem fôlego, pois correria para evitar uma chuva que ameaçava, ela ergueu o fone.
- Lúcia?
 - Sim. Quem é? - No começo não reconheceu a voz no outro lado da linha.
 - É Nicolas. Você não parece muito contente em ouvir-me. Estou telefonando num momento inoportuno?
 - Não. Estou acabando de chegar em casa, do trabalho. Em que posso ser útil?
 - Eu é que estou tentando saber se lhe posso ser útil em alguma coisa. Soube pela Cathy que vocês já fizeram todos os planos. Gostaria de checá-los com vocês.
 - Não houve muita coisa a fazer. Está tudo certo, obrigada. Quando vai partir para a Grécia?
 - Amanhã. Já que tudo está bem, eu encontrarei vocês no aeroporto de Hellenikon, na quinta-feira de manhã.
 - Ela ouviu uma risadinha baixa. - Agora que você já teve tempo de se acostumar com a ideia, está se sentindo um pouco mais entusiasmada?
 - Vai ser maravilhoso ver um céu azul, para variar.
 - É só isso que você almeja? - Poderia ter sido um truque de ligação pois, de repente, a voz dele passou a soar como se ele estivesse ao lado dela, no hall. O tom estava também muito diferente. Mais profundo, estranhamente perturbador.
 - vou me deliciar nadando, também.

- Tenho certeza de que deseja muito mais do que isso.
- Não sei onde quer chegar.
- A maioria das moças vai para as férias esperando encontrar um homem, não é verdade? Será que você é tão diferente das outras?

Lúcia não respondeu.

- Não sei se você sabe. -Ela sentiu a voz dele pertinho do seu ouvido. - Acho que em Marina você vai sentir que a verdadeira Lúcia é muito diferente da senhorita

Gresham, a professorinha arrogante.

- Bem, se eu sentir, não será através de você - disse ela irrefletidamente. No momento em que essas palavras saíram, ela se arrependeu.

- Veja, essa é uma observação curiosa - disse ele. depois de uma pausa. - Tenho que desligar agora. Você me explicará isso quando nos encontrarmos. Até lá.

O voo para Atenas era às onze horas da noite e Peter ia levá-las para o aeroporto no seu carro. Depois de lavar a louça do jantar e verificar que todas as janelas do andar térreo estavam trancadas, Lúcia trocou de roupa e subiu para passar o tempo com Janet.

- Oh! Você está linda - disse a amiga ao vê-la nas suas roupas novas.

Peter entrou na sala e não pode conter o elogio:

- Puxa, como você está linda! Nunca a vi tão elegante.
- Verdade? - Seu semblante iluminou-se. Peter era o tipo de homem que raramente notava o que as mulheres usavam. Elogio da parte dele era para valer.

Inesperadamente, Cathy chegou. Ela não tinha visto o vestido cor-de-rosa da irmã e suas sobranceiras se ergueram:

- Nossa! Que cor viva - observou ela em tom de crítica.
- Sim, mas fica bem para ela - disse Janet.
- Hum! É lindíssimo - disse Cathy, pouco animada.

Janet teve vontade de lhe dar umas palmadas, mas Lúcia sabia que a irmã ainda estava ressentida por não poder gastar tanto quanto queria. Não podia esperar que Cathy se entusiasmasse com as suas compras,

Finalmente chegou o momento da partida.

Embora tivesse maus pressentimentos a respeito do propósito e do resultado das férias, Lúcia não pôde deixar de sentir uma grande excitação ao pensar que, em poucas horas, estaria num país estranho e lindo. Viajar tinha sido o seu grande sonho, sempre. E ela mal acreditava que isso estivesse acontecendo realmente.

Cathy cochilou durante a maior parte do voo, como a maioria dos passageiros.

Lúcia não conseguiu dormir. Para ela, era uma experiência mágica. Voar à noite.

..

passar sobre os grandes Alpes. . . dirigir-se para o sul, para as praias do Mediterrâneo, como poderia alguém dormir, em tal circunstância?

O avião desceu às quatro da manhã. Depois da atmosfera fechada, o ar lá fora parecia quase tão frio quanto o da noite de abril que haviam deixado em Londres.

- Onde está Nico? - disse Cathy, ansiosa, depois que passaram pela alfândega. Não havia nenhum sinal dele. Esperaram durante alguns minutos. Depois Lúcia notou:

- Ali há um balcão de informações. Se ele estiver atrasado por alguma razão, terá telefonado. Talvez tenham algum recado para nós.

Mas não havia nenhum recado. Depois de meia hora, Lúcia sugeriu:

- Não adianta a gente ficar esperando aqui. Vamos ao restaurante tomar um café.

- Quero gastar um penny - disse Cathy, no restaurante. . . Foi à toailete, deixando Lúcia pensando no que fariam se Nicolas não aparecesse nos próximos instantes.

- Senhorita Gresham? - perguntou uma voz masculina.

- Sim - disse ela, erguendo os olhos. Mas o homem que se aproximara não era um funcionário do aeroporto.

- Meu nome é Yannis Tyroupolos. Nico mandou-me encontrá-las. Infelizmente houve um pequeno acidente no trajeto, por isso me atrasei Peço desculpas. Sei que não é agradável chegar numa cidade estranha, e não encontrar ninguém para dar as boas-vindas. A senhorita

está desapontada, posso ver no seu rosto. Por favor, aceite minhas desculpas.

- Sim. . . Claro - disse Lúcia, meio confusa pois, além dele ter segurado as suas mãos, falando muito depressa e com ênfase dramático, Yanni Tyroupolos era o jovem

mais simpático que ela já tinha visto. Ainda segurando-lhe as mãos ele se sentou à mesa e sorriu.

- Quer dizer que a senhorita é a encantadora Cathy. Mas onde está sua irmã. . . Lúcia, não é?

- Eu sou a Lúcia, Cathy estará aqui agora mesmo.

- A senhorita é a Lúcia? - disse ele admirado. - Mas o Nico disse que Cathy era a irmã encantadora e Lúcia a inteligente.

- Na verdade, ele disse a feia?, pensou ela com desgosto.

- É isso mesmo - disse em voz alta. - Cathy é lindíssima.

- Ele ainda parecia espantado.

- Como pode ser? A senhorita é encantadora. - Ele pressionava seus dedos e dirigia-lhe olhares tão enamorados que, por um instante, ela quase chegou a acreditar que ele falava a verdade. - Se a sua irmã for mais linda do que a senhorita, só pode ser uma deusa.

- Bem, veja com seus próprios olhos - disse Lúcia, mostrando Cathy que se aproximava. Yannis voltou-se para ver e ela rapidamente afastou as mãos, encolhendo-as sobre o seu colo.

Yannis levantou-se. Mas com a cabeça agora afastada dela, Lúcia não conseguia notar se havia uma expressão mais ardente nos seus olhos escuros, de longas pestanas.

- Este é o sr. Tyroupolos, Cathy. Nicolas mandou-o encontrarmos, mas ele se atrasou.

- Muito prazer - disse Cathy. Foi a primeira vez que Lúcia a viu cumprimentar um homem com expressão desconcertada. Realmente, por um ou dois segundos, ela o encarou quase acanhada.

Yannis estendeu-lhe a mão:

- Bem vinda à Grécia, senhorita Cathy. Lamento que sua chegada no país tenha sido estragada pela estupidez do chofer que bateu no meu táxi.

- Tudo bem! - disse Cathy, sentando-se. - Por que Nico não veio ao nosso encontro?

Yannis também se sentou. Agora Lúcia via-lhe os olhos de novo. surpresa, notou que em vez de olhar para a irmã com enlevada admiração, ele tinha apenas uma expressão de cavalheirismo.

Infelizmente houve um outro acidente em Marina esta tarde.

isto é, ontem à tarde - corrigiu ele. - Como ele teve de ficar para colocar ataduras em Ariadne, mandou-me em seu lugar.

- Quem é Ariadne? - perguntou Cathy.

- É a filhinha mais jovem da minha prima Sofia. Tem apenas seis anos de idade. Por isso, naturalmente deve ter-se assustado bastante quando a tesoura penetrou-lhe no braço, e sangrou bastante.

Lúcia lembrou que Nicolas havia dito que o nome do seu avô era Tyroupolos.

- Nicolas também é seu primo? - perguntou.

Ele voltou-se para ela tão ansiosamente que, uma vez mais, ela foi surpreendida.

- Sim, é - confirmou ele sorrindo. - Meu pai e a mãe de Nico eram irmãos. Bem, agora vocês devem estar cansadas e precisam descansar antes do cruzamento para Marina.

vou levá-las para Atenas.

O trajeto do aeroporto ao centro da cidade era de vinte minutos. Yannis sentou-se na frente com o motorista e falou em grego, muito rápido. As irmãs se sentaram

atrás, em silêncio, ambas mais ou menos admiradas pela inesperada presença daquele autêntico Adónis em suas vidas. Quando o táxi parou, Lúcia notou aterrada que

estavam diante de um hotel de luxo.

- Em dez minutos as senhoritas estarão numa confortável cama, dormindo - disse Yannis, ajudando Lúcia a descer.

- Mas isso é necessário? Refiro-me a ir para a cama. A que horas parte o navio para Marina? Não podemos descansar na sala de estar? - sugeriu Lúcia, ansiosa. Por imprudência, talvez, sem considerar a hora da chegada, ela não havia planejado o gasto para o que restava da noite, num hotel.

- O navio parte de Piraeus ao meio dia - disse ele. - Por isso há tempo para as senhoritas descansarem. Não se preocupe. Tudo está arranjado. Serão chamadas às nove

horas, tomaremos café juntos e talvez possamos dar um pequeno passeio pela cidade.

Lúcia estava muito cansada para argumentar. O problema de pagar o hotel tinha que ser adiado para amanhã. Sem outra objeção, concordou que ele as conduzisse para dentro.

Assim que assinou o registro no balcão, foram conduzidas a um quarto duplo bem mobiliado, com vestíbulo e banheiro reservado.

Yannis fez sinal ao carregador para subir as malas e despediu-se delas.

Olhando para Lúcia, ele sorriu suavemente.

- Até amanhã. Durma bem, linda Lúcia.

Quando Lúcia acordou, résteas de luz entravam através das cortinas.

Consultando o relógio, verificou que eram sete horas. Embora tivesse dormido pouco mais de duas

horas, estava sem sono, ansiosa para começar seu primeiro dia na Grécia.

Rapidamente, tomando cuidado para não acordar Cathy, levantou-se e foi olhar pela janela, a cidade ensolarada.

Percebendo que não conseguiria ficar na cama até às nove horas tomou um banho quente, fez sua maquilagem, vestiu-se, e deixou um recado escrito a Cathy, que dormia profundamente.

- Kaliméra Kyrie - disse, experimentando, ao ascensorista, quando o elevador

chegou.

Um largo sorriso iluminou-lhe o rosto.

- Kaliméra, Thespointa. Ti kánete? - Mas ela não entendeu esta última palavra. Desde que decidiu fazer a viagem de férias, Lúcia travou verda deira luta para estudar o grego sozinha.

- Kalá-ke aia? - perguntou ela, esperando que sua pronúnciá estivesse correta. Evidentemente não estava tão má. Ele riu e abanoc a cabeça aprovativamente:

- Muito boa. . . muito boa. . .

Ele ainda sorria quando pararam num outro andar. Quando a porta se abriu, Lúcia ficou surpresa ao ver Yannis esperando do lado de fora.

- Lúcia, que está fazendo fora da cama tão cedo? - exclamou ele, igualmente surpreso.

- bom dia! Eu estava muito excitada para dormir, E resolvi dar um passeio por perto, sozinha.

Ele entrou no elevador.

- E a sua irmã? Está dormindo ainda?

- Sim, e não acho que vá acordar agora.

O elevador chegou ao térreo e o ascensorista, voltando-se para Yannis disse alguma coisa que Lúcia não conseguiu entender.

- O que ele disse?

Yannis sorriu e passou a mão sob o cotovelo dela.

- Ele disse que não é comum um visitante inglês falar o nosso idioma, especialmente uma moça jovem e bela como você.

- Acho que a última frase é por sua conta.

- Não, não inventei. A senhorita precisa compreender que os homens gregos não são como os ingleses. Não somos empertigados, medrosos de mostrar o que sentimos. Enquanto estiver aqui, muitos homens vão demonstrar, com o olhar,

que gostariam de fazer amor com a senhorita. Não se aborreça com isso.

No fundo, não há má intenção. É a nossa maneira de ser.

Chegaram ao restaurante do hotel. Um garçom conduziu-os a uma mesa e Yannis pediu a primeira refeição.

- Como é que o senhor fala um excelente inglês, senhor Tyropoulos? - perguntou Lúcia.

Senhor Tyropoulos, não. . . Yannis, por favor.

- Está bem, Yannis, então.

- Aprendi com Nico - explicou ele. - E trabalhei durante um ano na Inglaterra.

Foi uma experiência vital, mas não gosto do seu clima inglês. Para mim só existe um lugar Dom para se viver: Marina. Graças a Nico tornou-se possível para mim permanecer lá agora.

- Por que graças a Nico?

- O povo da minha ilha sempre foi muito pobre. O mesmo acontece com a maioria das outras ilhas. Hydra e Mykonos recebem muitos visitantes no verão, mas mesmo assim

existe uma grande pobreza. Para que um homem consiga se realizar na vida é obrigado a deixar sua terra e trabalhar em outros países. Talvez a Inglaterra, ou países longínquos, como os Estados Unidos. Primeiro Nico pagou para que eu tivesse uma boa educação. Agora ele me emprestou dinheiro para comprar um pequeno hotel em Marina. Isso não só é uma chance para que eu prospere, como abre oportunidades de trabalho para outras pessoas.

- Compreendo - disse Lúcia pensativamente. Ela deveria ter sentido prazer ao saber que Nicolas tinha um lado filantrópico mas, no fundo, a descoberta preocupou-a.

O garçom trouxe a refeição. Rosquinhas francesas, mel do Monte Hymettos e café com leite. Yannis explicou que aquilo em grego era ghalikb kafé, servido apenas a pedido. Mas ele imaginou que talvez ela não gostasse de café grego, semelhante ao turco, de manhã tão cedo.

Para Lúcia, aquelas primeiras duas horas de sol matinal na Grécia eram um intervalo inesquecível em sua vida preocupada e cheia de incertezas. Assim que terminaram o desjejum, Yannis levou-a para dar uma volta pela cidade. Não teve necessidade de buscar o seu casaco porque, mesmo àquela hora da manhã, o dia estava bastante quente.

Pelas oito horas todas as lojas estavam abertas e as ruas fervilhando de tráfego. Para um viajante experimentado, o centro de Atenas poderia parecer igual ao de qualquer capital. Mas para os olhos de Lúcia era completamente

diferente, principalmente o céu, de um azul brilhante.

- Será que há tempo para uma visita ao Parthenon, antes da nossa partida? - disse ela, caminhando de mãos dadas com Yannis.

- Não, mas acho que Nico tem um plano de trazê-las para conhecer as antiguidades.

Lúcia parou, deslumbrada.

- Olhe que coisa maravilhosa para se ver! - Marchando na direção deles, um homem de bigode grisalho puxava um burro carregado de cestas de flores.

Yannis largou-lhe a mão e, antes que ela pudesse adivinhar a sua intenção, ele estava abordando o vendedor de flores para comprar algumas. Instantes depois ela sobraçava um punhado de flores coloridas.

- Oh! Yannis, como são lindas! Mas que extravagância! - protestou, desarmada de prazer.

- Ena penindári, uns poucos pences - respondeu ele, erguendo os ombros. - Vale muito mais vê-la sorrindo, linda Lúcia.

Ela riu, enrubescou e mergulhou o nariz nas flores. Sabia muito bem que ele estava apenas flertando. Ele mesmo já a havia prevenido que seus compatriotas eram desinibidamente

amorosos. Contudo,, não podia deixar de se sentir eufórica ao ser tratada com galanteios por aquele jovem grego tão simpático.

Passava um pouco das nove quando voltaram ao hotel. Mal haviam entrado no saguão, Cathy veio correndo na direção deles, mostrando que estava chateada.

- Onde você esteve? - perguntou, olhando para o ramalhete de flores de Lúcia.

- Dando um passeio. Acordei cedo, desci e encontrei Yannis. Você acordou há tempo?

- Às oito horas - disse Cathy acretamente.

- bom dia, senhorita Cathy. Dormiu bem? - perguntou Yannis, polidamente.

Pela segunda vez Lúcia notou que não havia admiração nas maneiras dele. Sua atitude era a de um cavalheiro, gentil mas indiferente.

- Sim, obrigada - disse Cathy quase encolerizada. Ela ainda não havia tomado o café da manhã e o restaurante estava lotado. Yannis sugeriu que talvez fosse melhor

toma-lo no quarto.

- Ver-nos-emos mais tarde, na hora da partida, disse ele a Lúcia.

- com licença agora. - E afastou-se para tratar de um negócio.

Kathy não disse nada enquanto subiam, mas Lúcia sentiu que haveria uma explosão assim que estivessem a sós.

E houve. Mal Lúcia fechou a porta, Cathy virou-se furiosa.

- Muito obrigada. Não há nada que eu deteste mais do que ficar andando feito trouxa num hotel estranho, sendo aborrecida por homenzinhos ensebados.

- Não vi ninguém ensebado lá em baixo - disse Lúcia calmamente. - Pelo que pude notar, a maioria é de homens de negócios mais ou menos idosos, e turistas americanos.

Desculpe-me, Cathy apressou Lúcia a dizer, para evitar nova explosão. - Não pensei que você fosse acordar antes de ser chamada e deixei um bilhete.

- Você não disse que ia sair com Yannis.
- Eu não sabia. Encontrei-o no elevador, quando descia.
- Por que ele lhe deu todas essas flores? Você não pode levá-las ao navio.
- Não, acho que não. vou dá-las à camareira. Deixarei apenas uma para colocar no meu casaco. Não são lindas? Você quer uma?
- Não, obrigada.
- Não seja rabujenta, Cathy. Você não tem razão para isso. Não vamos estragar nosso primeiro dia aqui, com discussões.
- Oh! Então você mudou de ideia? Está contente por ter vindo, agora que o encontrou?

Lúcia ignorou a observação.

- Você não acha melhor telefonar pedindo o seu café da manhã?
- Nunca pensei que você pudesse ser tão tola - disse Cathy, cheia de rancor. - Você está caidinha por ele, não está? Chegou toda rubra, com os olhos brilhantes.

Bem.. . bem. .. quem haveria de pensar? Depois de todos os discursos que me fez dizendo que a aparência não era importante, entrega o coração ao primeiro homem de

boa aparência que já a notou.

Se Cathy desejava enfurecer a irmã, não o conseguiu. Lúcia considerou aquela explosão apenas como o acesso caprichoso de uma garota de mau humor, deixada de lado numa circunstância.

- Bem, e se eu estiver? Você não vai esperar que eu esteja o tempo todo acompanhando você e o Nicolas, vai?

Cathy se surpreendeu. Era verdade que Lúcia voltara para o hotel com um sorriso nos lábios, mas ela não acreditava realmente na acusação que acabava de fazer.

- Você não está realmente caída por ele, está? - perguntou, alarmada. Lúcia reprimiu um sorriso.

- O que é isso? Eu o encontrei há algumas horas apenas. Mas ele é verdadeiramente fabuloso, você não acha? E parece que gostou de mim. - Fez uma pausa e começou a colocar as flores num vaso que estava sobre a escrivaninha. - É possível que eu me apaixone por ele. Sim, acho isso bem provável.

CAPÍTULO III

Cathy estava visivelmente aturdida.

- Você não pode estar falando sério! Ele é grego.
- Bem, e daí? Nicolas é metade grego.
- Mas ele não vive aqui. Não é grego no comportamento.
- Não é? Ele me disse que era. Ele disse: "Fui criado como um cidadão inglês, mas continuo grego até os ossos".
- Que absurdo! É claro que ele não é - contrariou Cathy. - Não parece nem um pouco com os verdadeiros gregos.

- O que há com os verdadeiros gregos? A pergunta deixou Cathy confusa.

- Bem, não são como nós, não? Têm alguns hábitos particulares. Quando eu estava esperando por vocês no saguão do hotel, alguns homens estavam brincando com colares de contas marrons.

- Oh! Aquilo era komboloia - explicou Lúcia. - Nunca ouviu falar? Eles ficam mexendo com as contas, produzindo um pequeno som; para acalmar os nervos.

- Eis aí, então - disse Cathy com mordacidade. - Os cidadãos ingleses não precisam de contas para acalmar os nervos.

- Não. Mas fumam cigarros, sacodem moedinhas e roem as unhas.

- Eu acho que brincar com um colar de contas é meio afeminado - disse Cathy com desprezo. Depois prosseguiu illogicamente:

- E não gosto da maneira como eles olham de soslaio para as pessoas. Nunca me olharam tão atrevidamente como quando eu estava a sua espera no saguão do hotel. Foi horrível. Fiquei mais do que embaraçada.

- Bem, Yannis contou que é um dos costumes do país. Portanto, temos de não ligar. Na verdade acho que os ingleses também nos consomem com as suas olhadelas. Apenas são mais furtivos.

Essa resposta frívola estava tão em desacordo com a irmã que Cathy arregalou os olhos.

- Posso telefonar para mandarem o seu café? Quero praticar o meu grego - disse Lúcia. Dirigiu-se ao telefone e chamou a telefonista, pedindo a sala de serviços.

- Kaliméra. Boró na paro to próyevma stó thamatiómoo para. Isso deixou Cathy ainda mais perplexa. Que significaria tudo aquilo? - Eu não sabia que você falava grego.

- Conheço apenas um grego básico - disse Lúcia. - Se Nicolas lhe propuser casamento, obviamente vai esperar que você aprenda-o realmente bem. Cathy pareceu alarmada.

- Eu nunca poderia aprender grego. Nem usam o nosso alfabeto!

- Algumas das letras são iguais. Não se leva muito tempo para dominar as outras. com Nicolas para ajudá-la, você aprenderia num instante. A parte mais difícil é pegar a pronúncia correta.

Piraeus, porto de Atenas, ficava a alguns quilómetros do centro. No trajeto, no táxi, Yannis informou que o tempo para se chegar a Marina era de quatro horas.

Assim que o navio partiu, Cathy começou a ficar pálida.

- Estou me sentindo mal - murmurou ela, a -Lúcia.

- vou levá-la para baixo. O enjoo não é tão mau quando a pessoa está deitada - disse Yannis. - Não, fique aqui Lúcia. Colocou o braço em volta da cintura de Cathy e pôs-se a caminhar com ela.

- Não posso deixá-la nesse estado sozinha, Yannis - disse Lúcia, ansiosamente, quando ele voltou.

- Ela não está sozinha. Há uma criada de bordo para tomar conta dela. Você não pode fazer nada por ela, Lúcia, e eu quero que veja o templo de Poseidon quando passarmos por ele. Além disso, você precisa comer alguma coisa. - Indicou a cesta de vime que trouxera. - Vamos fazer um piquenique aqui no convés. Isso se você também não estiver indisposta.

- Não, estou me sentindo perfeitamente bem - Lúcia assegurou-lhe. - Nunca me ocorreu que uma de nós poderia sentir-se mal. Se tivesse, eu poderia ter comprado alguns daqueles tabletas antienjôos.

- Não é comum alguém sentir-se mal num dia como este. No verão, quando o matemí está soprando, às vezes é muito penoso entre as ilhas. Eu, por exemplo, nunca me sinto mal, mesmo durante uma tempestade. Mas há pessoas para quem uma viagem marítima é sempre um martírio. Esperemos que Cathy não seja uma dessas. Ela está cansada da viagem de ontem à noite e excitada. Talvez seja por isso que está se sentindo mal, hoje. É possível que não aconteça de novo.

Lúcia, que se deliciava com o suave balanço do navio e o soprar da brisa que lhe remexia os cabelos, sentiu uma picada de remorso por estar fazendo um piquenique com ele enquanto sua irmã estava prostrada lá em baixo.

Mas mais tarde, quando o navio passou pelo Cabo de Sounin ficou contente por ter podido vê-lo. No alto havia doze colunas dóricas de um branco reluzente, tudo o que restou do templo de Poseidon, construído há vinte séculos atrás.

Várias vezes, durante o cruzamento, ela desceu para ver como estava Cathy. Felizmente, depois de uma hora de sofrimento, no início da viagem, sua irmã adormeceu. Ela estava ainda dormindo quando, à tarde, o esboço da ilha Marina foi avistado, e à medida que o navio se aproximava da ilha as apreensões de Lúcia retornavam. Um nó de tensão começava a apertar-se dentro dela. Não havia esquecido o que dissera a Nicolas ao telefone, e tinha certeza que ele também não o havia esquecido. Na primeira oportunidade ele iria se sentir todo feliz em provocá-la a respeito.

A primeira vista de Marina era a de uma cadeia de montanhas, circundadas de recifes calcáreos. Mas esse aspecto era apenas o do norte da ilha. Quando o navio tomou a direção da costa, os recifes se substituíram por promontórios rochosos, protegendo pequenas praias vazias.

Cathy foi desembarcada, apoiada por Lúcia de um lado e Yannis do outro. Apesar de ter dormido muito ela ainda parecia fraca.

- Ah! O jeep está lá - disse Yannis, apontando para um carro estacionado fora da confusão.

Por um instante, Lúcia pensou que o homem de pé ao lado do jeep fosse outro dos parentes de Nicolas. Estava usando uma camisa rosa e calças azuis desbotadas e parecia tão robusto quanto os homens que descarregavam a carga. Mas, de repente, ele caminhou na direção deles e tirou os óculos escuros. Era o próprio Nicolas.

- Oi, como estão vocês? Bem-vindas à Marina! Antes que pudessem dizer alguma coisa, Yannis disse:

- A senhorita Cathy sentiu-se mal durante a travessia, Nico. Teve um enjoo.

- Teve? Oh! pobre garota. E você, Lúcia?

- Eu estou bem, obrigada. Mas acho que Cathy deveria descansar durante algum tempo para se recuperar devidamente - disse ela, esperando que ele compreendesse a sua insinuação.

- Claro, ela precisa descansar. Não jantamos antes das nove. Até lá ela estará bem. Você vem com a gente Yannis?

Não, preciso voltar ao hotel e ver se está tudo em ordem. Mais tarde darei uma chegada lá. - Yannis colocou as malas no banco a frente do carro. - Até mais tarde, senhorita Cathy. Até mais tarde, Lúcia. Se eu não as vir hoje, estaremos juntos amanhã. - E com uma palmadinha no ombro de Nicolas e um olhar ardente a Lúcia, ele os deixou.

Nicolas acomodou Cathy no banco de trás do carro.

- Acho que vai ser uma viagem difícil até em casa, mas não é longe. Assim que chegarmos, você poderá descansar. As pessoas estão todas na praia e não

voltarão imediatamente.

Logo que deixaram a cidade, a estrada tornou-se quase um caminho para carroça. Nicolas dirigia devagar e com cuidado, mas mesmo assim eram jogados de um lado para outro e Cathy parecia prestes a explodir em lágrimas.

- Estamos chegando - disse Nicolas finalmente, olhando por cima dos ombros.

Logo o mar tornou-se novamente visível. Da altura em que se achavam, ele parecia até mais azul do que do convés do navio. Então avistaram a casa. Era de um branco ofuscante, como as da cidade. Depois o caminho transformou-se numa descida que os conduziu ao nível do prédio, e sua porta principal. O interior da casa estava frio e penumbroso.

- vou levá-las diretamente para o seu quarto - disse Nicolas, tomando a dianteira, enquanto as duas irmãs o seguiam. No fim de um longo corredor, abriu uma porta.

- Este é o seu quarto, Cathy - ele informou e colocou a mala de Cathy sobre uma cadeira, perto da cama. Em seguida conduziu Lúcia através do banheiro que ligava os dois quartos e guardou a sua mala. - Quando você tiver posto Cathy na cama, venha tomar um drinque comigo. Estarei no terraço, que fica do lado de fora da sala grande, atravessando o hall.

Depois que ele saiu, Lúcia voltou ao quarto. Encontrou a irmã sentada na beirada da cama, chorando.

- Tenho a impressão de que minha cabeça está rachando. Estou muito mal - disse ela em voz lamentosa.

Cathy estava tão parecida com uma criança doente que Lúcia sentou-se ao lado dela, envolvendo-a com o braço.

- Pobre Cathy, como a viagem está sendo desagradável para você! Mas você vai ficar boa logo.

Deixe-me ajudá-la a tirar a roupa e em seguida lhe darei uma aspirina.

Você ouviu o que Nicolas disse, eles jantam bem tarde na Grécia. Você não terá que encontrar as demais pessoas imediatamente.

Quando ela terminou de desfazer a sua mala e a de Cathy, a irmã havia dormido novamente. Lúcia tomou o seu banho e trocou de roupa. A casa não era o que ela havia esperado. Embora seu quarto fosse espaçoso e de teto alto, as paredes brancas e nuas faziam-no parecido com um quarto de convento. A cobertura, da cama parecia sido tecida a mão numa cabana de camponês. Além da cama de casal, havia um guarda-roupa entalhado, um baú que servia de cria do-mudo e uma poltrona.

Depois, incapaz de protelar o momento do encontro por mais tempo, ela atravessou o hall em direção ao grande salão que ele havia mencionado. Não

havia nenhum traço da decoração moderna que esperava encontrar. Nicolas estava lá fora, sentado numa cadeira. lendo um jornal.

- Ah! é você! Como está Cathy? - perguntou, levantando-se e jogando o jornal de lado.

- Está dormindo. É possível que ela tenha de ficar de cama até amanhã.

- Pobre Cathy, que péssima apresentação a Marina.

- Sim - disse Lúcia. - Antes de regressarmos vou conseguir algumas pílulas antienjô, se puder comprá-las aqui. Se ela se sentiu mal num dia como este, imagine se na volta tivermos um mar tempestuoso.

- vou buscar alguma coisa para bebermos.

O que? Não havia empregado para lhe trazer a bebida?, pensou Lúcia. Em seguida lembrou que na Grécia, e na maioria dos países quentes, as horas da tarde eram ociosas.

Eram pouco mais de cinco horas.

Ele voltou com dois copos numa das mãos e uma jarra de suco de laranja gelado, na outra.

- Você quer suco? Ou prefere algo mais forte?

- Não, obrigada. Quero suco.

Nicolas encheu dois copos, passando um a Lúcia.

- Ya sãs! - disse ele, erguendo seu copo na direção dela. Enquanto ela bebericava, ele fez uma ou duas perguntas polidas a respeito da viagem.

- Como está o braço da garotinha, agora? - perguntou Lúcia, lembrando-se do incidente com a menina.

- Oh! Está ótima, brincando na praia - disse ele, apontando com o queixo na direção do caminho inclinado. A praia não era visível do terraço, mas de vez em quando ouviam-se vozes e gargalhadas.

- Foi um desses acidentes que fazem as mulheres gritarem . apertarem as mãos, mas que não são tão graves como parecem à primeira vista. - Prosseguiu Nicolas.

- Não quero sugerir que todas as mulheres fiquem em estado histérico em qualquer emergência. Tenho certeza de que você se sairia até melhor do que eu. Deve estar acostumada com esses acidentezinhos.

- Sim, bastante - concordou Lúcia.

Ela havia quase terminado seu suco. Ele pegou a jarra e ergueu na direção do copo dela. Fitando-a, perguntou:

- Esse vestido foi comprado para as férias?

- Foi.

- Na Grécia, quando alguém usa algo novo, nós dizemos: use-o em boa saúde.

A maneira como ele a examinava deixava-a embaraçada, mas ela conseguiu dar um sorriso em resposta.

- Efharisto, Kyrie.

- Quer dizer que teve o cuidado de estudar um pouco de grego?

- Meu pai sempre disse que ninguém deveria visitar um país, sem aprender a dizer pelo menos "por favor" e "obrigado".

- Seu pai tinha razão - disse Nicolas. - Mas é surpreendente como poucas pessoas têm esse cuidado. Os britânicos então... Sempre esperam que todos os estrangeiros falem inglês, mas raramente se dão ao trabalho de aprender um pouco da língua dos outros. Mesmo as pessoas que geralmente se consideram bem-educadas conseguem apenas gaguejar algumas palavras em francês.

- Acho que você fala grego como um grego - disse ela.

- Sim, foi meu primeiro idioma. Até os sete anos nunca falei outra língua. Nasci nesta ilha. Se não tivesse sido a guerra, eu provavelmente passaria minha vida aqui.

Mas em 1947, quando as coisas se tornaram difíceis na Grécia, meu pai mandou-me para a Inglaterra. Ele foi morto em Creta em 1948. No ano seguinte minha mãe morreu num desastre de avião.

- Oh! Que coisa terrível para você! - disse Lúcia, com voz trémula.

- Na época foi, realmente. Eu tinha dez anos e a escola preparatória inglesa era um ambiente estranho para mim. Mais tarde cheguei à conclusão de que foi a melhor coisa que me aconteceu.

- Quem tomou conta de você depois da morte de sua mãe?

- O irmão mais velho do meu pai e sua esposa. Eles não aprovavam o meu sangue misturado. Por isso gastaram bastante dinheiro para me proporcionar uma boa educação, na esperança de que isso afastasse o que era grego em mim.

Infelizmente, do ponto de vista deles, foi tudo em vão.

- Se você se sente mais grego do que inglês, por que não vive aqui, definitivamente?

- Meus gostos demandam muito dinheiro. Aqui em Marina, o homem que ganha mil dracmas por semana é um Cresus. Para mini é apenas um dinheirinho para comprar um par

de sapatos ou para um jantar a dois no White Tower - disse ele, com um relancear de olhos provocativo.

Lúcia, que se comovera há pouco por ele, de calças curtas, ter ficado órfão e exilado num país estranho, sentiu uma rápida mudança

nos seus sentimentos. Aos trinta

e oito anos, Nicolas era o cínico mais intolerável e auto-suficiente que ela

jamais conhecera. Procurou esconder o que sentia e disse quase impassivelmente.

- Se seu pai viveu aqui por algum tempo, como ganhava a vida?

- Era um escultor, por isso conseguia viver praticamente onde lhe aprouvesse.

Era... - Interrompeu, ouvindo vozes vindas da praia, mais próximas agora. -

Parece

que os outros estão vindo. Quando lhes disse que você é uma professora, acharam que você poderia ser um empecílio entre nós - disse ele com uma pontinha de gozação.

Lúcia ficou imaginando como seriam aquelas pessoas, e teve quase certeza de que iria achá-las tão incompatíveis como elas a achavam. É possível que Nicolas tivesse

adivinhado que ela não estava ansiosa por conhecê-las. Ele disse:

- Não se preocupe. Elas não vão mordê-la. - Assim que ele falou, as pessoas apareceram. Três crianças, com as pernas sujas de areia e os cabelos molhados. Estavam

tão sem fôlego que ele demorou alguns instantes para fazer as apresentações.

Depois disse: Esses são os rebentos de minha irmã: Francesca, Stephen e Ariadne. Esta

é a senhorita Gresham, crianças.

Francesca, a mais velha, tinha pouco mais de treze anos. Usava um biquini amarelo e sua figura já parecia muito linda. Stephan parecia ter uns doze anos e também

era alto e bem-feito. A mais jovem, Ariadne, tinha o rosto redondo e a gorduchice da infância.

- Como vai ?- disse Francesca avançando para apertar as mãos de Lúcia.

Em seguida Stephan aproximou-se e depois dele a pequena Ariadne.

Terminadas às formalidades, Nicolas disse:

- Tenho que ir à vila buscar tia Katina. Tomem conta da senhorita Gresham, ouviram, crianças? Talvez ela queira ver a praia. Sorriu para Lúcia. - Você não se incomoda

de ser deixada à mercê deles incomoda? Volto em meia hora. - E, sem esperar resposta desapareceu no interior da casa.

Francesca sentou-se na cadeira desocupada por Nicolas.

Nico pregou-nos uma boa peça. Pintou-a para nós como um

verdadeiro dragão que iria nos manter em ordem. - Respirou fundo e ficou rubra.

- O que você quer dizer? - perguntou Lúcia.

- A senhorita é a professora, não é? - perguntou Francesca com voz de desapontamento.
 - Sim, sou.
 - Oh! glória! Graças a Deus! Se fosse a outra, talvez ele estivesse dizendo a verdade. - Explicou ela mais ou menos confusa. - Onde está sua irmã, senhorita Gresham?
 - Ela se sentiu mal no navio e está deitada.
 - Oh! compreendo. Coitada! Que chato para ela. Deve ter sido o azeite de oliva. Ele sempre faz mal aos ingleses.
 - Não, foi enjoo do mar.
 - Enjoo, hoje? - perguntou Stephan, incrédulo. - Mas o mar está tão calmo!
 - Não seja tão estúpido - disse a irmã. - Algumas pessoas têm enjoo mesmo num barco rolando devagarinho. Não é verdade, senhorita Gresham?
 - É, acho que é - disse Lúcia.
 - Eu tive enjoo em Harrods. Isso foi antes de eu ter sarampo. Vomitei tudo sobre o carpete. Minha mãe disse que ela só faltou sumir no chão
 - Eu também - disse Francesca. - Você deveria tê-la avisado a tempo de correr para o banheiro.
 - Mas eu não sabia - protestou ela. - A coisa saiu da minha barriga.
 - Ufa! Que menina terrível - disse Francesca, franzindo a testa. - Você vai acabar fazendo a senhorita Gresham sentir-se mal. Podemos lhe mostrar a praia agora, senhorita Gresham. Por que não vem nadar conosco? A água está bem quentinha.
 - Está bem, vou me trocar - disse Lúcia. - E acho que seria melhor vocês me chamarem por Lúcia.
- Ela não demorou para pôr o seu novo maiô verde-escuro. Espiando no quarto de Cathy, notou que a irmã ainda estava dormindo.
- As duas crianças menores já haviam retomado o caminho da praia, quando ela reapareceu no terraço.
- Como você é morena e linda - disse ela a Francesca, comparando os membros dourados da menina com os seus braços e perna empalidecidos pelo inverno.
 - Ah! logo você também estará morena - disse Francesca. -. Eu era branca, quando chegamos. O segredo é não se queimar.
- Você trouxe algum bronzeador? Se não trouxe, podemos emprestar-lhe.
- Tenho um, obrigada - disse Lúcia. - Os seus pais estão aqui com vocês, Francesca?
- Pode ter sido somente impressão sua, mas pareceu-lhe que os olhos azuis da menina anuviaram-se repentinamente.

- Não, papai está em casa, em Londres e mamãe está em Paris -- disse ela. -
Aqui estamos somente nós, Nico e tia Katina.

- Mas há outros hóspedes que vão chegar?

- Não, não, acho que não. Pelo menos Nico não os mencionou. Há também Yannis e toda a horda de parentes de mamãe e de Nico. Mas eles chegam e saem. Não é o que você

poderia chamar de hóspedes.

- Compreendo - disse Lúcia, contemplativamente.

Volteado o caminho, Lúcia viu a praia, uma areia crescente banhada por água cristalina, da cor de água-marinha e não muito profunda. Stephan e Ariadne já estavam

dando os seus mergulhos.

- Não temos permissão para nadar, a não ser que haja um adulto conosco - disse Francesca. - Nico nos deixa fazer coisas que papai e mamãe jamais deixariam. Mas

com relação ao mar, ele é rigoroso. Se quebrarmos o regulamento, tenho certeza de que fará um pacote e nos mandará para casa. Você precisa vê-lo nadar disse ela

com admiração. - Poderia ganhar uma medalha de ouro facilmente.

As crianças nadavam como peixes, e a seguiram sem protestar quando retornou para a areia.

- Não posso ficar aqui muito tempo, porque minha irmã pode acordar e precisar de mim - disse ela, tirando a touca. - Todos vocês jantam às nove horas?

- Às vezes Stephan e eu jantamos às nove, mas Ariadne nunca

- explicou Francesca. - Ela janta às sete. Esta noite nós três vamos para a cama cedo.

Lúcia seguiu-os caminho acima. Nenhum deles levava toalha.

- Posso lhe dar uma ajuda para subir? - perguntou Stephan, quando atingiram a parte mais íngreme do caminho, perto do topo.

Como são bem-educados, pensou Lúcia. Quando chegaram no terraço, Nicolas já havia voltado. Sentado com ele, estava uma senhora idosa, trajando luto.

Nicolas levantou-se e seus olhos passaram pelos braços e pernas nus de Lúcia, de uma maneira que a deixou envergonhada. Ele disse, invertendo a ordem natural de apresentações.

- Esta é minha tia, Lúcia. Tem vivido toda a sua vida aqui na ilha e não fala inglês.

As duas mulheres se entreolharam. Lúcia achava o olhar das mulheres gregas intimidativos. Ela tinha lindo olhos pretos, mas eles não revelavam seus

pensamentos.

Era impossível dizer se ela dava boas-vindas ou desaprovava a visitante estrangeira, convidada do sobrinho. Quando pareceu que a expectativa era que ela falasse

primeiro, Lúcia disse acanhadamente.

- Héro poli, Kyria.

Imediatamente, um sorriso exprimindo a maior cordialidade iluminou o rosto cor de oliva da senhora grega. Segurou a mão de Lúcia com ambas as mãos.

- Kalos irthate, Thespoinis.

Felizmente Lúcia sabia a resposta correta para essa expressão formal de boas-vindas:

- Kalos sãs vrikama - respondeu ela.

A tia Katina voltou-se para Nicolas e disse algo que Lúcia não conseguiu captar. Primeiro ele abanou a cabeça e riu. Em seguida sacudiu a cabeça e disse alguma coisa

depressa demais para que ela pudesse entender.

- Acabo de explicar à tia Katina que você fala apenas um pouco de grego, por isso não adianta ela despejar uma saraivada sobre você - disse ele a Lúcia.

A senhora voltou a sua atenção para as crianças. Pelos gestos, ela parecia dizer que fossem para os seus quartos e se arrumassem para o jantar.

- Tenho que ir e também me arrumar - disse Lúcia. Deixou Nicolas no terraço e seguiu as crianças para o interior da casa.

Ela havia deixado a porta do banheiro aberta e, ao entrar no seu quarto, Cathy disse:

- É você Lúcia?

Lúcia passou para o outro dormitório.

- Como está se sentindo? Melhor?

- Sim, um pouco. - Cathy estava deitada com as costas voltada para a porta de ligação. Então ela rolou para o outro lado e viu a irmã de maio. - Você foi nadar? Quanto tempo dormi?

- Cerca de uma hora e meia. Há ainda muito tempo para o jantar.

- Você encontrou os outros? Como são?

- Sim, são encantadores.

- Conte-me. As mulheres são terrivelmente elegantes?

- Não, não digo elegantes. São ambas de muito boa aparência

- disse Lúcia, mantendo um ar sério.

- Quantos homens há?

- Só um. Parece maravilhoso também. - Ela sentiu que não ficava bem continuar

enganando a irmã e disse: - São todas crianças, Cathy. São o sobrinho e sobrinhas de Nicolas.

Cathy ficou boquiaberta:

- Crianças! Não compreendo. Nico não me disse que haveria crianças. Onde estão os outros? Os adultos, os demais participantes do grupo?

- As crianças são os demais - explicou Lúcia. - Fora Nicolas e nós, a única outra pessoa adulta é sua tia Katina que, suponho, dirige a casa para ele.

- O quê? Oh! deve haver outras pessoas. Três crianças e uma tia não constituem um grupo, uma reunião social. As demais pessoas devem estar em algum lugar.

- Não, de acordo com Francesca. Perguntei-lhe se havia alguém mais aqui. ou para chegar, e ela me disse que não.

- Eu chamo isso o absurdo - disse Cathy, no máximo da indignação. - Ele disse claramente que ia ser um grupo em sua casa. Não vim aqui para montinhos de areia com três crianças.

- Achei que você vinha para estar com Nicolas - observou Lúcia. - Importa quem mais está ao redor?

- É claro que importa. É muito mais divertido com bastante gente. Pensei que haveria pelo menos dez pessoas.

- Duvido que haja acomodação para tanta gente. Não há muitos quartos.

- Esse é outro ponto - disse Cathy irritada. - Este quarto não me agradou. É muito vazio. Nem um pouco como o apartamento dele. Olhe para estes lençóis. Parecem feitos de sacos!

- São de linho não alvejado. Têm longa duração - disse Lúcia. Abaixou para aspirar o cheiro. - Que cheiro agradável. Provavelmente foram secados sobre arbustos, ou guardados com ervas.

- Bem, eu gosto de lençóis macios, de carpete no assoalho e de um toucador - disse Cathy com amuo. Desceu da cama e foi inspecionar o banheiro.

Depois de tomar o seu banho - qualquer fosse a falta de outros refinamentos a casa tinha excelentes encanamentos e muita água quente nas torneiras -, Lúcia se vestiu, lavou o seu maio e, em seguida, colocando-o num saco plástico para não pingar no assoalho, saiu para procurar onde pendurá-lo. Encontrou Francesca no hall, que a levou ao varal para secar roupas.

- Venha ao nosso quarto - convidou Francesca, quando entraram novamente em casa. - Stephan está dividindo o seu com Nico, e Ariadne e eu ocupamos o que fica ao

lado do da tia Katina. O quarto das crianças era semelhante ao de Lúcia e Cathy, com a diferença de que ali havia camas-beliches e duas cómodas.

Ariadne estava ainda na cama superior e, com ela, Nicolas. Ele lia uma brochura enquanto a menina tomava sua refeição. Não notou a entrada de Lúcia e continuou lendo a história. Para surpresa dela, ele lia com entonação usando as vozes apropriadas dos personagens e segurando Ariadne na curvatura do seu braço, exatamente como Malcolm Gresham segurava Lúcia, há tempos atrás, quando se sentava com ela na hora de dormir. Minutos depois ele terminou o capítulo e fechou o livro.

- Oh! Só mais um capítulo, por favor, Nico - pediu a garota.

- Não, não esta noite, querida. - Saltou para o chão. - Oh! alo, Lúcia. Desculpe, não a vi chegar. - Não havia constrangimento nas suas maneiras. - Como está Cathy?

- Muito melhor, eu acho. Está tomando um banho. Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar sua tia?

- Acho que não. Francesca lhe dá uma mão, quando ela precisa.

- Quer ler um pouco mais para mim, Lúcia? - pediu Ariadne esperançosa. - Ela disse que podíamos chamá-la de Lúcia - acrescentou ela, quando o tio ergueu as sobrancelhas.

Lúcia sorriu.

- Sim, vou ler para você.

- Bem, só um capítulo - disse ele firme à Ariadne. E depois, antes que Lúcia começasse a subir na cama beliche, ele colocou-lhe a mão na cintura, erguendo-a e sentando-a ao lado da sobrinha. Fez isso com tanta rapidez e sem nenhum esforço, como se não passasse de uma criança. As crianças riram de sua surpresa.

- Nico não é forte? - perguntou Ariadne. - Ele consegue me levantar até o teto. Nicolas alvoroçou-lhe os cabelos.

- Você é uma tagarela. Trate de terminar a sua refeição. - Em seguida saiu do quarto, lançando a Lúcia um olhar brincalhão, como se soubesse que não foi somente de surpresa que ela corou.

Cathy estava dando os últimos toques na sua maquilagem quando Lúcia retornou.

- Onde você esteve todo esse tempo? - perguntou ela.

- Estive lendo para a garotinha mais nova.

- Agora percebo por que Nico estava tão ansioso para que você viesse. Não acho que era apenas para que nos fizesse companhia.

Obviamente sua intenção era que você afastasse as crianças do seu pé.

- Ele parece adorá-las - disse Lúcia. - E as duas maiores são perfeitamente capazes de tomar conta de si, a maior parte do tempo.

- Que idade tem a mais jovem?
- Seis anos.
- Bem, espero que ele não vá ficar agarrado com ela. Ele não é do tipo paternal, graças a Deus - disse Cathy.
- Talvez você não o conheça tanto quanto pensa.
- Bem, ele nunca falou delas antes. Não pode ter tanta loucura por essas crianças. Acho que elas lhe foram entregues para que os pais tivessem uma folga, e ele chegou à conclusão de que você seria a pessoa ideal para cuidar dos pequenos terrores.

Quando Francesca disse que Nicolas a havia pintado como um dragão, Lúcia tinha tomado isso como uma brincadeira. Mas agora ela começava a imaginar se, na realidade, ele não tinha falado sério. Talvez Kathy tivesse razão. Aquela estranha expressão de infelicidade no semblante de Francesca, quando Lúcia lhe perguntou a respeito dos pais, pareceu sugerir que havia uma razão oculta para que as crianças estivessem sob os cuidados do tio.

A possibilidade de Nicolas não ter sido sincero no que dissera na cozinha em Montrose e a suspeita de estar sendo ludibriada deixou Lúcia tão irritada que ela se trancou no quarto. Não era a primeira vez que tinha pensamentos vingativos a respeito de Nicolas! Na verdade, toda vez que o encontrava acabava zangada. Mas esta noite sua suspeita e fúria estavam misturadas com mágoa. E desde aquele momento no quarto das crianças, em que ele a ergueu para colocá-la sobre o beliche, ela não pôde mais negar a si mesma a causa de sua mágoa. Quando sua mão lhe pressionou a cintura, ela sentiu o coração pular tão selvagememente como um pássaro numa rede.

Cada músculo do seu corpo se contraiu com o contato e o excitamento. Mesmo agora, pensando no caso, ela sentiu calor e frio. O pior de tudo é que, no fundo, ela havia sentido a atração desde o começo, desde a noite em que chegou em casa e o encontrou beijando a irmã.

Às quinze para as nove Yannis chegou. Kyria Katina estava ocupada na cozinha e Nicolas oferecia às duas irmãs o aperitivo mais popular da Grécia.

- Ah! a senhorita está melhor agora, Cathy - disse Yannis entrando na grande sala conhecida como estúdio. Mas, embora ele se mostrasse cortesmente satisfeito por vê-la recuperada, foi à Lúcia que lançou o sorriso mais cheio de calor. - E você, linda Lúcia, que está achando da minha ilha? Não é uma beleza?
- Sim, parece um lugar adorável. Yannis - disse ela lançando um olhar rápido a Nicolas, para captar-lhe a reação diante do cumprimento lisonjeiro de Yannis. Mas ele estava acendendo um cigarro e ela não pôde ver a expressão dos seus olhos.

- Amanhã vou mostrar-lhes o hotel - disse Yannis, servindo-se da saborosa guloseima chamada meies.

- Amanhã é Sexta-feira Santa - ela lembrou-lhe.

- A igreja ortodoxa não festeja a Páscoa como a católica ou a protestante - disse Nicolas. - Às vezes as datas coincidem, mas este ano a Páscoa na Grécia será mais tarde que na Inglaterra.

Kyria Katina pôs a cabeça na porta e pediu que tomassem lugar à mesa porque o jantar estava quase pronto.

O estúdio era uma sala para vários fins, com dois grandes sofás e várias cadeiras agrupadas ao redor da ampla lareira, numa extremidade, e uma área de jantar na outra. Nicolas puxou a cadeira em que Cathy deveria sentar-se e Yannis cuidou da de Lúcia.

- Vocês vão notar que a comida grega é semelhante à inglesa disse Nicolas, tomando o seu lugar à cabeceira da mesa. - Quando é mal feita é horrível, quando bem feita, uma delícia. Esta noite vamos comer moussaka, que é uma espécie de pastelão de pastor. Quer provar um pouco de retsina, Lúcia? Ou prefere vinho comum? Lúcia sabia que o vinho resinado tinha um sabor diferente mas estava curiosa por experimentá-lo.

- Quero um pouco de retsina, por favor.

- Achei que você ia querer - disse ele, num tom que ela não conseguiu interpretar. Para a irmã, ele disse: - Quanto a você, é melhor que tome vinho, Cathy. Tenho certeza de que não vai gostar de retsina. A maioria dos ingleses diz que tem gosto de terebentina.

A moussaka de Kyria Katina estava deliciosa. A base do prato era carne picada, berinjelas, tomates e cebolas, cobertos com uma camada de molho com queijo ralado.

Cathy foi a única pessoa que não apreciou muito a comida. Lúcia não tinha certeza se ela realmente não gostou da moussaka ou se ainda estava indisposta.

- Bem, que acha? - perguntou Nico quando ela tomou o primeiro gole da retsina. Lúcia tomou um pouco mais. O gosto era diferente de tudo que já havia experimentado antes.

- Não tenho certeza ainda - disse Lúcia cuidadosamente.

- Não precisa ser polida. Não nos ofenderemos se você não gostar -: disse ele satiricamente. Poucos gregos não o apreciam. Tome do outro vinho.

- Não, prefiro tomar deste. . . obrigada. - Ela se voltou para a tia e disse em grego: - Está excelente, Kyria, inclusive a moussaka.

A senhora grega sorriu e, assim que Lúcia terminou, insistiu para que ela comesse mais. A refeição terminou com frutas e café. Mais tarde Lúcia

perguntou, através de Nicolas, se ela podia ajudar sua tia a tirar a mesa e lavar a louça. Mas quando a consulta foi traduzida, Kyria Katina pareceu muito chocada e respondeu que Lúcia precisava descansar depois de sua longa viagem.

- Vamos subir ao terraço de cima da casa e observar o mar à luz do luar - disse Yannis pegando-lhe na mão e puxando-a da sala. Subiram por uma escada externa.

- Está meio frio agora. Talvez fosse melhor você buscar um agasalho - sugeriu ele, quando encostaram no parapeito.

- Não está frio. Está uma noite maravilhosa - disse Lúcia, respirando profundamente o ar marítimo. Ele a envolveu com o braço e acariciou-lhe o braço nu.

- Você está quentinha. Gosto do seu perfume. Que perfume é esse?

- É água de toalete "Blue Grass". - Ela fez menção de afastar-se, mas a mão dele apertou seu braço e segurou-a. Aproximou o nariz de sua nuca. - Hum! é muito bom

- murmurou. Em seguida ele a beijou atrás da orelha.

Para sua própria surpresa, Lúcia não se sentiu chateada nem embaraçada. Mas quando Yannis virou-a, com evidente intenção de beijá-la na boca, ela o empurrou dizendo com voz mansa:

- Não, Yannis, por favor, não.

- Por que não? - perguntou ele, perplexo. - Você gosta de mim, não gosta?

- Sim, gosto de você - começou ela. - Mas...

- Você tem algum compromisso?

- Não.

- Então por que diz que não devo beijá-la?

- Ontem, a esta hora, não nos conhecíamos ainda - disse ela, lembrando-o.

- Tive vontade de beijá-la quando nos encontramos - disse ele sorrindo. - Se isso nos causa um prazer recíproco, por que temos que esperar?

Era uma pergunta para a qual ela não tinha resposta, a não ser a convencional, que já havia dado. Negar que gostaria de ser beijada era pura hipocrisia, pois até o braço dele em sua cintura lhe causava uma agradável sensação. E, embora fizesse menos de vinte e quatro horas que o conhecia sentia que havia muito o que gostar nele, além de sua beleza física. Tomando sua hesitação por aquiescência, Yannis escorregou o braço direito mais firmemente ao redor dela e, com a mão esquerda, acariciou-lhe o rosto voltado para cima.

Mas, no exato momento em que ela tinha de resistir ou ser beijada, ele percebeu que não tinha mais o terraço só para eles. Nicolas estava perto da escada, de pé, observando-os.

Sua respiração ofegante e a pressão de sua mão contra o peito dele fizeram Yannis rir e dizer baixinho:

- Não se sinta envergonhada, linda Lúcia.

Apesar de Yannis falar baixo, Nicolas ouvia.

- Você está enganado, Yannis - observou ele, caminhando em sua direção. -

Lúcia não está envergonhada. Ela simplesmente é contra o beijo à primeira vista e sem significado, não é verdade, Lúcia?

Ela não respondeu. Mas Yannis, completamente despreocupado pela intromissão do primo, manteve o braço em volta de sua cintura e disse bem-humorado.

- Não o ouvi subir, Nico. Onde está Cathy?

- Ela ainda não recuperou bem a sua cor, por isso a aconselhei a ir para a cama mais cedo.

- Eu. . . acho que também vou, se vocês não se incomodam disse Lúcia rapidamente. - Boa noite, Yannis. Boa noite Nicolas.

Ela estava em seu quarto há apenas alguns minutos quando a porta de ligação dos dois quartos se abriu e Cathy entrou, -...,

- Estas vão ser umas lindas férias - disse ela petulante. - Não há nada a se fazer nesta ilha. É um túmulo!

- Bem, não adianta se queixar para mim - disse Lúcia, quase irritada. - Foi você quem quis vir.

- Mas também não é motivo para querer arrancar minha cabeça com os dentes. Por que você está assim irritada?

- Por nada, estou cansada, é só isso. Vá se deitar, Cathy. Nós duas precisamos de um bom descanso.

CAPITULO IV

Na manhã seguinte, bem cedo, antes que qualquer outra pessoa despertasse, Lúcia se levantou e saiu para dar um passeio.

Não estava longe de casa quando ouviu um assobio. Voltando-se, ficou aborrecida ao ver Nicolas subindo a colina, atrás dela. Mas disfarçou quando ele se aproximou.

- bom dia. Você levantou cedo - disse ele, ao alcançá-la.

- Espero que tenha achado a cama muito desconfortável.

- Não, muito pelo contrário - disse ela polidamente. - Não sei por que acordei tão cedo. Mas meu pai dizia que esta é a melhor hora do dia, nas ilhas, então resolvi

sair e explorar. Não esperava que alguém mais estivesse por aqui.

- Os outros não se levantarão antes de uma hora ainda, mas eu sempre me levanto cedo quando estou em Marina. Você não se incomoda que me junte a você? Gostaria de

conversar. - E com essa afirmação, um tanto intimidante, ele começou a caminhar ao lado dela. Lúcia perguntou:

- Há construções antigas em Marina?

- Não, nenhuma. Mas há ruínas de um antigo templo numa das ilhas que a gente vê lá de casa. É um lugar desabitado, mas às vezes a gente vai até lá, em piqueniques.

Poderemos passar um dia lá, na próxima semana. Não há muitos restos do templo. Apenas alguns pisos e pilares. Mas vamos passar os dois últimos dias de suas férias

em Atenas, poderemos visitar o Parthenon.

- Isso me lembra que lhe devemos algum dinheiro - disse Lúcia.

- De quê? - perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

- Do nosso hotel, anteontem. Quando pedi a conta, soube que havia sido paga.

- Claro, vocês estavam lá como minhas hóspedes.

- Ob! Mas isso não está certo! Você precisa dizer quanto lhe devemos.

- Por quê? - perguntou ele, divertido. - Você pode aceitar minha hospitalidade aqui, por que não em Atenas?

- Bem, não é a mesma coisa - objetou ela confusa. - O hotel, sem dúvida era caro. Não podemos, de jeito nenhum, concordar que você pague aquela despesa.

- Eu era o responsável pela estada de vocês lá, e tinha mais condições de pagar do que vocês. Portanto, é mais do que lógico que eu pagasse. - Então ele riu, mofando

dela. - Você é cheia de escrúpulos, linda Lúcia.

Quando Yannis a chamava daquela maneira, ela não dava tanta importância. Mas quando Nicolas o fez, imitando o primo, mesmo para fazer gozação com ela, um tremor estranho lhe correu pelo corpo. Para tomar a ofensiva disse, fingindo indiferença:

- Era isso que queria me dizer? Que não devo levar Yannis a sério?

- Não imaginei que você o fizesse.

- Não vejo por que. Acho que a maioria das mulheres se sentiria atraída por Yannis. Ele não só é muito simpático, como parece uma ótima pessoa.

- E é também um grego - disse ele mordaz.

- Que tem isso a ver?

Nicolas mais uma vez pareceu se divertir.

- Na Grécia amor é uma coisa, casamento é outra. Os homens gregos podem ter sangue quente mas não são românticos, no sentido inglês. Na Grécia, a mulher com melhores perspectivas de casamento é a que tem um grande dote, não a que tem o rosto mais lindo. E os gregos muito raramente se casam com estrangeiras. Eles acreditam no provérbio: "um sapato feito em casa, mesmo remendado, é o melhor".

Lúcia não fez nenhum comentário a respeito disso, mas um pouco mais adiante perguntou:

- O que você queria conversar comigo?

- Vamos nos sentar um pouco? - Estavam num lugar alto.

- O que você acha das crianças?

- Encantadoras - disse ela, olhando ao longe o outro lado da baía. Seu pai lhe havia falado da maravilhosa claridade no mar Egeu, especialmente nas primeiras horas da manhã. Naquela manhã ela via com os próprios olhos o que ele dizia.

- É a respeito das crianças que quero falar - disse Nicolas acendendo um cigarro. - Acho que devo lhe dizer por que elas estão aqui, sem os pais, antes que elas mencionem qualquer coisa. Pode ser que Francesca saiba das coisas e possivelmente Stephan também. - Fez uma pausa. - O fato é que minha irmã e o marido estão a caminho de romper seu casamento.

- Percebo - disse Lúcia baixinho. - Sim, acho que Francesca sabe. Eu lhe perguntei ontem se os seus pais estavam aqui e tive a impressão de perceber um lampejo de infelicidade no seu semblante, quando disse que seu pai estava em Londres e a mãe em Paris.

Nicolas continuava fumando o seu cigarro.

- Meu Deus, como as pessoas são tolas - disse ele. - Tiveram um casamento feliz durante quinze anos. Agora vão arruinar suas vidas e a das crianças.

A exasperação na sua voz e no seu rosto surpreendeu Lúcia. Se ela tivesse pensado nisso antes, teria imaginado que a atitude dele em relação ao rompimento de um casamento fosse apenas de cinismo e indiferença.

- Bem - disse ela -, se um casal não consegue se dar bem, às vezes é melhor que se separe, pelo bem dos filhos. Tenho um menino na minha classe cujos pais brigam como cão e gato. O pobre garoto não tem nenhuma segurança.

- Sim, isso pode ser verdade em algumas circunstâncias - concordou Nicolas, mais ou menos impaciente. - Mas este não é um caso de incompatibilidade básica. Há bem pouco tempo, Sofia e Richard eram bastante felizes. Estão se afogando num copo d'água.

Ele Meou em silêncio por alguns minutos. Observando-o, Lúcia notou como sua

boca era bem talhada e seus ombros largos. Essa não era a espécie de pensamentos que desejava ter a respeito dele e isso a vexou, pois estava inclinada a não gostar-e não confiar nele.

- O mal das mulheres é que elas nunca aceitam os defeitos das pessoas - disse ele.

Pelo menos uma vez ele não estava tentando irritá-la. Na verdade, Lúcia sentiu que ele parecia mesmo ter esquecido de sua presença ali, e estava pensando em voz alta. Então, olhou-a de relance, mas ainda com uma expressão ausente.

- Sofia foi criada por outro ramo da família - disse ele. - Ela parece e pensa como uma inglesa. Há muito pouco sangue grego nela. É uma moça muito capaz, de muita força de vontade e de muito talento para organização. E não é do tipo que gosta de dominar. Nunca teve de lutar para impor sua vontade, porque Richard se deixa levar facilmente e não liga que ela dirija as coisas. Mas quando um homem deixa sua mulher usar suas calças, ela deve ser capaz de perceber que ele poderá ser igualmente manejado por outras pessoas.

Ele fez uma pausa, soltou uma baforada de fumaça e continuou;

- Infelizmente, Sofia acabou descobrindo que meu cunhado estava envolvido com uma das secretárias do escritório. O caso está terminado e nunca foi muito longe. Mesmo assim ela está pensando seriamente em deixá-lo.

- O que você quer dizer com "nunca foi muito longe"?

- Richard nunca levou a garota muito a sério. Foi ela quem tomou a iniciativa no caso.

- Como você sabe?

- Porque eu a encontrei uma vez, e ela tentou me envolver

- disse ele despreocupado. Deu-lhe um sorriso maroto, depois continuou: - Você sabe que há mulheres predatórias também.

- Talvez seja isso que sua irmã não pode perdoar - sugeriu Lúcia. - Talvez ela se sinta humilhada porque o seu cunhado realmente não deu importância à garota. Se eu fosse casada poderia perdoar meu marido por se apaixonar por outra mulher, mas não por viver uma aventura casual.

- Se você o fizesse feliz, ele não necessitaria de ninguém.

- Você quer dizer que quando um homem sai da linha a culpa não é sua, e sim da mulher? - indagou ela acremente. - Você acha que sua irmã deveria fazer vistas grossas?

- Não, mas acho que é uma pena sacrificar cinco vidas por causa de um orgulho.

- Será que é só uma questão de orgulho? Como você se sentiria, se fosse casado, e sua mulher lhe fosse infiel? Engoliria o seu orgulho e a perdoaria?

- Claro que não - respondeu ele prontamente. - Mas esse é um caso

inteiramente diferente.

- Não vejo por quê. Não me parece diferente.
- Como você reage à simples sugestão de que as mulheres não são iguais aos homens!
- É que eu acho que são. E percebo que você não acha.
- Eu sei que não são - disse ele com brandura -, mas isso não quer dizer que eu as considere inferiores.
- Bem, isso é bondade sua - disse ela com voz pungente.
- Minha querida garota - disse ele, rindo -, você pode ser inexperiente, mas não é ignorante. Ouso dizer que, em teoria, você é muito mais esperta do que Cathy.

Você sabe tanto quanto eu que a formação emocional de uma mulher é muito diferente da do homem. Aqui não entra a igualdade.

- Você quer dizer que o homem pode ter relações amorosas com qualquer mulher, mesmo sem sentir nada especial, mas as mulheres não podem fazê-lo?
- Exatamente - disse ele. - Para a mulher sempre há um certo grau de comedimento, elas se guardam mais. Para o homem, com frequência, não há nenhum.

Lúcia levantou-se e espanou com a mão o fundo de suas calças compridas.

Depois, afundando as mãos nos bolsos, disse:

- Não tenho certeza. Acredito naquela premissa. É claro que é uma premissa muito conveniente.

com um pequeno movimento ele também se levantou, colocando-se ao lado dela.

- Não é uma premissa, é um fato irrtorquível. - Seus olhos estreitaram-se e brilharam. - Posso provar-lhe, se você quiser.

Ela se afastou um passo, o coração disparando.

- Prová-lo? O que você quer dizer?
 - Se eu a beijasse, você não esqueceria. Iria se lembrar pelo resto de sua vida.
- Lúcia perdeu a respiração. Depois, erguendo o queixo, disse com voz não muito firme:

- E você o esqueceria em cinco minutos?
- Ah! Isso eu não posso dizer enquanto não tentar. Talvez. . . talvez não. Talvez você me surpreendesse, linda Lúcia.
- Não lhe ocorreu que eu poderia não querer que você me beijasse, que eu poderia lembrar pelo resto da minha vida como algo desagradável?
- Essa é outra faceta das mulheres - disse ele, mostrando os dentes alvos. - Quase sempre não são honestas consigo mesmas. Você gostaria de ser beijada por mim tanto quanto eu gostaria de beijá-la. Por que não ser sincera e admiti-

lo?

- Porque isso não é verdade.

Ele ergueu as sobrancelhas, ceticamente.

- Se não é verdade, deve haver algo errado com você. Qualquer moça da sua idade que nunca teve uma relação amorosa completa, deve estar sequiosa por fazê-lo.

- O que o faz tão certo de que eu nunca tive uma relação amorosa?

- O fato de você estar tão agitada agora.

- Mas eu não estava agitada ontem à noite, quando Yannis tentou me beijar.

- Yannis não a beijaria sem você querer. Você pensa que eu poderia fazê-lo, não é verdade? - disse ele zombando.

Lúcia esqueceu-se de que era uma hóspede.

- Francamente eu acho que você é capaz de tudo - jogou-lhe na cara.

Mas isso não o feriu nem um pouco, pois ele se limitou a rir e disse, despreocupado.

- Bem, não se preocupe, não vou beijá-la. - E, estendendo o braço, fez uma leve carícia no rosto de Lúcia, com as costas da mão.

- Mesmo assim, acho que você vai se lembrar desta manhã por algum tempo.

Lúcia corou, depois empalideceu. Sem dizer mais nada ela se voltou e desceu o caminho da colina tão depressa que, por várias vezes, onde o chão era mais irregular,

quase torceu o pé. Quando se aproximava da casa, Nicolas a alcançou e segurou-lhe o cotovelo.

- Voltando ao ponto de onde começamos, se as crianças comentarem com você alguma coisa referente aos seus pais, o que é óbvio que farão, deixo ao seu critério conduzir o assunto como achar melhor.

Lúcia resistiu ao impulso de afastar a mão dele.

Não creio que elas fariam confidências a uma pessoa estranha

- respondeu, num tom cuidadosamente moderado.

- Às vezes é mais fácil nos abirmos com uma pessoa estranha que nos inspira simpatia do que com alguém mais ligado a nós.

Ela não fez nenhum comentário e percorreram o resto do caminho em silêncio, embora Lúcia estivesse ciente de que ele a observava, podia apostar que havia um vislumbre

de divertimento quase sádico nos seus olhos.

Ao chegarem em casa, encontraram as três crianças esperando para descerem para a praia, para um banho antes do café da manhã. Já tinham os calções e a

toalha de Nicolas prontos para ele. Mas quando perguntaram a Lúcia se queria acompanhá-los ela sacudiu a cabeça e disse que preferia ir ver como Cathy estava se sentindo.

A julgar pelo canto vindo do pequeno banheiro, quando entrou no quarto, sua irmã havia se levantado de muito bom humor. Lúcia sentou-se na beira da cama e se pôs a considerar como poderia suportar duas semanas naquele jogo de gato e rato que parecia ser o deleite de Nicolas.

Por que será que ele sente prazer em me atormentar? - perguntou a si mesma, arrasada. - Será porque eu finjo ser indiferente com ele? Meu bom Deus, se ele soubesse!...

Cathy entrou tão bem arrumadinha que fez Lúcia parecer mais perto dos trinta do que dos vinte.

- bom dia - disse ela animada. - A que horas eles tomam o café da manhã, você sabe?

- Quando Nicolas e às crianças voltarem da sua natação matinal, eu acho. Desceram à praia agora mesmo.

- Espero que não demorem. Estou morrendo de vontade de tomar uma xícara de café.

- Você arrumou sua cama? - perguntou Lúcia.

- Oh! Não vou esquentar com isso. Deve haver uma arrumadeira que cuide disso. Espero que tenham alguém da vila - respondeu a irmã.

- Talvez, mas eu ainda acho que devemos arrumar nossas camas e dar uma ordem no quarto.

- Você pode fazê-lo, se quiser, mas eu vim aqui para passear. Cathy passou pela porta de Lúcia e desapareceu.

Estavam todos à mesa do café da manhã, quando Yannis chegou. Depois de dizer bom dia a todos, perguntou ao primo:

- Você não se incomoda se Lúcia passar o dia comigo, Nico?

- Se ela quiser, da minha parte tudo bem - disse Nicolas.

- Vamos almoçar no hotel e à tarde vamos nadar - disse Yannis. - Voltaremos lá pelas

cinco ou seis horas, isso se você não precisa do jeep hoje, Nico.

- Não. Mas não deveria primeiro consultar Lúcia? Yannis pareceu um tanto desconcertado.

- Desculpe - disse ele rapidamente a Lúcia. - Talvez você preferisse um outro dia?

Ela deu-lhe o seu sorriso mais reluzente.

- Você sabe que eu adoraria passar o dia com você, Yannis disse com um calor

desnecessário.

Os olhos negros de Yannis brilharam.

- Então, vamos sair assim que você apanhar a sua roupa de praia. Lúcia afastou sua cadeira e pediu que Kyria Katina a desculpasse.

Dirigiu um sorriso às crianças e a Cathy. Não lançou sequer um olhar a Nicolas. Para chegar ao hotel, tiveram de atravessar a cidade e viajar alguns quilômetros depois dela. Como a casa de Nicolas, o hotel ficava no alto de uma colina, acima da baía. Tinha vinte quartos de hóspedes, mas só três estavam ocupados na ocasião.

Ele a levou para conhecer a espaçosa cozinha do hotel, onde apresentou sua mãe, irmãs e várias outras parentes que ajudavam na limpeza e na cozinha. Suas três irmãs falavam um pouco de inglês, mas as outras mulheres fizeram os seus cumprimentos em grego.

Depois Yannis mostrou-lhe o resto do hotel. Era um estabelecimento modesto, mas embora os quartos não fossem grandes nem luxuosos, todos tinham chuveiros e vista

para o mar, e estavam escrupulosamente limpos.

- À noite, se os hóspedes desejam ir à taverna, minha irmã toma conta dos seus filhos - disse Yannis. - Este é um hotel familiar. Não há nada aqui para um turista

que deseje excitação.

Mais tarde foram à praia. Lúcia deixou sua bolsa sobre uma cadeira, embaixo de um guarda-chuva de praia e caminhou em direção da água, colocando sua touca de banho.

- Você nada bem - disse Yannis.

Lúcia virou de costas e fez espirrar uma porção de água, enquanto batia os pés.

- Isso é maravilhoso. Você é um felizarado em viver aqui.

- Você sabe que não é sempre assim. No inverno há tempestades e faz frio.

- Sim, mas mesmo nessa época, deve ser maravilhoso. Eu gostaria de trazer minha classe aqui. A maioria dos meus alunos nunca viu o ar, jamais teve umas férias verdadeiras. Uma quinzena aqui faria deles crianças diferentes.

Talvez, mas eles têm muitas vantagens que nossas crianças não têm - e lembrou, depois encarou-a por alguns momentos. - Acho muito estranho que você não seja casada. com certeza não pretende ficar solteira o resto de sua vida.

- Talvez eu tenha que ser - disse ela.

- Por que diz isso? - Yannis parecia pasmado.

- Pretendo me casar um dia, mas tenho de esperar ser pedida.

- Compreendo. Quer dizer que as ofertas que tem tido não a agradaram?
- : Quero dizer que nunca tive nenhuma oferta.
- Não acredito - disse ele enfático. - Deve haver uma dúzia de homens loucos para se casarem com você, principalmente na Inglaterra, onde não existe o dote para atrapalhar.
- Você faz um bem terrível para o meu moral. Se eu passar muito tempo com você, acabo acreditando que sou uma garota estonteante - disse ela rindo.
- Minha esperança é que você passe todo o seu tempo comigo.
- Segurou-lhe a mão e pressionou-a contra o seu peito bronzeado.
- Se você não acredita no que digo, sinta como meu coração bate quando estou com você.

Lúcia não sabia como se sair daquela situação.

- Não consigo senti-lo batendo - disse ela, - numa certa confusão.
 - Acho que não devo continuar no sol, Yannis, vou ficar muito queimada.
- Caminhavam para o guarda-sol, onde Lúcia havia deixado suas coisas e ela procurou na bolsa o seu creme.
- vou passá-lo em suas costas. - Ele pegou o tubo da mão dela e tirou a tampa.
 - Oh! não, eu mesma o aplicarei - disse ela apressadamente.
 - Você não gosta que eu a toque? - perguntou ele, parecendo ofendido.
 - Não, claro que não. . . eu não quis dizer isso.
 - Você é acanhada - ele a acusou, sorrindo.

Por um instante alguma coisa em sua expressão lembrava Nicolas. Lúcia enrubesceu.

- Ah! agora compreendo - disse ele malevolamente. - Você está com receio que eu queira fazer amor com você. Acho que na Inglaterra não é correto fazer amor antes do almoço.

Lúcia não pôde deixar de rir novamente.

- A maioria das pessoas não se sente romântica pela manhã.
- Os ingleses são muito inibidos. Na Grécia não somos tão reprimidos.
- Eu tinha a impressão de que as garotas gregas eram menos livres do que as inglesas.
- Sim, na verdade são concordou ele.
- Então, são só as estrangeiras que vocês beijam quando as encontram? - disse ela, sentando-se numa cadeira.

Yannis puxou sua cadeira junto à dela.

- Como não querer beijá-la, se você é tão linda?
- Oh! Yanis, que exagero! Comparada com Cathy, sou uma feiúra.
- Sim, a senhorita Cathy é linda. Mas não é como você - disse ele com calor. -

Os olhos dela não brilham como os seus. Sua voz não é macia. A gente não se queima ao abraçá-la.

- A maioria dos homens parece sentir tudo isso - disse ela sorrindo. Ela imaginou se a falta de interesse de Yannis por sua irmã não era porque Nicolas tinha deixado

claro que Cathy era a sua garota. - Seu primo traz com frequência amigos de Londres a Marina?

- Não. não é seu hábito. No verão, Sofia e Richard vêm com as crianças, mas na primavera somente Nico vem. Foi uma surpresa para nós quando soubemos que ele ia trazer as crianças e também suas amigas inglesas.

Lúcia não tinha certeza, mas teve a impressão de que Yannis não sabia nada a respeito da crise entre os pais das crianças. Ele começou a esfregar o creme nas costas dela.

Inesperadamente as pessoas que se achavam no hotel desceram à praia. Mais tarde, duas das irmãs de Yannis trouxeram jarras de limonada gelada, pratos de doces e bolos, para que cada um tapeasse o estômago até a hora do almoço. Depois do almoço os gregos e os hóspedes descansavam. Lúcia deitou-se no mesmo quarto onde trocara de roupa. Embora não estivesse acostumada a dormir durante o dia, caiu logo no sono e não acordou antes das quatro. Então ela e Yannis tomaram outro banho de mar.

Na volta, ele perguntou:

- Foi um dia feliz para você?

- Um dia maravilhoso, Yannis... Obrigada.

Ele afastou sua mão da direção e ergueu-a espalmada na frente dela. Depois de um momento de hesitação, ela colocou sua mão sobre a dele. Sem afastar os olhos do caminho ele beijou seu punho.

- O primeiro de muitos dias, linda Lúcia.

Depois de cinco dias em Marina, Lúcia estava tão cheia de vitalidade que podia subir as ladeiras, vindo da praia, com mais fôlego que as crianças.

O calor que deixava Cathy exausta, fazia muito bem à irmã. Cathy perdeu o apetite, Lúcia comia como nunca. Na quarta-feira à tarde, quando estava se despindo para a hora da sesta, Cathy entrou no quarto.

- Não posso suportar isso por mais muito tempo - disse, sentando-se na poltrona.

- Isso o quê? - perguntou Lúcia, embora não precisasse realmente perguntar.

- Este lugar. É tão tedioso!

- Você está entediada com Nicolas também?

- Não, não estou entediada com ele - disse Cathy mal-humorada. - Mas nunca

temos um minuto para nós. Essas crianças estão sempre agarradas. E isso é culpa sua - acrescentou irritada. Parece que a sua missão aqui seria tomar conta das crianças e não passar todo o tempo com Yannis.

- Se Nicolas espera que eu tome conta das crianças, terá de me dizer - disse Lúcia. - Mas não acredito que ele tenha a ousadia de fazê-lo.

- Nicolas disse que Yannis é um Casanova inveterado. Como já não tem prestígio com as garotas locais, fica correndo atrás das visitantes. Você é a última de uma longa lista de conquistas.

- Somos duas nesta situação - disse Lúcia com entusiasmo embora eu duvide que a fila de garotas de Yannis seja tão longa quanto a de Nicolas.

- Não sei o que aconteceu com você. Será que não percebe que está agindo como uma estúpida?

- Nem um pouco. Estou me divertindo. - Lúcia espreguiçou e fechou os olhos. - Vá descansar, Cathy. Estou com muito sono para discutir.

- Não quero descansar. Estou enjoada de descansar. Quero algum entretenimento - explodiu Cathy.

- Então vá queixar-se a Nicolas. Diga-lhe que você está chateada. Não adianta vir descarregar sobre mim - murmurou Lúcia com voz sonolenta. Virou de lado e aninhou a cabeça no travesseiro.

A irmã falou qualquer coisa e saiu, batendo a porta atrás de si. Lúcia sorriu para si mesma. Pobre Cathy. Era quase cruel ser tão indiferente às suas preocupações.

Não havia dúvida de que, segundo seu ponto de vista, as férias eram um triste fracasso. Mas se estavam servindo para provar que ela e Nicolas eram completamente incompatíveis, então essas férias seriam uma quinzena bem proveitosa. Duas semanas dê aborrecimento era melhor do que uma vida inteira de descontentamento.

Naquela noite, Cathy causou sensação aparecendo para jantar com um vestido que não teria passado despercebido numa discoteca de Londres. A saia era tão curta que Kyria Katina emitiu Uma involuntária exclamação de horror. Até Yannis, que chegara alguns

minutos mais cedo, pareceu perplexo. Francesca e Stephan, que naquela noite estavam jantando com os adultos, arregalaram os olhos para Cathy, como se ela estivesse caminhando nua. Lúcia ficou igualmente perplexa. A única pessoa que pareceu impassível à aparência da jovem foi Nicolas. Ele observou o vestido mas não demonstrou sinal de surpresa. . . Talvez essa fosse uma maneira de Cathy mostrar que estava cansada das noites pacatas no terraço. Mas, para

piorar a situação, era semana santa na Grécia, ocasião de tristeza e jejum. Embora continuasse a cozinhar para os que se achavam na casa de Nicolas, Kyria Katina não vinha comendo nada, a não ser verduras cozidas. Por isso, Cathy usar aquele vestido era mais do que uma violação do bom senso. Só serviu como uma gravíssima ofensa.

Depois do jantar, enquanto as crianças estavam ajudando a tia-avó a tirar a mesa, Cathy disse:

- Por que não vamos até à cidade? Deve haver lá alguma vida noturna, não há?
- Provavelmente haveria um tumulto se a levássemos a um café neste traje - disse Nicolas, em tom agudo. - Se vocês quiserem poderemos dar uma chegada até o hotel.

Lá se pode dançar.

- Pois bem, vamos lá então - disse Cathy, deixando claro que qualquer diversão, ainda que insípida, era melhor do que ficar em casa, sentada no terraço, até a hora de dormir. - Não compreendo por que você não tem um toca-discos aqui - acrescentou ela.

- Porque eu prefiro não ter. - Respondeu ele com amabilidade. E quando Cathy deixou a sala para buscar um agasalho ele a observou com um ar de secreto divertimento, que Lúcia não compreendeu.

Quando chegaram ao hotel já havia música. Uma hora mais tarde Nicolas convidou Lúcia para dançar. Ela vinha temendo isso desde que chegaram. Tinha receio de que, embora tentasse manter a calma, ele percebesse sua agitação interna, jogando com ela.

- Bem, a primeira semana das suas férias está chegando ao fim.
- Você está gostando? Está contente por eu ter insistido que viesse? perguntou ele, quando começaram a dançar.

- Sim, tenho aproveitado bastante as férias - respondeu ela polidamente.

- Acho que Cathy não está. Lúcia lançou-lhe um rápido olhar.

- Cathy não liga para o mar, nem para o campo. Você devia ter descoberto isso antes de tê-la convidado para vir.

- Descobri - admitiu ele.

- Se sabia que ela não ia gostar, por que a convidou? Um pálido sorriso passou-lhe pelos lábios.

- Não lhe fará nenhum mal ficar sem se divertir durante alguns dias. Pelo contrário, talvez lhe traga algum bem. Ela é uma pessoa bem estragada.

Lúcia enrijeceu.

- Cathy pode ser um pouco desmiolada às vezes, mas. . . Ele pressionou seu braço, puxando-a para junto de si.

- A lealdade é uma qualidade admirável, mas só quando é verdadeira, minha querida Lúcia. A lealdade forçada não faz bem a ninguém.

Ela resistiu ao impulso de afastar-se dele.

- Não compreendo onde quer chegar.

- Eu lhe direi, mas não aqui. Vamos procurar um lugar discreto, certo? - E, sem esperar pelo seu assentimento, saiu da sala de estar, levando-a para o terraço coberto

de trepadeiras. Ali, soltando-lhe a cintura, mas mantendo sua mão firmemente segura, conduziu-a em direção à praia.

Sempre segurando-lhe a mão, Nicolas foi até um dos toldos de praia e puxou duas cadeiras para o luar.

- Muito perto? - perguntou ele com uma inflexão de zombaria. Afastou a cadeira. - Está bem assim? Essa distância deixa-a mais segura?

Lúcia ignorou a brincadeira de mau gosto. Sentou-se, cruzou as pernas e decidiu que, fosse o que fosse o que ele dissesse ou fizesse, ela não perderia sua compostura.

Nicolas acendeu um cigarro e, depois de alguns momentos, disse:

- Você é uma criatura do contra, não é, Lúcia? A maioria das mulheres o é, é claro, mas você leva isso ao extremo.

- Sou? - perguntou ela inexpressiva.

- Você sabe que é - disse despreocupado. - Cathy faz de você o que ela bem entende. Mas se alguém ameaça criticá-la, você se arrepia como uma galinha choca. Você não é cega aos defeitos dela. Por que espera que eu o seja?

Ela não respondeu, parte porque não tinha uma resposta adequada e também porque a presença de Nicolas a enchia de angústia e desejo.

- Você acha que vale a pena gastar tanto tempo com Yannis? Nicolas perguntou, de repente.

- Por quê?

Ele lançou-lhe um olhar sardónico, mas não fez nenhuma tentativa de explicar. Se ela tivesse tido bom senso, pensou mais tarde, teria ficado calada. Mas, depois de uma pausa, não pôde resistir, e perguntou:

- Você tem objeção à nossa amizade?

- Amizade é a palavra certa? - perguntou ele com as sobrancelhas erguidas. - Acho que paquera seria o termo mais apropriado.

- Bem, paquera - disse ela despreocupada. - Mas não estou correndo nenhum perigo de me apaixonar por ele, se é isso que você está insinuando.

- Não está? Como sabe?

- Porque estou certa de que Yannis se mostra igualmente agradável para muitas

outras moças.

- Você não se importa de ser a última numa sucessão de romances?
- Não. Por que deveria? Ele é uma companhia agradável, é simpático, ideal para umas férias.

- O seu ponto de vista mudou um pouco, não mudou? Há pouco tempo você não aprovaria essa atitude.

- Depende das pessoas envolvidas. Além disso, você mesmo me disse que em Marina eu tinha que ser menos sofisticada. Parece que você tinha razão. - Ela começou a

caminhar na direção do mar. Imediatamente Nicolas a seguiu.

- Contudo acho aconselhável que você gaste menos tempo com ele - disse mansamente.

Foi a vez de Lúcia erguer as sobrancelhas.

- Isso é uma sugestão ou uma ordem?

- É um conselheirinho que você seria tola se ignorasse.

- Você não se acha um tanto inadequado para um conselheiro?

- Pelo contrário. - Nicolas ria. - Os meus pequenos pecados me tornaram particularmente bem qualificado para conduzir outras pessoas, livrando-as de tolices semelhantes.

- É possível. Mas acontece que eu tenho maturidade e sensibilidade suficientes para dirigir minha vida. Obrigada.

- Você pode tê-las, mas o caso é Yannis - disse ele, chegando mais perto dela. Instintivamente Lúcia se afastou um passo.

- O que você quer dizer?

- Será uma desgraça se ele acabar se apaixonando por você, não acha?

Será que Nicolas estava falando sério? Oh! não. Não podia. Isso era uma nova artimanha para confundi-la.

- Há poucos dias você me disse que os homens gregos se preocupavam muito mais com a questão dos dotes do que com a paixão.

- Há poucos dias a situação era um pouco diferente. - Mais uma vez ele deu um passo à frente e mais uma vez ela retrocedeu.

- Isso era antes de você ter começado essa paquera e antes de ter-se modificado. - Ele esticou a mão, segurando-lhe o pulso. - Se você continuar se afastando vai

acabar estragando essas lindas sandálias.. .

Ele tinha razão. Ela estava tão atenta em afastar-se dele que quase enfiou o pé na poça d água.

- Não será melhor voltarmos? Eles devem estar imaginando onde estamos -

disse ela.

- Só voltaremos quando eu tiver sua palavra de que vai pôr um fim nesse absurdo caso com Yannis. - De repente seu tom de voz estava decisivo, sério.

Lúcia agarrou-se no seu autocontrole.

- Então Cathy estava certa. Você me trouxe aqui para tomar conta das crianças. Por que não disse isso em primeiro lugar?

- Cathy lhe disse isso? Que futilidade! As crianças não são bebês e não necessitam de um cão-de-guarda.

- Você não pode esperar que eu acredite que está verdadeiramente preocupado com Yannis. Acho que o risco dele se apaixonar por mim é tão remoto como... como a sua entrada num mosteiro.

- Acho que você tem razão, mas nenhum risco, ainda que pequeno, pode ser descontado. O mais inveterado galanteador no fim acaba encontrando o seu partido. E se Yannis pensar que você é dele vai ser um desastre.

- Obrigada - disse ela com azedume. Ele riu.

- Talvez esta não seja a maneira mais táctica de colocar a questão, mas você sabe o que quero dizer.

- Não, não sei - disse ela gelada.

- Bem, além do fato de que vocês não se ajustam, Yannis não está em condições de tomar nenhuma garota seriamente, ainda. Antes de pensar em casamento ele precisa assentar a situação das suas três irmãs. É uma tradição grega, e a tradição aqui nas ilhas é levada muito seriamente.

- Oh! isso é um absurdo. Você sabe muito bem que não se cogitou em casamento. Estamos apenas nos divertindo. Veja, Yannis nem mesmo... - Ela interrompeu, mordendo os lábios.

- Nem mesmo a beijou - sugeriu Nico as. Lúcia enrubesceu e calou-se.

- Tenho certeza de que ele tentou - continuou ele. - Se não aconteceu ainda, acontecerá breve. Você não conseguirá resistir para sempre. E se pretende não deixar que ele a beije nunca, não fica bem deixá-lo pensando que um dia o deixará.

- Eu não tenho... ele não... oh! por que você não cuida somente da sua vida? - disse Lúcia com olhos chispantes. Ele forçou seu punho preso. - Você está me machucando. Por favor, solte-me.

- Há momentos que mal contenho a vontade de lhe torcer o pescoço - disse ele com voz macia. - Não seja tola, Lúcia. Você não tem se olhado no espelho ultimamente?

- O que você quer dizer - gaguejou ela, possesso.

- Você se subestima. Sempre foi mais atraente do que pensa. Cathy floresce na

cidade, você medra ao sol. Katina disse esta manhã que nunca viu ninguém mudar tão

rapidamente quanto você, desde que chegou. Ela tem razão. Você é uma moça diferente.

Ela engoliu em seco. Sentiu a garganta apertar.

- Que tem uma coisa a ver com outra?

A mão de Nicolas subiu até seus ombros nus. Ele chegou tão perto como se estivessem dançando. -

Isto não é a Inglaterra e Yannis não é como Bernard. Mas mesmo o honesto e pacato Beraard reagiria, se a visse como você está agora. Qualquer homem.

Lúcia prendeu a respiração e um curioso estremecimento percorreu-lhe o corpo. Teve vontade de correr, mas suas pernas estavam sem forças para se mover. Queria falar,

mas seus lábios apenas se moveram, de leve. Se, naquele momento de silêncio, ele a tivesse tomado nos braços, ela teria se entregado passivamente. Ele afastou a

mão do seu ombro e se pôs a caminhar.

- Pense bem nisso. Mas devo avisá-la que, mesmo que você resolva não fazer o que lhe peço, posso facilmente colocar Yannis nos calcanhares.

E antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele partiu, deixando-a sozinha.

CAPITULO V

Na manhã seguinte Lúcia despertou com o som dos sinos. Era sexta-feira santa.

- Esta noite vamos à cidade para assistir aos Epitaphios - disse Nicolas no café da manhã.

- O que é isso? - perguntou Cathy.

Foram as crianças quem lhe explicaram. Embora fosse a primeira vez que estivessem em Marina para a Páscoa, sabiam tudo a respeito das cerimónias e estavam ansiosas por assisti-las.

Depois do café da manhã Lúcia saiu para um passeio com as crianças. Elas queriam mostrar-lhe uma caverna que descobriram durante suas férias no ano anterior. Cathy foi convidada, mas preferiu ficar no terraço fazendo as unhas.

- Você e Cathy não se parecem em nada, não é verdade? - disse Francesca, quando partiram.

- Não, mas somos irmãs por parte de pai - explicou Lúcia.
- Tivemos o mesmo pai, mas mães diferentes.

Na volta, quando Stephan e Ariadne estavam na frente, ela perguntou inesperadamente:

- Os seus pais eram divorciados?
- Não, minha mãe morreu - respondeu Lúcia. Francesca parou para sacudir uma pedra da sua sandália.
- Que coisa horrível para você! Mas não deve ser tão ruim como o divórcio, eu acho.
- Você conhece alguém cujos pais são divorciados? - perguntou ela casualmente.
- Sim, uma menina na escola. Minha melhor amiga. É aluna interna, por isso não vê os pais durante os períodos de aula. Nas férias tem que alternar, ficando um pouco com cada um. Quando volta às aulas, vem completamente arrasada, porque agora os pais se odeiam. Sua mãe fica o tempo todo dizendo que seu pai é uma besta, o pai diz que a mãe foi a culpada. Cada um quer que Annabel fique do seu lado. E se não finge que está, são grosseiros com ela.

Fazia muito calor. Lúcia sentou-se numa pedra e enxugou as têmporas com um lenço. Que poderia dizer para confortar Francesca?

- Mas não acho que a situação é sempre tão má, como essa disse ela, finalmente. - Nem sempre as pessoas que se divorciam acabam se odiando. Pode não dar certo sua vida em comum, mas isso não significa que devam ser inimigos. Em geral eles continuam amigos, principalmente se têm filhos que amam bastante.

- Mas por que rompem o casamento? - o lábio inferior de Francesca tremeu ligeiramente. - Quero dizer, se foram felizes durante anos por que as coisas de repente mudam? Por que começam a brigar?

Era uma pergunta que Lúcia não podia responder. Tudo que podia dizer, sabia que era miseravelmente inadequado:

- A maioria das pessoas briga de vez em quando. Perde a paciência e diz coisas que na realidade não queria dizer. Você nunca se indispôs com seu irmão ou com sua amiga Annabel?

- Oh! Sim, mas isso é diferente. Nós não somos, adultos disse Francesca.
- Ser adulto não torna a vida mais fácil. Pelo contrário, a tendência é torná-la mais complicada.

Depois do que aconteceu na noite anterior, a última coisa que Lúcia desejava era ter uma conversa reservada com Nicolas. Mas sua preocupação com Francesca era ainda maior. Então, depois que as crianças foram para seus

quartos, ela fez um esforço para seguir Nicolas até o terraço, e dizer:

- Gostaria de ter uma conversa com você, em particular.
- Então vamos à despensa. É o único cómodo em que não seremos perturbados.

Entraram no quarto estreito e Lúcia disse:

- É sobre Francesca que quero falar.

Ele encostou os ombros contra a parede e enfiou as mãos nos bolsos.

- Você me desaponta. Quando uma garota quer ficar a sós com um homem, nunca é para falar de uma terceira pessoa.

- Por favor, falemos sério.

- Bem, o que há com Francesca?

Ela lhe contou o que a garota havia dito pela manhã.

- Ela estava prestes a chorar, pobrezinha! Obviamente está sabendo que seus pais estão à beira de uma separação, e está apavorada, pensando que vai lhe acontecer exatamente o que vem acontecendo com sua amiga Annabel.

- Sem dúvida isso poderá acontecer - disse ele.

- Bem, mas aconteça o que acontecer, não acho certo que ela continue nesse terrível suspense - disse Lúcia. - Sei que não é da minha conta, mas se eu fosse você, entraria em contato ou com sua irmã ou com o seu cunhado e lhes diria que ela está sabendo do andamento do caso e que eles têm muito a ver com o que vai acontecer daqui para a frente.

- Sim, você tem razão - concordou ele imediatamente. - vou até à cidade agora e procurarei entrar em contato por telefone com Paris. Talvez isso faça Sofia usar a cabeça. Obrigado, Lúcia. Foi muita bondade sua ter-me contado.

Lúcia saiu da despensa. Nesse momento, Cathy saía do quarto. Ao ver Nicolas seguindo sua irmã, ficou pasmada e aborrecida.

- Minha mensagem pode demorar um pouco. Talvez algumas horas - murmurou ele a Lúcia. Depois com um gesto de cabeça para Cathy, partiu.

- O que vocês dois estavam fazendo lá? - perguntou Cathy. Lúcia não tinha nenhuma explicação satisfatória.

- Apenas conversando.

- A meu respeito? - perguntou Cathy com suspeita.

- Não, não era a seu respeito.

- A respeito de que então? - insistiu a irmã. - Que está acontecendo entre vocês dois?

- Acontecendo? Aonde você quer chegar?

- Você sabe muito bem onde quero chegar - disse Cathy agudamente. - Está acontecendo alguma coisa, e quero saber o que é. O que você andou lhe dizendo a meu respeito?

- Nada.
- Estavam falando a meu respeito. Sei que era. Que mais teria você para conversar com ele em segredo? Você está tentando virá-lo contra mim.
- Não seja idiota, Cathy. É claro que não estive falando a seu respeito. - Quando a irmã entrou no quarto, Lúcia fechou a porta imediatamente, para evitar que as crianças pudessem ouvir.
- Não acredito em você - disse Cathy. - Vocês devem estar tramando alguma coisa. Desde que chegamos Nico está diferente comigo.
- Diferente? Em que sentido?
- Eu. . . eu pensei no começo que era porque aquelas crianças viviam agarradas em nós. Mas não era. É o próprio Nico. Ontem à noite, quando ficamos a sós por um momento, depois que você foi para o seu quarto, ele nem sequer me deu um beijo de boa noite.
- Ela fez uma pausa. Seu rosto estava rubro de raiva. - Talvez você fique contente em saber que ele não me beijou neim uma vez, depois que chegamos aqui.
- Por Um instante isso realmente alertou Lúcia. Na noite anterior, quando os três voltaram do hotel, ela fora diretamente para a cama. Mas a sua revolta pelo comportamento de Nicolas na praia fora exacerbada pelo pensamento de que, naquele momento, sem dúvida ele estaria acariciando a irmã.
- O que estou querendo saber é por que ele está se comportando assim? O que você disse que o fez mudar? O que você colocou entre nós?
- Lúcia suspirou.
- Nada, Cathy.
- Você não vai esperar que eu acredite nisso, não é? No começo você estava contra ele.
- Só porque ele é muito mais velho do que você. . . e porque eu pensei que ele estivesse brincando com você. - Dizendo isso Lúcia lembrou de algo que Nicolas disse na noite em que estava tentando persuadi-la a viajar para a Grécia. - Deste momento em diante, a reputação de sua irmã estará tão bem segura comigo, como a sua com Bernard.
- Não lhe ocorreu que talvez ele a esteja tratando diferentemente, porque está se sentindo diferentemente? - ela disse, mas o significado disso escapou a Cathy.
- O que você quer dizer com isso? - perguntou ela bruscamente.
- Eu lhe disse que ele era mais grego do que inglês. Os gregos podem galantear

as estrangeiras, mas nunca as mulheres do seu país, ou alguém com quem pretendem se casar. Diante de uma futura esposa, eles são tão circunspectos como os vitorianos.

- Então você mudou de ideia? Agora acredita que ele me leva a sério? - perguntou Cathy.

- Parece que sim - respondeu Lúcia.

- Mas acho que você ainda não o aprova.

- Não, porque eu acho que você não o ama. Cathy sacudiu os ombros.

- Isso é problema dele.

Lúcia estremeceu e virou o rosto. Naquele instante ela percebeu que sua preocupação com Caihy era totalmente inútil. Se ela não podia fazer nada para influenciar a irmã, o remédio era renunciar.

Cathy pode ser uma tola, mas eu sou mais - pensou amargamente. - Eu estou apaixonada por Nicolas.

Foi a primeira vez que ela admitiu para si mesma que o que sentia por Nicolas era mais do que atração física. Talvez não tivesse compreendido isso antes porque o

amor, na realidade, é muito diferente do que se imagina. Sempre achara que, quando se apaixonasse, o sentimento tinha que ser mútuo, não de um lado só. Havia pensado ainda que o amor deveria se desenvolver suave e gradativamente, uma comunhão de pensamentos e sentimentos descobertos devagar e harmoniosamente. Mas, em vez disso, fora uma batalha, cada escaramuça deixando-a mais fraca e mais vulnerável. Agora, suas defesas em ruínas, ela não sabia qual perspectiva era mais intolerável: nunca tornar a vê-lo ou vê-lo com frequência porque ele era o marido de sua irmã.

Cathy interrompeu seus pensamentos.

- Talvez você tenha razão. Que engraçado!

- Engraçado? - interrogou vagamente Lúcia.

- Bem, quem iria pensar que Nico tivesse uma engenhosidade tão aprimorada.

Além disso, os homens são criaturas peculiares - continuou ela, rindo. Observe o número de maridos que paqueram todas as garotas que lhe caem sob as vistas. Mas se suas esposas apenas olham para outro homem, eles se tornam frenéticos de ciúmes. Será que Nico é do tipo ciumento?

- Depende do que você entende por ciúme - respondeu Lúcia, e esteve a ponto de dizer: "De qualquer maneira a mulher que se casar com Nicolas não poderá se interessar por ninguém mais." Mas logo percebeu quão revelador era essa observação e disse apenas:

- vou descer até a praia com as crianças. Quer ir com a gente?

- Não. A claridade da praia me dá dor de cabeça. Já estou enjoada de praia. vou descansar até que Nico volte.

Ele voltou mais cedo do que havia anunciado, mas Lúcia não soube o resultado do seu contato antes da noite, quando todos estavam prontos para irem à cidade.

Ela vestiu um vestido azul-marinho e tentava fechar o zíper que enguiçara nas costas, quando bateram na porta. Pensando que se tratasse de alguma das crianças, mandou

que entrasse. Quando Nicolas entrou, seus olhos se dirigiram primeiramente para a outra porta. Vendo que estava fechada e que Lúcia estava só, e notando-lhe as mãos

voltadas para as costas, tentando fazer correr o zíper, ele disse:

- Está em dificuldade? Permita que eu a ajude - ofereceu ele.

- Não, obrigada. Posso resolvê-lo - disse ela, afastando-se.

Nicolas pareceu se divertir.

- Se você puxar assim, vai acabar quebrando-o. Vamos, vire-se e deixe que eu o faça. Já vi suas costas antes. - Seus olhos se estreitaram. - Você tem um sinal de nascença na base do-ombro esquerdo.

Lúcia corou e cerrou os dentes. Se Yannis tivesse se oferecido para ajudá-la, ela teria aceito calmamente. Mas Nicolas não era Yannis e o fato de ele haver reparado tanto nela, a ponto de notá-lo o sinal de nascença, aumentava a sua confusão.

- Venho para lhe dizer que não consegui contatar minha irmã

- disse ele, deixando a porta meio aberta e avançando na direção dela. - Mas ditei uma mensagem para lhe entregarem. A não ser que ela tenha dificuldade em tomar

o avião, estará a caminho de Atenas nas próximas vinte e quatro horas.

- O que você disse? Será que ela não vai pensar que se trata de algum acidente ou que as crianças estão doentes? - perguntou Lúcia imediatamente, visualizando quão

alarmada a irmã dele ficaria ao receber um chamado para vir sem demora.

Nicolas tomou-a pelos ombros, virou-a e começou a resolver o problema do fecho.

- Não, não, a mensagem não a assustará. Eu apenas lhe disse que Francesca tem conhecimento do caso e sente-se arrasada, e é dever de Sofia vir para assumir a situação.

Falei também com Richard em Londres e disse-lhe a mesma coisa.

Lúcia, que estava preocupada que Cathy pudesse ouvir a voz de Nicolas e

entrar de repente, disse:

- Acho que os dentes do fecho devem estar quebrados. É melhor deixá-lo. vou usar outro vestido.

- Não, não estão quebrados. Estão presos numa linha solta. Você tem uma tesoura?

- Sim, está aqui. - Ao esticar a mão para alcançar a tesoura sobre a penteadeira, viu-lhe o rosto refletido no espelho. Seus olhares se encontraram por um instante.

Ela desviou imediatamente os olhos, temendo o que eles poderiam lhe revelar.

Mas quando ele pegou a tesoura e voltou sua atenção para o zíper, ela não resistiu à

tentação de dar mais uma olhadela. Era uma tentação à qual teria de resistir. É de agora em diante. Ele não era obtuso como Bernard. Nicolas co- Ele nhecia bem as mulheres.

- Pronto. Está resolvido.

- Obrigada - disse Lúcia, empertigada. Em seguida prendeu a respiração. Seu rosto amorcnado tornou-se escarlate porque, ao puxar o fecho até em cima, Nicolas depositou-lhe um beijo no pescoço.

poi incrível que ele tivesse feito aquilo. Se ela não estivesse vendo pelo espelho, diria que estava enganada. Ao deparar-se com seu ar de pessoa ultrajada, o olhar dele se divertiu.

- Não pude resistir - disse ele sem nenhum arrependimento.

- Você parece não ter nenhum escrúpulo.

- Muito pouco - disse ele pestanejando. - Mas como eu poderia saber que isso a magoaria? Você não fez objeção quando Yannis fez o mesmo.

Lúcia sentiu o rosto queimar.

- Aquilo foi diferente - disse, voltando-se e encarando-o firmemente. -

Acontece que gosto do seu primo.

Por um segundo Nicolas manteve o sorriso. E, fosse o que fosse o que lhe passava pela mente, o tom da sua voz se manteve macio como de costume, quando ele disse:

- Você ainda me detesta tanto quanto antes?

- Não sempre - ela hesitava.

- Só quando eu a chateio?

- Se é esse o termo - disse ela, ausente.

Ele riu e caminhou na direção da porta. Antes de sair disse, zombando:

- Neste caso, estamos fazendo progressos. Antes você me detestava sem

restrições, lembra-se?

Ao escurecer, Lúcia estava de pé na praça principal da cidade, assistindo a procissão do Epitaphios que serpenteava na rua íngreme e estreita a partir da igreja.

Primeiro vinham os coroinhas, jovens vestidos de túnicas vermelhas e purpúreas, alguns deles vacilantes sob o peso da grande cruz, outros trazendo bandeiras douradas.

Em seguida vinha o ataúde, simbolizando o Cristo morto. Estava coberto de coroas rosas e cheirosas flores de limão, enquanto garotas de branco espalhavam pétalas de rosas.

Imediatamente depois vinham os padres, ricamente paramentados, e as autoridades locais, seguidas por uma avalanche de pranteadores não-oficiais. À luz vacilante de centenas de velas, seus rostos estampavam autêntica tristeza. Enquanto caminhavam silenciosos, ela concluiu que para esses gregos sem sofisticação o horror e o desespero da Crucificação era tão real e terrível como se a estivessem assistindo pessoalmente.

Quando chegou a hora de voltarem para casa, não conseguiram encontrar Cathy.

- Aonde será que ela foi? - perguntou Lúcia ansiosa, enquanto todos se dirigiam para o local em que Nicolas havia estacionado o jeep.

- Ela aparecerá daqui a pouco - disse ele.

Mas Cathy só apareceu meia hora depois, quando Aríadne havia adormecido no colo do tio.

- Onde você esteve? Que aconteceu? - perguntou Lúcia, quando sua irmã chegou correndo.

- Eu me separei de vocês na multidão e depois não consegui encontrar o caminho de volta - explicou Cathy, quase sem fôlego. Não parecia perturbada pela sua desventura.

Ao contrário, parecia animada e estranhamente contente consigo mesma.

- bom, é melhor você sentar atrás com as crianças e Lúcia vem na frente para levar Aríadne no colo - disse Nicolas.

- Eu a levarei no colo -: disse Cathy, subindo para sentar-se ao lado dele.

- Ela é muito pesada - advertiu ele.

- Não faz mal. Não é longe. - Ela se acomodou confortavelmente e ajudou-o a transferir a menina adormecida para o seu colo.

Estava tão fora do temperamento de Cathy preocupar-se com crianças que Lúcia não pôde deixar de sentir uma cena suspeita. Por que será que sua irmã, de repente, estava tão bem humorada? Que teria acontecido enquanto ela

procurava animar o seu espírito?

No dia seguinte ela continuava tão estranhamente agradável a todo mundo que a curiosidade de Lúcia se aguçou. Mas decidiu não perguntar nada à irmã, esperando até que Cathy resolvesse se abrir com ela.

À tarde Nicolas fez as crianças irem descansar umas duas horas, na cama, porque teriam de ficar acordadas até depois da meia noite. Como havia feito no dia anterior, Kyria Katina foi à cidade com algumas amigas da vila vizinha. O resto do pessoal da casa acomodou-se no jeep. Desta vez Cathy não fez questão de sentar-se espontaneamente

na frente e levar Ariadne no colo. Levou longo tempo para se aprontar e apareceu trajando um vestido muito mais próprio para usar numa reunião social à noite em

Londres do que perante aquela gente simples da ilha.

A partir do momento em que chegaram à cidade, Lúcia sentiu uma atmosfera completamente diferente daquela do melancólico funeral da noite anterior. O comportamento

do povo era agora de excitação. Breve os dias de jejum teriam terminado e os momentos de festas e alegria começariam.

Quando as crianças estavam comprando suas velas, Cathy desapareceu de novo. Lúcia tocou o braço de Nicolas.

- Cadê a Cathy?

Ambos se puseram a espiar por cima das cabeças das pessoas, mas ,nem sinal dos cabelos louros de Cathy.

- Parece que ela se perdeu de novo - disse Nicolas despreocupado. - Talvez prefira dar uma volta sozinha.

- Será que ela está bem? - perguntou ela, franzindo a testa. - Quero dizer.. . aquele vestido chama muito a atenção e os homens gregos são tão. . . - Ela interrompeu

um tanto embaraçada.

- Inflamáveis? - sugeriu Nicolas, sorrindo. - Os homens gregos têm também muito orgulho para arriscarem um mau acolhimento. Pode ser que ela receba muitos olhares

atrevidos e até que lhe dirijam alguns chistes, ou lhe dêem beliscões, mas nada pior do que isso.

- Você não se incomoda que a olhem atrevidamente ou que a toquem?

- Não posso fazer nada contra, posso? Se eu sair à procura dela, você ficará desprotegida.

- Eu posso cuidar de mim - disse ela friamente.

- O que a leva a pensar que Cathy também não pode cuidar dela? - Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, ele se voltou e pôs-se a conversar com o vendedor de velas.

À meia-noite os sinos da igreja começaram a tocar e todos proferiam: - Christos Anesti! Cristo Ressuscitou! Em um segundo o céu estava inflamado com fogos coloridos.

Nicolas acendeu as velas das crianças. Em seguida acendeu a sua e ofereceu-a a Lúcia, para que pudesse acender a dela na sua chama.

- Se a sua vela ainda estiver acesa quando chegarmos em casa é um bom presságio - disse Francesca.

- Dizem também que, se uma moça acende a sua vela na chama da de um homem, na próxima Páscoa estarão casados - acrescentou Nicolas.

- Oh! É verdade? Que interessante! - observou Lúcia com naturalidade. Mas não se sentia controlada. Quando ele a encarou, seus olhos negros cintilando de malícia, ela perdeu a respiração.

Um pouco mais tarde Lúcia teve outro mau momento. Garotos estavam soltando busca-pés nas ruas e, na preocupação de fugir de um deles, perdeu o equilíbrio. Ela teria caído, mas Nicolas estava perto e agarrou-a, segurando-a juntinha ao seu corpo.

- Você está bem? - perguntou ele, afrouxando os braços.

- Oh! Sim - rapidamente ela se afastou dos seus braços.

- Obrigada.

- De nada, eu até gostei - disse ele próvocativamente.

As crianças se aproximaram. Ariadne estava nervosa e chorosa.

- Alo, que há com você, ratinha? - perguntou Nicolas, enquanto ela corria na sua direção.

- Ela está com medo dos busca-pés - disse o irmão.

- Upa! - Nicolas colocou-a sobre os ombros. - Os busca-pés não a alcançarão aí. Segure firme.

- Oh! Lúcia, você perdeu a sua vela - disse Francesca apontando.

- É mesmo. Deixei cair quando me desequilibrei, há pouco.

- Lá está ela. - Stephan saiu correndo para apanhar a vela na rua pavimentada de pedras. - Acho que se quebrou - disse ele ao pegá-la.

Foi nesse instante que Cathy reapareceu. Não vinha sozinha. Um homem alto e louro a acompanhava.

- Ah! Aqui estão vocês - disse animada. - Estava procurando por toda parte. - Sorriu para o seu companheiro esguio. - Este é Grant Wallace. Grant, esta é

minha irmã Lúcia. . . Nico Curzon e as crianças.

Mesmo antes dele dizer que estava feliz em conhecê-la, Lúcia adivinhou que Grant era americano. Adivinhou também que Cathy o havia encontrado na noite anterior e combinado para encontrá-lo esta noite. Por que motivo, Lúcia não conseguiu atinar.

- Está hospedado no hotel? - perguntou Nicolas.

- Não, estou aqui com um grupo num iate - disse o americano.

- Estamos viajando pelo Egeu há quatro semanas. Esta é nossa última parada, antes de rumarmos para Atenas.

- Grant estava filmando o espetáculo pirotécnico - disse Cathy.

- Eu lhe perguntei se havia visto uma moça inglesa e três crianças no meio da multidão, e ele, amavelmente, ofereceu-se para me ajudar a encontrá-los. Eu estava muito nervosa, sozinha, principalmente devido a todos esses busca-pés que estão soltando.

Ela disse isso de maneira tão convincente e com ar de dócil e indefesa feminilidade, que a maioria das pessoas teria acreditado nela. Mas mesmo se Lúcia não soubesse

que sua irmã estava representando, o ar de insegurança estampado no rosto de Grant teria lhe dado motivo para suspeitar.

Também Nicolas pareceu um tanto cético.

- Como você pôde se perder de novo, Cathy? - perguntou ele na sua voz mais branda.

- Não sei, mas me perdi - disse ela com ar inocente. - Não tem importância, estou de volta sã e salva. Obrigada pela sua ajuda Grant.

Visto que isso era, sem dúvida, uma sugestão para que ele se retirasse, o americano disse:

Bem, tenho que voltar para junto do meu grupo. - Tomou a mão esticada de Cathy e disse no tom de um homem que não estava muito seguro do terreno em que pisava: - Estaremos ainda por aqui por alguns dias. Vê-la-ei de novo?

Cathy relanceou os olhos para Nicolas. Estava claro que lhe cabia convidar o americano para uma visita à sua casa. Mas, embora ele tivesse percebido o que se esperava dele, preferiu ignorá-lo.

Houve uma pausa em que ficaram sem jeito, até que Grant, que evidentemente não era insensível àquela atmosfera, prosseguiu com uma bonomia mais ou menos forçada.

- Olhe, tenho uma grande ideia. Por que todos vocês não vão almoçar a bordo do Cassandra amanhã?

É um barco muito bonito. Tenho certeza de que as crianças iriam gostar.

- Oh! Que legal! Nós iríamos adorar - disse Cathy ansiosamente, olhando para as crianças, procurando apoio.

Mas antes que pudessem abrir a boca, Nicolas disse cortesmente:

- É muita amabilidade sua, Wallace, mas amanhã não é possível. O domingo de Páscoa é um dia exclusivo da família aqui, e minha tia ficaria chocada se quebrássemos a tradição.

- Compreendo. Eu não sabia disso - disse o americano.

- Desculpe, além disso é uma reunião limitada - disse Nicolas, afável.

- Oh, que pena! Bem, acho que isso é adeus, então - disse Grant com ar de desapontamento.

- Talvez o vejamos em Atenas. Estaremos lá na próxima semana

- disse Cathy.

- Verdade? - ele se animou. - Olhe, se tiver tempo, telefone-me. Estarei no Hilton.

- Claro! - murmurou Nicolas secamente.

Grant conseguiu detetar o fio de sarcasmo na voz de Nicolas e lançou-lhe um rápido olhar de admiração. Não havia dúvida de que ele estava entrando em domínios alheios. Depois que ele se afastou, Nicolas disse rapidamente:

- Vamos. É tempo das crianças irem para a cama. Chegando em casa ele pediu a Lúcia se podia conduzir as crianças para cama, enquanto ele ia à vila, para esperar o retorno de Kyria Katina com suas amigas.

Quando as meninas foram acomodadas na cama, ela foi até o quarto de Nicolas, onde estava Stephan, lendo um livro.

- Não estou nem um pouco cansado. Posso terminar de ler estt capítulo, não posso? - perguntou ele esperançoso.

- O quê! A esta hora da noite? Claro que não! - disse Lúci com pretendida severidade.

- Nico lê até a metade da noite - disse Stephan.

- Ele já terminou de crescer, você não. Vamos, deite-se. Ele estará de volta logo e se você não estiver dormindo, vai ficar zangado.

- Parece que ele já está magoado - disse Stephan, colocando o livro de lado.

- O que o faz pensar assim?

- Não sei exatamente - disse o garoto vagamente. - Mas sei que ele anda ralhando por qualquer coisa. Papai sempre grita quando está zangado, mas Nico apenas assume uma expressão peculiar. Sei que não é por nossa causa. Espero que seja o governo, as ações, ou alguma coisa desse tipo. Isso é que deixa meu pai possesso.

Lúcia riu e cobriu-o.

- Boa noite, Stephan.

- Boa noite. - com um grande bocejo, ele virou de lado e já estava quase dormindo quando ela fechou a porta.

Lúcia encontrou Cathy na sala de estar, sentada numa poltrona, bebendo um copo de uzo.

- Agora, para o catecismo! - disse ela, fazendo uma carranca.

- Tenho que admitir que estou extremamente curiosa por saber por que você está de pé até agora.

- Achei que seria interessante observar como Nico reagiu diante de uma certa competição.

- Você quer dizer que sua intenção foi causar-lhe ciúme?

- Você pode colocar a coisa assim. . . e acho que não a aprova.

- Não vejo por que você tinha que mentir - disse Lúcia.

- Mentira! Não sei o que você quer dizer.

- Oh! Deixe disso, Cathy. Não represente comigo. Você encontrou Grant Wallace ontem à noite, e combinou outro encontro, para hoje à noite. Você não se perdeu, escapuliu de nós.

- Sim, para dizer a verdade, foi. Funcionou que foi uma beleza, não? Nico fingiu não ligar, mas ficou claro pela maneira como ele refutou o convite de Grant. Não há nada, mas nada mesmo como uma pontinha de ciúme para ajeitar um homem.

- Você tem certeza? Se eu fosse homem e uma garota aplicasse esse tipo de tática, eu daria o fora nela sem pensar um minuto.

- Se você fosse homem, seria como Bernard. Nico é muito diferente, graças a Deus. Oh! Acho que é o barulho do jeep. vou desaparecer. Diga boa noite por mim, tá?

- O que há? Está com medo de enfrentá-lo?

- Oh! Não - disse Cathy confidencialmente. - Ir para a cama é uma estratégia. Se ele está fervendo agora, amanhã estará em ponto de ebulição.

Mas pouco depois, quando Nicolas entrou com sua tia no estúdio e encontrou Lúcia sozinha, não parecia estar emocionalmente alterado. As duas mulheres conversaram um pouco, com Nicolas servindo de intérprete. Depois Kyria Katina despediu-se e retirou-se.

Lúcia teria se retirado também, mas Nicolas chamou-a.

- vou tomar um banho de mar. Você não parece muito cansada. Por que não vem comigo?

- Não, obrigada. Não sinto vontade.
- Está uma noite linda. O mar é mais tépido à noite.
- Sim, sei que é, mas prefiro não ir.
- Por quê? Está com medo de ficar sozinha comigo?
- É claro que não - ela enrubesceu.
- Muito veemente, Lúcia. - Nicolas sorria. - As negações não são muito convincentes quando feitas com muita veemência.
- A exasperação cresceu dentro dela e transbordou.
- Oh! Você e Cathy. . . Vocês brincam com as pessoas como. . . deixa pra lá. O que você espera que eu diga? Que estou com medo de você? Pois bem, estou. . . Se isso lhe dá alguma satisfação. . .
- Você fala sério? - A voz de Nicolas estava tão baixinha quanto a dela estava alta. - Realmente tem medo de mim? O que você acha que eu faria?
- Não sei.
- Sim, você sabe. Pensa que eu faria amor com você, não é verdade? Mas não é isso que a deixa nervosa.
- O que a apavora, se você for honesta, é que você sabe que iria gostar se eu o fizesse. Pelo menos uma vez na sua vida, seus instintos devem fugir ao controle. Eu gostaria de ver a verdadeira Lúcia Gresham, não essa garota rija que você finge ser.
- Como ousa? - disse ela com voz trémula. - Como ousa falar comigo dessa maneira? Que direito tem você?
- Nenhum direito - interrompeu ele, quando ela fez uma pausa para tomar respiração. - Mas estou ficando cansado dessa sua atitude de não-me-toque. Convidei-a para nadar comigo por que pensei que você ia gostar. Você gostaria de ir, mas no fundo acha que é um grande risco. Você não acredita em mim. Acha que não sou capaz de me comportar.
- Como você espera que eu confie em você? - disse ela.
- Ele caminhou em direção dela, com as mãos no bolso da calça.
- Custou-lhe todo o seu controle ficar de pé ali, até que ele parasse, com o braço esticado.
- Eu já lhe dei motivo para desconfiar de mim?
- Sim, acho que já - respondeu ela, olhando-o nos olhos.
- Bem, continue. . . quando e onde? - ele pressionou.
- Lúcia fechou a mão até suas unhas penetrarem na palma da mão.

- Todas as vezes que ficamos a sós. Ontem no meu quarto, quando você beijou-me o pescoço. Hoje à noite, na rua, quando você disse que gostou de me agarrar. Desde o começo você tem dado motivo para eu não confiar em você.

- Compreendo - disse ele, depois de um momento. - Quer dizer que você só confia num homem se ele se mostrar inteiramente indiferente ao seu poder de atração? Você não acha que essa é uma condenação muito severa? É uma condenação que exclui Yannis.

- Yannis é diferente. Yannis é. . . livre. Nicolas ergueu as sobrancelhas...

- Também sou - disse despreocupado. Lúcia encarou-o boquiaberta.

- Mas eu pensei. . .

- Sim? O que você pensou?

Ouviu-se um gemido abafado vindo do corredor. Ao segundo gemido ele passou por Lúcia e foi investigar.

CAPITULO VI

Era Artadne que havia choramingado. Quando Nicolas e Lúcia entraram no quarto e acenderam a luz, a garota estava sentada no seu beliche. Tinha vomitado sobre toda a roupa de cama, e explodiu em choro.

- Quero minha mãe, quero minha mãe.

- Oh, Deus! - disse Nicolas com profunda tristeza. - Não chore, queridinha. Você não pôde evitar que isso acontecesse. - E começou a desabotoar sua roupa.

- Deixe que eu cuido dela. Estou mais acostumada com esse tipo de coisas - disse Lúcia.

- Cuidado, ela vai vomitar de novo. - com surpreendente presença de espírito ele providenciou um balde de plástico. Francesca, meio acordada, perguntou:

- O que está acontecendo?

Lúcia abaixou-se para lhe dizer:

Pobre Ariadne, ela está se sentindo mal. Volte a dormir, querida. Seu tio e eu cuidaremos dela.

- Uh! que horror! Também, ela é uma peste - disse Francesca. Em pouco tempo, Ariadne estava de pijama limpo, acomodada na cama. Pediu que Lúcia ficasse com ela enquanto Nicolas tirava a roupa suja e refazia o beliche com as roupas limpas.

Quando terminou, Ariadne já havia dormido de novo.

- Parece que ela não está com febre - disse ele, olhando para o rosto pacífico da garotinha.

Enquanto tudo isso acontecia, Stephan dormia profundamente. Não acordou quando seu tio o ergueu da cama e levou-o para dormir no beliche de Ariadne.

- Este garoto continuaria dormindo ainda que houvesse um tremor de terra - disse Nicolas, voltando para o seu quarto. - Olhou para Lúcia. Não sei se você quer, mas eu bem que tomaria um café. E Ela o seguiu até a cozinha.

- O que você fez das roupas sujas?

Enfiei-as num balde com desinfetante e coloquei-as lá fora.

Podem ser lavadas pela manhã.

Lúcia sentou à mesa da cozinha enquanto Nicolas fazia o café.

Você é um homem muito estranho, Nicolas - disse.

Ele olhou-a de relance, por sobre os ombros.

Por quê? Porque eu sei o que fazer quando uma criança está doente? Não vejo nenhuma estranheza nisso. Você tem muitas ideias preconcebidas a respeito das pessoas, minha garota. Ninguém é uma peça única.

- Você certamente não é. É a pessoa mais confusa que já conheci.

- Você está com fome? Quer pão e queijo?

- Não, obrigada.

Tomaram o café. Lúcia estava ansiosa por saber por que, antes de ouvirem o gemido de Ariadne, ele havia dito que era livre, mas não tinha coragem de perguntar. Eram

quase três horas da manhã e, embora ela ainda não estivesse cansada, sentia um pouco de frio e de fraqueza. Nicolas notou que ela tremia.

- É melhor você tomar um pouco de conhaque. Isso vai aquecê-la e a ajudará a dormir depois de todo esse excitamento.

- Oh! não, não preciso de conhaque. O café vai me aquecer.

- Conhaque atinge o ponto mais efetivamente. - Ele foi buscar uma garrafa e dois copos e serviu. - Se uma garota grega fosse encontrada tomando um trago com um homem

a estas horas da manhã, teria que se casar com ele, - explicou sorrindo.

O coração de Lúcia teve uma pequena palpitação.

- Não vejo nada demais nisso - disse, sem expressão.

- Não pelos padrões ingleses. Mas a maioria das pessoas mais velhas aqui a veria sob esse prisma. Para salvar a sua reputação nós teríamos de nos casar

imediatamente.

- Então é bom que eu não seja uma garota grega.
- Casar-se comigo seria tão repugnante para você?
- Eu acho que um casamento forçado é sempre repugnante, para ambas as partes - disse ela evasivamente. Sua mão começou a tremer. Rapidamente ela a colocou sobre o colo. - Eu. . . eu nunca me casaria com um homem se não o amasse. - disse ela. - Se você não se incomoda, vou para o meu quarto.

Nicolas abriu-lhe a porta da cozinha.

- Obrigada. . . Boa noite - disse ela, trémula.
- Boa noite, Lúcia. - Parece que ele se divertia. Permaneceu na porta da cozinha até que ela entrou no quarto.

Na segunda-feira Nicolas recebeu um telegrama dos pais das crianças. Estavam em Atenas e partiriam para Marina no dia seguinte. As duas crianças menores exultaram com a notícia. Francesca mostrou-se reservada.

Kyria Katina preocupava-se a respeito de onde cada um iria dormir. Mas Nicolas já havia pensado no problema.

- Vocês não se incomodariam de passar uma noite no hotel, não?
- perguntou ele, falando a Cathy e Lúcia.

Cathy assustou-se.

- Nossa última noite!...
- Sim, na quarta-feira nós três estaremos seguindo de volta para Aterras.
- E o piquenique, tio Nico? - perguntou Ariadne. - O senhor nos prometeu um piquenique na ilha.
- Iremos amanhã - disse ele. - O navio só chegará às quatro horas, possivelmente mais tarde. Portanto, haverá muito tempo para um piquenique antes.

Mas no dia seguinte, exatamente antes do grupo do piquenique partir, Cathy anunciou que estava com dor de cabeça e não iria.

- Bem, eu não gostaria de desapontar as crianças - disse Nicolas. - Seria melhor que você tomasse uma aspirina e deitasse.
- Quer que eu fique com você? - ofereceu Lúcia.
- Não, não, vá e divirta-se - disse a irmã, com um olhar de amargura para Nicolas.

O mar estava muito calmo naquele dia e Nicolas não demorou muito para atravessar remando em direção à pequena ilha. As crianças ajudaram a puxar o barco para a praia e saíram correndo para redescobrir o local.

- Eu vou nadar - disse Nicolas depois de descarregar duas grandes cestas que Kyria Katina havia preparado para o lanche.

Depois de alguma indecisão Lúcia resolveu nadar, mas quando entrou no mar, Nicolas estava longe das vistas, além das rochas. Quando ele apareceu ela estava enxuta e vestida. Ela o viu saindo do mar, seu corpo moreno brilhando ao sol, e imaginou que talvez ele quisesse se enxugar, para ir atrás das crianças. Nicolas não parecia animado a importuná-la hoje.

Ela não o viu mais até o meio dia, quando ele voltou com as crianças e todos almoçaram. As crianças estavam com muita fome e devoraram os delmathe - bolas de arroz envoltas em folhas de uva - como se não comessem há vários dias. Kyria Katina havia enchido duas garrafas térmicas com avgolemono, um delicioso caldo de frango e arroz, enriquecido com ovos e temperado com limão. Depois disso Lúcia não comeu mais nada, mas as crianças ainda comeram frutas e paklavas.

- Elas têm a barriga oca - disse Nicolas a Lúcia enquanto lhe passava uma garrafa de cerveja.

Ela sorriu, abanando a cabeça, e por um momento pareceu-lhe que existia uma nova harmonia entre eles. O sentimento permaneceu quando todos deitaram para tirar uma soneca. Ela poderia ficar deitada ao sol a tarde toda, mas as crianças logo recobriram suas energias e partiram para brincar sem perturbar os adultos. Nicolas parecia adormecido, deitado de costas com um antebraço cobrindo-lhe o rosto e o outro braço largado sobre a areia. Depois de algum tempo sem se mover, mas com voz de quem estava plenamente acordado, ele falou:

- Você gostaria de ver os restos do templo?

- Oh! sim, por favor. Onde fica?

- Perto do topo da colina, no outro lado. Você não consegue vê-lo daqui. Não que haja muita coisa a ver. Se prefere ficar aqui e descansar...

- E você? Talvez prefira descansar.

Ele se pôs de pé e passou a mão nos cabelos.

- É nosso último dia. Devemos aproveitá-lo bem. Vamos. - Estendeu a mão para ajudá-la a levantar.

Nosso último dia. Às palavras gelaram o coração de Lúcia. Quando a mão dele se fechou com a dela e ele a puxou colocando-a de pé, ela teve uma sensação de pânico, com o tempo correndo. . . em Londres a solidão a esperava como uma prisão.

Não fora sua intenção apaixonar-se por ele. Isso não lhe trouxera nenhuma alegria, somente preocupação. Seria errado, apenas por umas poucas horas, esquecer que Cathy existia? Esquecer tudo, passado e futuro e viver apenas esta tarde?

Foi uma dificuldade subir a colina, havia muitas pedras e arbustos com espinhos. Quando atingiram o cume, o coração de Lúcia estava batendo acelerado. Ficou algum tempo observando as colinas arruinadas do templo e a maravilhosa vista azul que elas emolduravam.

- De quem é este templo? Quem o construiu aqui? - perguntou em voz baixa.

- Apolo. ... Thetis. ... Quem sabe? Ele não tem história - Nicolas também falava em voz baixa. Ele tocou-lhe o braço. - Está fazendo muito calor. Venha à sombra e descanse, senão terá dor de cabeça.

Havia alguns ciprestes por perto, projetando sombras.

- E as crianças? Será que estão bem, sozinhas? - perguntou ela, enquanto sentavam sob as árvores.

Estão lá, veja - indicou ele.

- Oh! sim, estão bem. Eu não os tinha visto. - Fez uma pausa.

- Espero que tudo saia bem.

- Entre Richard e minha irmã? Bem, vamos saber quando os virmos, mais tarde. Eles vieram juntos, já é uma promessa, você não acha? Richard fez o que esperei que fizesse. Foi a Paris buscar Sofia.

- Sim, parece que sim. - Observou algumas abelhas coletando pólen das flores. O zumbido intermitente, enquanto voavam de uma flor à outra, era o único som que se ouvia. A enseada era muito longe para que ouvissem as vozes das crianças. Nicolas estava deitado ao lado dela, com as mãos sob a cabeça e disse preguiçosamente:

- O vento mudou desde esta manhã. Espero que não signifique uma mudança no tempo.

- Será? Não há nenhuma nuvem no céu.

Ele não respondeu e, depois de alguns minutos, ela também se deitou na grama aconchegante e rendeu-se ao calor e à quietude.

De início, quando ele a tocou, ela pensou que fosse sem querer. Depois sua mão segurou a dela e ela enrijeceu, imaginando o que viria em seguida.

Não aconteceu nada. Os minutos se passaram e Nicolas não se moveu nem falou. Talvez estivesse esperando para ver o que ela faria.

O que ela deveria ter feito imediatamente era libertar sua mão e sentar-se.

Mas, depois do susto, não queria fazer isso. Sabia que era tolice, mas queria que ele lhe segurasse a mão. E se de repente ele desejasse beijá-la, também o queria. Pela primeira vez na vida, não estava ligando para o que era certo ou errado. O que importava era que ela o amava e que desejava desesperadamente guardar uma lembrança daquele momento, embora ilusório. Queria ser amada por ele.

- Lúcia.

- Sim - respondeu, com o coração aos saltos.

E então, no mesmo instante, com os lábios dele levemente afastados dos seus; ela se sentiu de repente coberta de vergonha e desgosto pela sua fraqueza. Será que enlouquecera? Como podia deixar que ele a beijasse, se pertencia à irmã? Como podia tolerar ser mais uma de suas muitas conquistas?

- Não - explodiu ela, virando o rosto. - Não, por favor, não. Solte-me! - E, escapulindo dele, rolou e levantou-se. Não conseguiu muita coisa. Mal se pusera de pé,

Nicolas segurava-a pelos pulsos, com firmeza. Era como um pesadelo, porque agora ela via nos seus olhos uma ferocidade assustadora. Muito tarde descobriu que deveria

ter aceito aquele primeiro beijo há segundos atrás. Ele estava apenas brincando com ela, então. Agora ele parecia furioso e implacável, capaz de qualquer coisa.

- Nicolas, por favor - pedia ela tremendo.

Embora afrouxasse o aperto, ele não a soltou. Disse com sarcasmo:

- Você deveria ter se lembrado de Pandora, queridinha. Ela foi avisada para não abrir a caixa, mas não pôde controlar sua curiosidade. Tinha que saber. . . E você também tinha que saber, não é verdade?

Ele soltou-lhe os pulsos e puxou-a violentamente contra o seu corpo. Uma mão nos seus cabelos, outra ao redor de sua cintura, ela encarava-lhe o rosto rubro e cheio de pavor. Depois, sem pressa, ele a beijou.

- Bem, agora você sabe. - Em seguida soltou-a e partiu, descendo a colina, na direção da enseada.

Quando, meia hora mais tarde, Lúcia chegou na praia, ele e as crianças já estavam colocando tudo nas cestas. Nicolas relançou os olhos na direção dela, fazendo-a corar, mas não disse nada.

Quando chegaram em casa, o tempo estava mudando realmente. Kyria Katina esperava-os no terraço. Parecia preocupada com alguma coisa e falou com Nicolas numa torrente de grego que Lúcia não conseguiu acompanhar. Ele ouviu, deu uma palmadinha no seu ombro e disse algo parecido com "não se preocupe". Em seguida ordenou que as crianças fossem se aprontar para esperar a chegada do navio.

Lúcia ia com elas, mas ele a chamou de volta e disse:

- A dor de cabeça de Cathy não era tão forte assim.

- O que você quer dizer com isso?

- Assim que saímos, Cathy também saiu e não voltou ainda. Lúcia foi obrigada a

encará-lo.

- Aonde será que ela foi? Que poderia ter-lhe acontecido?

- Acho que não é causa de alarme. Ela deve ter decidido ir a pé até a cidade e encontrar outras diversões melhores do que um piquenique. Infelizmente está causando a minha tia uma grande preocupação. Katina não conseguiu entender o que Cathy lhe disse antes de sair, e pensou que ela voltaria para o almoço.

Passou a tarde toda

pensando que talvez Cathy tenha torcido o pé, ou algo semelhante.

- Talvez tenha acontecido isso :- disse Lúcia, franzindo a testa.

- Que outra explicação pode haver? Tenho certeza de que ela não caminharia toda essa distância, daqui à cidade. São vários quilômetros e ela detesta andar a pé.

- Também detestaria passar o dia todo com Katina - disse Nicolas despreocupadamente.

- Mas que poderia ela fazer lá, na hipótese de ter feito toda essa caminhada? Lá não há lojas, pelo menos o seu tipo de lojas.

- Mas há o iate Cassandra com um simpático americano a bordo. Lúcia havia esquecido de Grant Wallace.

- Mas será que o iate ainda está lá?

- Isto resta saber. Enquanto isso, seria melhor você acabar de arrumar as malas, porque vamos partir daqui a vinte minutos.

Lúcia havia arrumado a maior parte de sua mala e a de Cathy na noite anterior. Agora tinha apenas de mudar sua roupa de praia por um vestido e encher sua bolsa de

toalete. Cathy havia deixado várias coisinhas desarrumadas no seu quarto, mas Lúcia juntou-as todas, num instante. Depois de dar uma olhada para verificar se não havia deixado nada, colocou as duas malas no corredor e foi procurar Kyria Katina para se despedir.

A senhora grega estava na cozinha e, com ela, Nicolas.

- Queira por obséquio dizer a sua tia que gostei muito e que agradeço a sua amabilidade - disse Lúcia, meio rija.

Ele lançou um olhar sarcástico, que ela fingiu não notar. Em seguida traduziu o que ela disse.

Kyria Katina respondeu através de um caloroso abraço, beijando-lhe ambas as faces. Depois, por seu turno, disse algo a Nicolas, como intérprete.

- Você é uma garota maravilhosa e muito amável e ela espera a sua própria visita - explicou ele com uma chispa nos olhos.

Lúcia enrubesceu e deu graças a Deus quando as crianças entraram, ansiosas

para partirem, para ver seus pais.

O navio ainda não estava lá quando chegaram ao porto.

Nicolas deu às crianças algum dinheiro para comprar caramelos e pistache e conduziu Lúcia na direção de um kajenions. O povo local estava apenas voltando à vida

depois das horas de sesta e um garçom, com ar sonolento, limpava a mesa com um pano.

- A gente podia ir ver se Cathy está no Cassandra - disse ela olhando sobre os ombros para o iate ancorado a pouca distância da baía.

- Há alguém vindo lá do iate, vou perguntar - disse Nicolas, indicando um bote que se aproximava. Pediu café e kataif, um adoçante viscoso que os gregos, velhos

e crianças, apreciavam muito, e sentou-se para esperar que o pequeno bote chegasse no cais.

Lúcia ficou maravilhada por vê-lo tão calmo. Embora já fizesse duas horas que ocorrera o incidente lá na ruína do templo, ela ainda sentia a marca dos lábios dele sobre os seus. A lembrança daquele beijo forçado fê-la tremer e sentir, ao mesmo tempo, calor e frio. Será que ela não podia afastá-lo de sua cabeça? Será que ele sentia alguma frustração? Na verdade, não parecia.

Quando o homem do pequeno barco desembarcou no cais, Nicolas assobiou e fez-lhe um sinal. Era evidentemente um membro da tripulação do iate, a julgar pela sua roupa.

Pelos olhos e pelos gestos do homem, ficou claro que Cathy estava no iate.

A essa altura, surgiu um navio. Em poucos minutos o porto estava tão cheio de gente como no dia em que Lúcia e Cathy chegaram.

- Lá estão eles. Lá está mami! - gritou Ariadnc, excitada, quando foi possível distinguir os passageiros no convés.

Lúcia permaneceu afastada enquanto a família se cumprimentava e foi Francesca e não Nicolas quem finalmente a puxou para junto do círculo.

- Mami. . . Papi, esta é Lúcia.

- Como vai? Receio que você não tenha tido umas boas férias com estes capetinhas correndo doidamente - disse Sofia, apertando-lhe a mão.

Como seu irmão havia dito, ela não parecia nem um pouco grega. Seus cabelos eram pretos, mas tinha olhos azuis e compleição clara, à maneira das inglesas.

- Onde está sua irmã? Vocês estão as duas aqui, não? - perguntou ela.

- Você vai conhecer Cathy mais tarde, - interveio Nicolas.

E assim que Lúcia apertou a mão do cunhado, Nicolas conduziu-os ao jeep para passar pelo hotel de Yannis, onde jantariam.

Yannis não via Lúcia desde o dia em que Nicolas levou as duas ao hotel para dançar. Ele explicou que estivera muito ocupado com novos hóspedes e mostrou-se desolado

porque elas iam embora. Mas Lúcia não estava com ânimo para seus olhares ardentes e seus discursos lisonjeiros.

Mais tarde, quando estava sentada no terraço, ouviu parte de uma conversa que a deixou ainda mais infeliz.

- Quer dizer que finalmente você encontrou a sua preferida? Eu custo a acreditar - disse Sofia, na sala próxima. - Você tem certeza, Nico? Tudo parece tão repentino.

Tem certeza de que isso vai durar? Tem certeza de que está disposto a se casar com ela?

- Minha querida irmã, eu tive certeza na segunda vez que a encontrei e isso foi em fevereiro - respondeu ele numa voz completamente diferente de sua voz costumeira.

Acho que dois meses e meio é tempo suficiente para um homem da minha idade saber tomar uma decisão deste tipo.

- Nesse caso, por que não está noivo dela? Não é do seu feitio deixar o capim crescer em baixo dos seus pés, uma vez que tomou uma decisão definitiva - observou a irmã, com uma risada.

- Infelizmente nosso relacionamento não tem progredido como eu gostaria - respondeu Nicolas. - Trazê-la a Marina foi uma inspiração súbita, que considereei brilhante, mas que lamentavelmente parece que falhou.

- Falarei com ela. Logo estarei capacitada a dizer como ela sente a seu respeito

- disse Sofia, confidencialmente.

- Cuide de sua vida, minha querida. A situação já é bem complicada sem a sua interferência.

- Por quê? - perguntou ela admirada.

- Bem, a irmã é uma mosca na nossa sopa. Na verdade, se não fosse por ela não haveria problema. Você entende. . .

Mas, para alívio e frustração de Lúcia, o resto do que ele disse foi abafado pelo som distante de um trovão. Sem que notasse, o céu havia se nublado completamente e as crianças e seus pais estavam correndo para o abrigo do hotel antes que as primeiras gotas d água, se tornassem chuva torrencial.

A retirada deles permitiu-lhe voltar para o seu quarto. Ela estava lá, deitada, quando Cathy entrou.

- Oi - disse a irmã, animadamente. - Advinhe onde estive.

- Eu sei onde você esteve.

- É? - Cathy pareceu surpresa. - Como sabe?

Lúcia explicou. Mas ela se sentia muito deprimida para reprovar o subterfúgio da irmã, que causara inclusive preocupação a Kyriiii Katina.

- Tive um dia maravilhoso - disse Cathy. - O iate é fabuloso e Grant é um doce. Eu disse que estava temendo outra viagem naquele navio horroroso, principalmente

se o mar estiver bravio amanhã e ele se ofereceu para levar-nos de volta, no Cassandra. Ele tem uns tabletes que evitam enjoo. Teremos que estar a bordo às dez horas.

- Você não podia consultar Nicolas antes de combinar com ele?

- disse Lúcia, deprimida.

- Por que ele haveria de se opor?

- Somos hóspedes dele. Temos uma certa obrigação perante ele.

- Oh! não seja tão antiquada! Você não espera que eu viaje naquele navio medonho, de novo! Para você, tudo bem. Você não tem enjoo e parece não ligar por viajar

cercada de camponeses mal cheirosos e suas cabras e galinhas. vou dizer a Nico agora. Se ele não gostar, que coma menos.

Mais ou menos às oito e meia, quando Lúcia estava se aprontando para o jantar, Cathy voltou para dizer que Nicolas não tinha nenhuma objeção em aceitar o oferecimento de Grant.

- Que são essas marcas no seu braço? - perguntou Cathy, notando as descolorações que começavam a aparecer nos braços da irmã.

- Oh!. . . nada. Eu caí quando estávamos subindo uma colina, na ilha - disse Lúcia, improvisando rapidamente. - Não me machuquei. São apenas escoriações.

Cathy não foi a única a notar as marcas. Ao jantar, Ariadne também o notou e causou grande mortificação a Lúcia, apontando-a ao resto do grupo. Pela segunda vez

ela gaguejou sua explicação, dizendo que escorregou de uma rocha, e arrependeu-se por não ter tido a ideia de usar um vestido de mangas compridas.

Quando terminou o jantar, a chuva havia parado. Nicolas achou que ia recomendar, e sugeriu tomarem o caminho de casa antes que a estrada se tornasse pior do que já estava.

Quando Sofia se despediu dela, Lúcia notou uma certa reserva em suas maneiras, que não existia quando se encontraram. Talvez agora ela me deteste por eu ser a mosca na sopa, pensou.

Depois que os outros saíram, Yannis pediu que ela se demorasse um pouco e dançasse com ele. Alegando cansaço, escapou para o seu quarto- . .

Durante a noite caiu um violento temporal. Lúcia, que não conseguia dormir, foi à janela espiar o mar agitado, à luz dos relâmpagos.

Ela não ligava para tempestades. Mas Cathy tinha verdadeiro pavor.

- Lucia? entrou no quarto que ambas ocupavam pedindo-lhe que fechasse as cortinas e acendesse a luz. Mas esta noite Lúcia não tinha intenções de colocar seus braços ao redor da irmã. Sentou-se numa cadeira enquanto Cathy se encolheu embaixo das roupas de cama, mexendo cada vez que um estrondo de trovão reboava no céu.

A tempestade durou quase uma hora. Quando finalmente cessou, Kathy caiu no sono- Lúcia abriu as cortinas de novo e vestiu a camisola Antes de apagar a luz, olhou a irmã. Dormindo, o semblante de Kathy apresentava uma doçura que, com frequência, era estragada quando ela estava acordada, por expressões de tédio ou petulância. Deitada ali, com os cabelos louros brilhando com a luz, os lábios entre-abertos, a camisola fina escorregando-lhe nos ombros magros ela parecia extraordinariamente atraente.

- Tive certeza, na segunda vez que a vi. - Nicolas havia dito. Não era difícil compreender porque ele a queria. Pela mesma razão que seu pai quisera sua madrasta.

Janet tinha razão, pensou Lúcia tristemente. Eu deveria ter sentido há muito tempo que não adianta a gente se intrometer na vida dos outros. Se eu tivesse deixado que ela cuidasse de sua vida, nada disso teria acontecido. Na manhã seguinte o sol brilhava. Mas havia ainda muitas nuvens no céu e o vento forte tornava o mar encapelado.

Yannis foi ao porto vê-las partir e disse a Lúcia:

- Gostaria de poder viajar com você, mas sou indispensável aqui. Adeus, linda Lúcia. - Seus olhos negros brilharam e ele inclinou sua inda cabeça para beijá-la.

Kathy ficou pálida quando o pequeno barco deixou o cais, dirigindo-se Para a Pont em que Cassandra estava ancorado. Mas umavez a bordo, ela se animou de novo.

Grant estava viajando com seus pais, sua irmã, o marido dela e mais um casal de amigos.

O sr. Wallace - pai de Grant - era o presidente de uma grande Companhia. Acabava de se recuperar de uma doença e seus médicos lhe recomendaram

umas férias longas.

Como tinha dois outros filhos para dirigir a empresa na sua ausência, sua esposa o persuadira a realizar o que sempre foi o grande sonho de sua vida: uma viagem pela Europa.

Tudo isso Lúcia ficou sabendo através da sra. Wallace, uma mulher baixa, muito animada, que teria despejado toda a sua vida se Lúcia estivesse disposta a ouvir.

Sentaram todos no salão, bebendo e conversando até a hora do almoço. As três mulheres conversavam com Lúcia. Grant monopolizou Cathy e Nicolas ficou com o sr. Wallace e o seu cunhado.

Durante o almoço o barco começou a balançar, o que foi demais para a sra. Wallace.

- Oh! querido, você vai me desculpar. Estou começando a sentir. . . você sabe. Acho que vou para a minha cabine deitar-me um pouco. - E, apesar dos tablets que tomaram, Cathy e as outras mulheres foram igualmente afetadas.

Depois dos pratos principais, o sr. Wallace, parecendo menos animado, saiu para ver como estava passando a esposa. O mesmo fez o cunhado. Antes que trouxessem o pudim, também Grant e o sr. Hobart haviam se afastado.

Somente Nicolas e Lúcia ficaram, à longa mesa polida. Nicolas comeu um pouco de torta de frutas. Lúcia preferiu chocolate. Depois, ambos comeram queijo e biscoito. Tomaram café e Nicolas pediu-lhe permissão para fumar.

Ela observou-o acender um charuto. Esperava por uma oportunidade para conversar a sós com ele e havia preparado o que ia lhe dizer. Mas agora que a chance havia chegado, era difícil começar.

- Vamos voltar para o salão principal, quer? - disse Nicolas.

- A não ser que você prefira se retirar. Acho que a situação vai piorar em vez de melhorar.

- Oh! Pelos outros, espero que não piore. - disse ela ansiosa.

- Por mim, não me incomodo.

Eles se mudaram para o salão principal, onde um tripulante estava retirando vários objetos que poderiam se estragar se o balanço do barco se tornasse mais pesado.

Lúcia esperou até que ele terminasse o seu trabalho e os deixasse a sós. Então disse:

- Nicolas, se você não se incomoda, eu gostaria de seguir para Londres hoje. Cathy pode ficar até domingo, claro. Mas eu gostaria de seguir imediatamente. Pela primeira vez desde que o conhecia, ela sentiu que o chocou. Ele lançou-lhe um olhar demorado e perscrutante, que ela enfrentou imperturbavelmente.

- Posso perguntar por quê? Ela estava preparada para isso.
- Como você sabe, vim à Grécia apenas pelo bem de Cathy. Mas não é conveniente para mim seguir viagem só no domingo. As aulas começam na segunda e tenho que preparar várias coisas. Vou levar vários dias para entrar no ritmo normal.
- E você está preparada para deixar Cathy sozinha comigo?
- Sim, agora estou - disse ela calmamente - se ela ficar na casa de sua prima e não no hotel, tudo estará perfeitamente em ordem.
- Minha prima está esperando vocês duas.
- Bem, tenho certeza de que ela não se incomodará pela minha ausência, se você explicar as circunstâncias.

Nicolas continuou fumando em silêncio durante alguns minutos. Ela imaginou o que ele estaria pensando. Esperava que ele aceitasse sua proposta, até com entusiasmo.

Ele disse:

- Isso não tem nada a ver com o início das aulas. É devido ao que aconteceu ontem, não?

Então ela cometeu um erro. Fingiu não compreender.

- Ontem? - perguntou, com expressão de esquecimento.

Ele bateu a cinza do charuto com uma expressão carrancuda:

- Não vai me dizer que já esqueceu?
- Prefiro esquecer.
- Mas não vai esquecer fazendo um drama do fato, fugindo apressada para a Inglaterra, numa agitação de virtude ultrajada.

Seu rosto afoqueou-se, mas ela conseguiu se conter.

- Não estou agitada. Você sabe que eu já havia sido beijada antes. Ontem aconteceu, e eu acho que você gostaria de esquecer tanto quanto eu. - Ela incorreu no segundo

erro. - Acho que sei por que você fez aquilo.

- Ah, é? Por que eu o fiz? - perguntou Nicolas, as sobrancelhas erguidas.
- Eu. . . eu estou certa de que foi pelo mesmo motivo pelo qual você está me perseguindo o tempo todo. - Fez uma pausa - Não está acostumado com garotas que lhe sejam indiferentes. Foi. . . uma espécie de desafio. Então você procurou provar que eu era como as outras. . . que, mais cedo ou mais tarde, cairia nos seus braços, exatamente como as demais.

A reação dele foi inesperada.

- Meu Deus! Você realmente me toma como um pretensioso? - Eu acho que você é muito. . . convencido de si mesmo.

- Na verdade, não sofro de nenhum complexo de inferioridade, concordou ele, parecendo um tanto divertido agora - mas não me considero irresistível. - E como Lúcia não dissesse nada, ele prosseguiu: - Fico imaginando por que você acha que sou um inveterado d. Juan. Isso é impressão sua, não é?

- Bem, você não é? - disse ela friamente.

- Eu diria que não. O seu mau conceito a meu respeito parece se basear no fato de que a primeira vez em que nos encontramos, você me pegou beijando a sua irmã. Concordo que eu não a conhecia muito bem, mas será que aquilo foi realmente um ato indecoroso? Até aquele Bernard, todo empertigado, deve ter cometido algumas indiscrições no seu tempo. A única diferença é que você não sabe delas. . . - Tenho certeza de que Bernard nunca se comportaria como você o fez ontem. Mas acho que, segundo seus padrões, aquilo foi apenas uma indiscriçãozinha.

A expressão dele mudou de um jeito que ela não soube interpretar.

- Não, isso foi um erro - disse ele, num tom categórico. Mas a única coisa que lamento foi que a machuquei. Mas, afinal de contas, a culpa não foi minha. Você me proporcionou um certo encorajamento.

- Oh! - Lúcia pôs-se de pé, todo o seu autocontrole ruiu. Mesmo se fosse verdade - e para sua vergonha era -, aquilo era pura crueldade da parte dele. Também Nicolas agora estava de pé, e talvez a expressão de tristeza de Lúcia lhe causasse remorso.

- Não fuja, ouça-me! Eu lamento o que aconteceu.

Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa o tripulante voltou para perguntar se queriam café. E quando Nicolas, irritado, respondia que se quisessem alguma coisa tocariam a campainha, Lúcia saiu e apressou-se a procurar Cathy.

A irmã estava deitada numa cama, numa pequena cabine. Estava pálida, mas não tanto quanto na viagem de ida.

- Não, não vomitei - disse Cathy, respondendo a pergunta de Lúcia. - Os tabletes o impediram. Mas sinto algo esquisito quando fico de pé e não ousa olhar pela janela.

Lúcia afastou as cortinas.

- O tempo está melhorando - disse ela. - O mar já não está alvoroçado como estava quando almoçávamos. . .

Meia hora mais tarde, Cathy se aventurou a levantar e cuidar do rosto e dos cabelos. Nisso a sra. Wallace espiou na cabine e disse:

- Puxa! Que maus momentos, não? - Ela ficou conversando durante uns minutos, depois foi ver como estava passando sua amiga Maisy Hobart.

- Ela é simpática, não é? - disse Cathy. - Deve ter cinquenta anos. As mulheres americanas são menos fechadas do que as inglesas nessa idade. Tenho notado isso em

Maybury. Elas não se entregam à idade. Têm melhor gosto, mais estilo.

- As mulheres que se hospedam no Maybury podem manter bom estilo de suas roupas - disse Lúcia -, são todas ricas. As mulheres ricas são sempre mais elegantes do

que as pobres, em qualquer país.

- Você não gosta da sra. Wallace? - perguntou Cathy.

- Oh! sim. Ela parece muito simpática, embora fale até cansar a cabeça da gente.

- Isso é melhor do que não dizer nada - retrucou Cathy. Essa é outra característica que aprecio nos americanos. São entusiasmados a respeito de tudo. Até o jeito de apertarem a mão das pessoas é diferente.. Apertam-na como se realmente desejassem conhecê-las e não esquecerem seu nome cinco minutos depois.

Se Lúcia estivesse prestando mais atenção à conversa de Cathy, ficaria admirada em constatar como a irmã estava entusiasmada com os Wallace.

- Cathy, você não se incomodaria se eu seguisse para a Inglaterra antes de você? - perguntou ela.

- Antes de mim? O que você quer dizer?

Lúcia explicou, dando as mesmas razões que apresentou a Nicolas. Para sua surpresa, Cathy ficou horrorizada.

- Oh! não faça isso, você não pode me deixar - exclamou ela com veemência.

- Mas por que não? Que diferença fará? Você vai ficar com a prima de Nicolas. Terá companhia. Pelo visto, poderá ficar até depois de domingo. Mais uma semana, se

quiser, e se Nicolas lhe pedir.

- Mas se você for, não será a mesma coisa. - objetou ela. Quero você comigo, pelo menos até domingo, por favor, Lúcia.

E quanto mais Lúcia argumentava com ela, mais obstinadamente ela insistia. Finalmente, quase em lágrimas, ela disse:

- Se você for embora, irei com você. Não quero ficar em Atenas sem você. Você -está estragando tudo.

Então, estranhando essa repentina dependência dela, mas convencida de que Cathy falava sério, Lúcia capitulou.

Quando, à tarde, o Cassandra entrou no porto, em Piraeus, o céu estava claro, sem nenhuma nuvem e o sol já havia secado os sinais das chuvas recentes.

Os Wallace iam ficar dez dias em Atenas, antes de seguirem para a Itália.

- Mas Maisy e Donald vão tomar o avião para os Estados Unidos neste fim de semana - disse a sra. Wallace. - Portanto, por que não organizamos uma festa de despedida no Hilton amanhã à noite?

- Ela voltou-se para Nicolas. - O senhor conhece intimamente Atenas, sr. Curzon. Talvez, depois de jantarmos, o senhor pudesse nos levar por essas bouzoukias - pronunciei corretamente? As que estão fora do acesso dos turistas. O senhor sabe o que quero dizer, os lugares realmente autênticos. Lúcia esperava que Nicolas apresentasse alguma desculpa. Mas, ao contrário, ele disse com todo o charme.

- Seria um prazer, sra. Wallace, mas só com a condição de que a senhora seja minha hóspede em Vlachos. O Hilton é internacional. O Vlachos tem uma atmosfera muito

mais autêntica. Se jantarmos lá antes do pôr-do-sol, a senhora vai ver algo surpreendente.

- É verdade? Que interessante! - A sra. Wallace relançou os olhos ao redor para captar a reação dos outros. - Bem, nesse caso nos sentiríamos encantados, não, querido?

- disse ao marido.

- Claro! Isso soa como uma nova experiência, - concordou o sr. Wallace, animado.

No táxi, dirigindo para Atenas, Nicolas disse a Lúcia:

- Você ainda está querendo viajar esta noite? Quer que eu telefone para o aeroporto?

Ela mordeu o lábio, desejando dizer sim. Mas teve de responder:

- Não, não, agora Cathy quer que eu fique, por isso mudei de ideia.

- bom. Seria uma pena você não ver o Parthenon, já que está aqui - comentou ele casualmente.

O carro parou em frente ao portão da casa da prima de Nicolas, numa rua estreita, na parte antiga da cidade.

- Nico, meu querido, há quanto tempo você não vem visitar a gente! - disse a entusiasmada mulher que veio lá de dentro, seguida por um gato preto. Maria Soris não só falava inglês com fluência mas também se vestia com elegância. Além disso, era dona de um dos rostos mais lindos que Lúcia já tinha visto.

Nicolas beijou-lhe as mãos e murmurou alguma coisa em grego que a fez rir e dar umas palmadinhas no seu rosto. Em seguida ele apresentou as duas hóspedes. À primeira vista ela parecera uma mulher jovem. Mas, ao apertarem as mãos, Lúcia notou que ela era consideravelmente mais velha do que Nicolas.

Havia linhas ao redor dos seus olhos escuros e fios de cabelos brancos. O pescoço e as mãos traziam a marca da maturidade.

Mas a beleza do seu rosto não tinha idade. No decorrer de dez ou talvez vinte anos ela ainda teria aquele perfil maravilhoso, aqueles olhos lindos.

Ela os conduziu para o interior de uma sala ampla e fria e tocou uma campainha.

Momentos depois surgiu uma empregada que trouxe frutas em conserva, água gelada e café. Maria era uma mulher de gosto cosmopolita.

- Maria é modista - disse Nicolas. - Tem uma loja de roupas femininas na rua Boukourestiou. Talvez amanhã vocês queiram comprar alguma coisa para souvenir, mas não na loja de Maria. Seus preços são astronômicos.

Maria levou as moças para cima, para os seus quartos, dizendolhes que podiam tomar um banho e descansar durante uma hora.

Nicolas, seguindo atrás com as malas, contou-lhe a respeito dos Wallace e que havia combinado levá-los aos Vlachos na noite do dia seguinte.

- Você vai ter que ir também, Maria.

- com todo prazer. Gosto de encontrar americanos ricos. Talvez eu possa vender-lhes algumas roupas.

Destinou às moças quartos separados e lamentou não ter podido hospedá-las no começo de suas férias. Na ocasião ela própria estava tirando um descanso em Corfu.

Quando ficou só, Lúcia sentou-se na cama e deu de ombros. Naquele momento havia pouca esperança dela voltar a ser alegre.

CAPITULO VII

No dia seguinte pela manhã, Lúcia tratou de comprar alguns presentes para os Sanders, mas Cathy não estava interessada em souvenirs. O que a preocupava era descobrir, em Atenas, o equivalente ao Bond Street em Londres.

- Onde ficam as melhores lojas? - perguntou ela.

- Ficam no bairro de Kolonaki - disse Maria. - É a parte cara de Atenas. Mas antes vocês precisam visitar a Praça Syntagma, que é o coração da cidade.

Na praça inclinada, dominada pela Casa do Parlamento, antigo palácio real, eles tomaram café e sorvetes.

Nicolas mostrou a Grande Bretagne, na esquina da avenida Venizelos, durante muito tempo um dos grandes hotéis de luxo do mundo.

- Acho que seu pai conheceu bem. É um lugar de reunião de jornalistas e

diplomatas - disse ele a Lúcia.

Foi interessante como ele mencionou Malcolm Gresham, exatamente no momento em que ela estava pensando nele.

- Sim, ele deve ter conhecido - disse ela.

Cathy cobiou tudo que viu. Se tivesse dinheiro suficiente, precisaria de um carro para transportar suas compras.

Quando, a caminho da loja de Maria, passaram pela Katramopoulos, os joalheiros da Corte, ela demorou tanto examinando alguns brincos caros que Lúcia ficou embaraçada.

Será que esperava que Nicolas lhe comprasse um par, ali?

- Você não liga para jóias, Lúcia? - perguntou Maria, notando a sua impaciência para seguirem.

- Sim, são maravilhosas, mas fora do nosso alcance - disse Lúcia, com um sorriso meio forçado.

Na loja de Maria, Nicolas trouxe-as e saiu para tratar de algum negócio particular. Depois do calor e do barulho das ruas, o interior da loja parecia fresco e calmo.

Lúcia sentou-se enquanto Cathy examinava os vestidos e acessórios em exibição. Não havia fregueses na loja e Maria pediu à sua ajudante que providenciasse uma bebida gelada.

Para surpresa de Lúcia, Cathy não estava satisfeita em examinar o estoque. Ignorando os sinais disfarçados da irmã, perguntou se podia experimentar alguma coisa.

- Às ordens - concordou Maria. - vou mostrar-lhe a sala de provas.

O coração de Lúcia se abalou. Sabia que Cathy não iria ficar satisfeita em apenas experimentar aquelas roupas lindas. Na verdade, não tardou que a irmã reaparecesse num vestido de noite branco e dourado.

- Este é maravilhoso, preciso levá-lo - disse ela, desfilando.

- Mas, Cathy, este parece muito caro e você já tem vários vestidos de noite - protestou Lúcia. - Além disso você não poderá comprá-lo. Já gastou quase todo o seu dinheiro.

- Mas você não gastou quase todo o seu, ainda. Você não deseja comprar mais nada, deseja?

- Não tenho o suficiente para esse vestido - disse Lúcia severamente.

- Então pedirei algum emprestado a Nico e lhe pagarei mais tarde. Quanto custa? - perguntou a Maria.

A velha senhora olhou para o preço atado ao zíper. mencionou um preço que fez Cathy bater palmas.

- Maravilhoso! vou levá-lo e usá-lo esta noite.

Saber que tinha o dinheiro suficiente para pagar o vestido não confortou Lúcia, porque Maria havia reduzido o preço pela metade. Nenhum vestido naquele tecido e naquele feitiço poderia custar tão barato. Ela não só estaria sacrificando qualquer lucro, como poderia estar perdendo dinheiro na venda. Lúcia estava sozinha na sala lutando contra sua tristeza, quando Nicolas chegou.

- Você esqueceu de comprar uma lembrança para você mesma, portanto comprei uma. - Tirou uma caixinha do bolso e abriu-a, mostrando-lhe um medalhão numa linda corrente

de ouro. A face do disco era de esmalte azul celeste, encapelado como a superfície do mar. Incrustado naquela superfície brilhante havia um intrincado desenho de ouro.

- Gosta? - perguntou Nicolas.

- É lindo... - disse ela confusa.

- Ponha-o - disse ele, tirando-o da caixinha e abrindo o fecho.

- Não, por favor, não posso aceitá-lo. Suas sobrancelhas se ergueram.

- Por quê?

Ela mordeu o lábio.

- Não posso, só isso!

- Minha querida, é só uma lembrança - disse ele com um laivo de divertimento. Se ela não estivesse preocupada a respeito do vestido de Cathy, jamais teria respondido

como respondeu. Assim que pronunciou as palavras, ela se arrependeu.

- Pensei que você soubesse que eu nunca aceitaria um presente seu - disse, friamente.

Houve um momento de duro silêncio, Lúcia desejou pedir desculpas, mas sua boca e garganta pareciam paralisadas. Não podia imaginar o que Nicolas sentiu. Seus olhos tornaram-se completamente inexpressivos.

Cathy voltou, muito entusiasmada, e notou o medalhão azul e dourado, ainda pendurado na mão de Nicolas.

- Oh! Nico, que lindo! É pra mim? - perguntou alegremente, esticando a mão para pegá-lo.

Seu semblante moreno reanimou-se.

- Claro - disse ele maciamente. Combina com seus olhos.

Cathy nunca pareceu mais linda do que naquela noite, no seu novo vestido. De maneira diferente, Maria também estava lindíssima. Usava um vestido preto, colar de carmesim brilhante e um agasalho de pele.

Quando Nicolas as viu, inclinou-se com admiração.

- Meus olhos se comprazem - disse ele olhando de uma para a outra. Maria afastou-se para permitir que ele visse Lúcia, que havia descido por último e estava atrás de ambas. Mas, embora ele sorrisse e dissesse "encantadora", não havia nem calor nem interesse nos seus olhos. Sua apreciação foi a mais breve possível, somente para não faltar com a cortesia.

Ela sabia que nunca mais ele a fitaria com aqueles olhos insinuantes que sempre lhe causavam inquietação. Hoje ela conseguira convencê-lo de que o detestava e não confiava nele. De agora em diante a barreira entre ambos seria colocada por ele e não mais por ela. Era melhor assim. Ela não havia percebido o quanto a sua indiferença o ferira. A despeito do seu vestido bonito, de sua bem cuidada maquilagem, de repente se sentiu feia.

A taverna do Vlachos ficava no alto da subida da Acrópolis, com uma esplêndida vista de Atenas. Assim que sentaram em volta de uma mesa, no terraço, testemunharam o espetáculo singular de que Nicolas lhes havia falado - a razão por que os antigos gregos denominaram a cidade de violeta corada.

À medida que o sol se punha, com um vermelho e dourado muito fortes, os declives distantes do Hymettus eram banhados por uma estranha luz ametista. Era tão empolgante que até a sra. Wallace ficou em silêncio.

Ela estava sentada perto de Lúcia e, de repente, enquanto comiam taramosalala, um suave patê feito de ovas defumadas de peixe, disse:

- Você sabe, acho que nunca vi uma mocinha tão bonita como a senhorita Gresham, sua irmã. Meu filho simplesmente não consegue desviar os olhos dela, e não admiro isso. Ela é realmente linda e, além disso, uma pessoa muito dócil. Lúcia riu e voltou os olhos para o lado em que Cathy e Grant conversavam e riam.

- Acho que ela gosta de Grant, você não acha? - perguntou a sra. Wallace, ao seu ouvido.

Havia uma insinuação em sua voz que fez Lúcia enrijecer.

- Oh! eu conheço todas as brincadeiras a respeito das mães americanas e seus filhos - prosseguiu a sra. Wallace como se estivesse lendo a mente de Lúcia -, mas nunca fui muito possessiva com meus três filhos. Sei o mal que isso pode trazer. Até agora tive muita sorte. Minhas noras são muito amáveis, gosto imensamente delas.

Quando Grant se apaixonar serei a primeira a me congratular com ele.

- Ele não é um tanto jovem para pensar em casamento? perguntou Lúcia, cautelosamente.

- Tem vinte e quatro anos - disse a mãe. - É muito maduro para a sua idade e,

naturalmente, tem excelentes perspectivas. Eu não diria que ele é muito jovem para o casamento. - Ela serviu-se de salada de berinjela. - Diga-me a respeito de sua família, srta. Gresham. - Cathy disse que os seus pais faleceram. Acho que isso faz com que a senhorita tenha uma responsabilidade especial em relação a ela. As duas estão completamente sozinhas no mundo agora? Ou têm muitos outros parentes?

Lúcia respondeu a sua pergunta com crescente consternação. Não lhe havia ocorrido que Grant houvesse se apaixonado precipitadamente por Cathy. E se estivesse, esperava que seus pais se opusessem a essa paixão intempestiva, especialmente com uma moça de nacionalidade diferente.

Em vez disso, a sra. Wallace achava que seu filho e Cathy se ajustavam idealmente, que o engajamento entre ambos era praticamente um fato consumado o que, na verdade, era o que qualquer um pensaria, a julgar pelos olhos brilhantes com que Cathy fitava os olhos do jovem americano.

Da cabeceira da mesa Nicolas observava o comportamento dela, Fazia-o discretamente, para que nem a sra. Hobart. à sua direita, nem a irmã de Grant à sua esquerda, notassem que ele estava apenas meio atento à conversa delas. Mas a cada minuto ele lançava um olhar a Cathy e, quando o fazia, havia algo em sua expressão que fazia Lúcia pensar que antes do fim da noite haveria uma cena.

Ele era parcialmente grego e, por experiência, sabia que de um momento para outro podia tornar-se muito violento, quando provocado.

Cathy nunca tinha visto aquele lado dele. Não tinha ideia de como seus olhos fuzilavam quando estava furioso. Nunca havia sentido a força dolorosa daquelas mãos.

Mas poderia sentir, se continuasse ignorando-o enquanto brincava com o pobre Grant, que mai suspeitava da verdadeira situação.

Eram três horas da manhã quando Lúcia caiu na cama depois da noite mais tediosa de sua vida. Mas, mesmo que se sentisse exausta, não conseguiu dormir. Tentava esvaziar a cabeça, mas estava cheia de impressões confusas.

O Parthenon, dourado na iluminação profusa, destacando-se acima do nevoeiro de néons coloridos que eram Atenas à noite.. . o perfume de madressilva e de manjerição, os perfumes franceses, o cheiro de charutos... o som metálico dos bandolins nas bouzoukias e a agitação da dumbecks. ..

Não houve nenhuma crise, como ela temia. Do ponto de vista dos Wallaces fora uma noite agradável e inesquecível. Depois do jantar, Nicolas levou-os a várias bouzoukias, duas delas recantos turísticos muito conhecidos, mas a última uma taverna de trabalhadores muito autêntica, onde tiveram a sorte de ver um

show espontâneo da dança do povo.

Mais tarde foram ao Zonar s para tomar café e cuzzo e vararam a noite dançando no Galaxy Roof Terrace do Hilton.

A cortesia havia obrigado Nicolas a convidar Lúcia para dançar uma vez.

Dançou mas não conversou com ela. Giraram pelo salão num silêncio desconfortável.

Quando ela acordou no dia seguinte, Maria estava de pé ao lado de sua cama, segurando uma bandeja com o café da manhã.

- Oh! bom Deus, dormi demais? Desculpe. Que horas são?

- Não se preocupe. Não é muito tarde, considerando a hora em que fomos deitar - disse Maria sorrindo e colocando a bandeja sobre a mesa, ao lado da cama, - Se me permite, vou tomar meu café com você. Eu também me levantei há pouco.

Lúcia esticou a mão para pegar o relógio.

- Meu Deus, são quase onze horas! Minha irmã ainda está na cama?

- Não, ela e Nico são mais enérgicos do que nós. Eles saíram

- disse Maria. - Não sei onde Nico foi. Só sei que voltará para o almoço. Sua irmã está com

o jovem americano. Não o vi, mas Elli disse que ele a chamou uma hora atrás. Acho que ele levou Cathy para conhecer o Agora. Estiveram falando nisso ontem à noite.

- Eles falaram nisso? - perguntou Lúcia franzindo a testa. Eu não ouvi.

- Não, você estava dançando. - Maria sentou-se na cadeira perto da janela aberta. - Você não se incomoda se eu fumar um cigarro? Não consigo comer de manhã.

- De maneira nenhuma. Você não se incomoda se eu escovar meus dentes antes de tomar café?

Depois de escovar os dentes e os cabelos, Lúcia sentiu-se um pouco mais alerta. Subiu de novo na cama e, devagar, pôs-se a tomar o copo de suco de laranja. Durante um momento nenhuma das duas conversou. Depois Maria quebrou o silêncio.

- Eu gostaria de voltar para Marina. Talvez seja bobagem de minha parte. Há outras ilhas mais bonitas: Corfu, Mykonos e Rhodes. Mas para mim não são como Marina. Gosto muito de lá.

- Faz muito tempo que você não vai a Marina? - perguntou Lúcia.

Maria ergueu os ombros.

- Vinte anos - notou que sua hóspede pareceu pasmada. Oh! você não sabe a meu respeito? Nico não lhe contou?

Lúcia sacudiu negativamente a cabeça.

- Na Inglaterra não haveria nada a dizer - disse Maria, fitando a janela. - Já teria sido esquecido. . . um velho escândalo que não é mais importante. Mas em Marina essas coisas nunca são esquecidas, nem em cem anos. Eles não falam de mim, você sabe. Para eles já morri. - Ela fez uma pausa e deu um leve suspiro. Não me importo com isso... compreendo-lhes os sentimentos. O que fiz foi errado. Mas não lamento. Nunca cheguei a lamentá-lo um só instante.

- O que você fez? - perguntou Lúcia.

Maria pôs de lado o seu cigarro e entrelaçou os dedos de sua mão fina e elegante.

- Quando eu tinha dezessete anos, meus pais arranjaram um casamento para mim - começou ela. - Era um bom partido, porque meu pai era pobre e podia oferecer apenas um pequeno dote. Eu não amava o homem, mas aquela época eu não sabia nada a respeito do amor. Meu noivo era bom e amável e eu achava que era muito afortunada.

Ela levantou-se para encher de novo sua xícara de café.

- Faltavam seis semanas para a realização do nosso casamento, quando chegou um barco no cais. Pertencia a um francês, um escritor. Ele falava um pouco de grego.

Todo mundo gostava dele. Ele decidiu ficar por algum tempo. Não era muito jovem, tinha quarenta anos na época e chamava-se Raoul Vallet. Uma manhã encontramos-nos na rua, cruzamos nossos olhares, e aconteceu. Não se ama à primeira vista, mas surgiu alguma coisa entre nós. É difícil explicar.

- Acho que sei o que você quer dizer - disse Lúcia baixinho. Foi o que senti a primeira vez que olhei para Nicolas, pensou ela.

- O nosso foi um caso de amor muito estranho - continuou Maria. - Nunca ficamos sós. Mal falávamos um ao outro. Mas cada dia que passava o sentimento entre nós se tornava mais forte. Eu sabia que ele me queria. E eu também o queria. Aquilo me apavorava. Contudo, eu era feliz. Oh! você não imagina quanto fiquei confusa. Lúcia não dizia nada.

- Quatro dias antes do meu casamento eu sabia que não podia me casar com Stephanos - continuou Maria, depois de alguns momentos. - Naquela noite saí escondida e fui me encontrar com Raoul no seu barco. Pedi-lhe que me levasse embora, com ele.

Ela acendeu outro cigarro e sua mão tremia levemente segurando o fósforo.

- Tivemos cinco anos juntos. Cinco anos celestiais. Nunca se casou comigo. Já tinha uma esposa em Paris, mas fazia muitos anos que não viviam juntos. Ele morreu de repente, de ataque cardíaco. - Ela sorriu, mas havia lágrimas nos

seus olhos. - Então, como você vê, sou uma mulher marcada. Nico é a única pessoa que gosta de mim, apesar dos meus pecados. Ele é um grande conforto para mim e traz-me todas as notícias de Marina.

- Quer dizer que você tinha apenas vinte e três anos quando Raoul morreu? Você nunca. . . - Ela interrompeu, com medo de que o que ia dizer fosse impertinente.

- Se eu nunca quis me casar e tornar-me respeitável? - concluiu Maria. - Sim, tenho desejado isso. Mas, infelizmente, nunca mais me apaixonei. Já me apareceram vários

casamentos, muitas vezes. Não aqui em Atenas, mas em outros países. Às vezes, quando estou solitária e cansada, penso que foi estupidez minha não agarrar aquelas oportunidades. Mas essa ideia passa. Não fico deprimida por isso. E, quem sabe? Se tenho esperança, talvez algum dia apareça alguém. A ansiedade desapareceu do seu rosto e seus olhos negros brilharam de novo. -

Para você eu sou uma coroa; muito velha para estar pensando em amor?

- Oh! não, eu acho você linda - disse Lúcia. Maria sorriu.

- Obrigada, querida. Agora, falemos de você. Você é infeliz, eu acho. Não é? Esta visita à Grécia tem-lhe trazido momentos difíceis?

Isso apanhou Lúcia desprevenida. Quanto Maria sabia? Naturalmente,, se eram muito ligados, Nicolas poderia ter-lhe confidenciado seus sentimentos. Mas será que ela adivinhou o que Lúcia sentia? Que teria ela pensado a respeito do comportamento de Cathy ontem à noite?

- Às vezes quando a gente tem um problema, é um alívio falar sobre ele - disse Maria com amabilidade. - Não precisa temer que eu traia a sua confiança. Sou muito boa em matéria de guardar segredos.

Ela parecia tão solidária, tão compreensiva, que por um momento Lúcia foi tentada a dizer tudo. Mas, bem na beira da confissão, alguma coisa a segurou.

- Oh! por favor, não fique embaraçada. Não pretendi forçá-la

- disse Maria, vendo o seu encabulamento. - Eu não deveria ter falado, não é da minha conta. Ah! aqui está o Demétrios - disse ela, quando o seu gato entrou e pulou-lhe no colo.

A partir daquele instante começaram a falar sobre gatos, roupas e outras coisas, até que Maria se levantou, dizendo que estava na hora de se vestir e arrumar o cabelo.

Mas, ao deixar o quarto voltou-se de repente:

- Lúcia, mesmo não sendo da minha conta, há alguma coisa que acho que preciso-lhe dizer. Nico é como um irmão para mim. Eu desejo a felicidade dele, tanto quanto

desejo a minha. Você permite que eu fale?

- Claro!

Maria sentou-se na cama.

- Nico não é um garoto, tem havido mulheres na sua vida. Mas agora, pela primeira vez, ele está encarando a situação seriamente. Ele não me disse nada, mas conhecendo-o como conheço, posso senti-lo. Por razões que não compreendo, a garota de quem ele gosta está fingindo não ligar para ele.

Perdoe-me por dizer isso tão bruscamente. Ela está sendo uma tola.

Lúcia agarrou a beira do lençol.

- Se ele a quer por que não se declara? Por que não lhe propõe?

- Oh! Minha querida, se você faz esta pergunta é porque não conhece muito a respeito dos homens - respondeu Maria. - Você pensa que eles são tão diferentes das mulheres? Pensa que eles não têm orgulho? Que os seus sentimentos não se ferem tanto quanto os nossos?

- Não, eu não penso assim. Mas será que não é obrigação do homem tomar a iniciativa?

- Claro, se ele tem razões para pensar que seu amor é correspondido. Mas você não pode esperar que algum homem se ofereça a uma garota que se comporta como se não ligasse para ele disse Maria, estalando os dedos. - Isso seria pedir muito.

Sem olhar para ela, Lúcia disse:

- Você acha que ela pode fazê-lo feliz? Você o conhece tão bem. Realmente acredita que eles se ajustam?

- Nesta vida nada é perfeito - disse Maria. - Mesmo minha felicidade com Raoul não era perfeita, porque não pudemos ter filhos

- Ela fez uma pausa. - Sim eu acredito que eles se ajustem, poderiam ser muito felizes juntos. Mas cabe a ela dar-lhe um sinal, uma palavra. - Ela sorriu. Conhecendo Nico, não acho que ele precise de muito encorajamento.

Mas todos os homens necessitam um pouco. . . apenas um pouco.

Algum tempo depois que ela havia se retirado Lúcia se levantou. Será que Maria tinha razão? Será que sua irmã faria Nicolas feliz? Mari o conhecia, mas que sabia ela a respeito de Cathy? Ela podia ser uma mulher muito esperta, mas parece que não havia adivinhado como Lúcia se sentia em relação ao seu primo.

Se eu tivesse certeza de que eles iriam ser felizes - pensou Lucia mordendo as juntas dos dedos. Mas não tenho certeza Não tenho certeza de jeito nenhum. Pouco depois da uma hora Grant e Cathy voltaram. Maria ofereceu-lhes um drinque e depois, como ele não mostrasse nenhum sinal de partir ela foi

virtualmente obrigada a pedir que ficasse para o almoço. Ele teria permanecido na casa a tarde toda, se Nicolas não tivesse dito que as moças precisavam descansar. Então Grant perguntou quais eram os planos para a noite.

- Vamos ver o Parthenon ao luar.

- Por que não vai conosco?

- sugeriu Cathy.

- Sim, por que não vai conosco, Wallace? __ concordou Nicolas, encarando-o sem nenhum sinal da exasperação que deveria estar sentindo.

Assim, depois de combinar que viria às oito horas, Grant finalmente retirou-se e os outros foram para seus quartos. Quando a casa estava em silêncio, Lúcia foi até o quarto de Cathy.

- Você pode me emprestar o seu removedor de esmalte? O meu acabou.

- Sirva-se à vontade - disse Cathy. - o que fez de manhã? Algo interessante?

- Não, acordei tarde. Maria me trouxe Café na cama e conversamos um pouco.

- Por que será que ela não é casada? - murmurou Cathy. - Ela é realmente muito linda para a sua idade. Tem os seios um pouco grandes, os quadris um pouco largos, mas suas pernas são lindas e adoro as suas roupas.

Houve uma pausa, até que Lúcia dissesse abruptamente- Você ainda deseja se casar com Nicolas? porque, se deseja, precisa parar de flertar com Grant.

Nicolas a ama. Ouvi-o dizê-lo à sua irmã, em Marina. Mas ele não vai lhe propor casamento se você continuar fazendo-o de bobo.

Cathy encarou-a.

- Ora, ora. . . você me surpreende. Pensei que sua missão na vida era provar que ele não queria se casar comigo.

- Isso foi há algum tempo, quando eu não sabia muito a respeito dele. Agora tenho certeza de que ele a quer muito.

Cathy girou na banquetta em que estava sentada.

- É uma pena que ele não dissesse antes de deixarmos a ilha, porque agora é muito tarde. vou ter de desapontá-lo.

- O quê? - Lúcia encarou-a. - Cathy, você não está falando sério? Ele a ama, de verdade.

- Vai ter que me esquecer - disse Cathy despreocupadamente.

- Detesto admiti-lo, mas você tinha razão. Ele é muito velho para mim. Tivemos bons momentos em Londres, mas agora ele parece diferente. Talvez porque esteja apaixonado

por mim. Eu gostava mais dele quando não estava. Era mais excitante. Agora ele ficou muito taciturno. Grant é muito mais divertido que ele.

- Oh! Meu Deus, você é tão insensível quanto um animal disse Lúcia. - Como

pode dar o fora nele, assim? Ele vale dez daquele garoto.

Os olhos de Cathy deram uma reviravolta e ela deu um suspiro exagerado.

- Vamos começar de novo! Agora você está contra Grant. O problema com você, é que você tem inveja. Nunca teve um homem na sua vida, por isso não quer que eu tenha. Nunca aprovou nenhum dos meus namorados, nem vai aprovar. Você não liga para mim. Às vezes penso que me odeia. Você tem medo que eu case e a deixe sozinha, como uma velha solteirona. Oh! - Ela deu um grito de dor quando a palma da mão da irmã estalou contra o seu rosto.

Por um momento elas se encararam, igualmente chocadas. Depois, tremendo, mal sabendo o que estava fazendo, Lúcia deixou o quarto. Desceu as escadas e tomou o rumo da rua.

- Lúcia, estamos preocupadas com você - disse Maria, dando um pulo quando Lúcia empurrou o portão, de volta, e entrou no quintal onde estavam sentados.

- Onde esteve? - perguntou Nicolas.

Lúcia não esperava encontrar os três sentados no quintal. Sua intenção era subir para o seu quarto sem ser- notada.

- Não precisa-atacá-la com essa fúria, Nico - disse Maria. - Saí para dar uma volta - disse ela.

- Dar uma volta a essas horas? Você deve estar biruta. Ninguém sai para dar voltas a essa hora da tarde em Atenas. Você deveria estar descansando e não andando sozinha

por aí, até ter um desmaio. Olhe em que estado você está. Está exausta.

- Nico está zangado, porque está preocupado - interveio Maria, com amabilidade. - Agora chega, Nico. Não há necessidade de ficar furioso. Lúcia não é nenhuma menininha.

- Desculpem - disse ela -, não tive a intenção de preocupá-los. Acabei indo mais longe do que esperava. Agora, se me permitem, vou subir para me trocar.

- Tome um banho frio. vou mandar Elli levar alguma coisa para você tomar. Acho que é melhor uma champanhe. Tomamos algumas. Não há nada como champanhe para acalmar os nervos.

Ela tomou o banho e depois a champanhe que a empregada lhe levara. Estava escovando os cabelos quando bateram à porta.

- Preciso falar com você. Por favor, deixe-me entrar. - Cathy entrou como uma criança tímida. Ficou parada à porta, esfregando o dedo no mostrador do relógio.

- Lúcia, desculpe-me pelo que eu disse. Não queria dizê-lo. Juro.

- Não tem importância, esqueça-o.

- Não consigo. Estou sofrendo terrivelmente por isso. Quando descobrimos que

você não estava em casa, fiquei terrivelmente preocupada. Pensei que jamais iria vê-la.

- Não seja tola. O que você pensava que eu iria fazer, atirar-me em baixo de um ônibus?

- Não sei - disse Cathy - nunca a vi tão transtornada.

- Bem, acho que você teve um comportamento desprezível. Mas você nunca vai ver as coisas da minha maneira. Por isso acho que é uma perda de tempo conversar com você.

Vá embora e me deixe em paz, tá?

- Oh! Querida, eu fiz uma tremenda confusão com as coisas - disse Cathy. - Não me odeie, Lúcia, por favor, não me odeie. Nunca esperei cair neste lamaçal em que estou. Antes de encontrar Grant, eu não sabia o que era o amor, que o amor era importante.

- Está tentando me convencer de que você o ama? - perguntou Lúcia, cética.

- Sim, porque eu o amo realmente.

- Espero que a riqueza dele não tenha nada a ver com isso.

- Oh! Não tem, eu juro! Sentiria a mesma coisa se ele fosse pobre. Sei que não o conheço há tanto tempo, mas a primeira vez que o encontrei, senti algo diferente, especial. E ele sente a mesma coisa em relação a mim, ele me disse isso esta manhã. Não estamos propriamente compromissados ainda, vamos esperar até que ele visite Londres no outono.

- Ele sabe que até o momento em que vocês se encontraram a sua inclinação era casar por dinheiro? Por que motivo ele acha que estamos com Nicolas aqui na Grécia?

- Oh! Eu, . . eu disse que Nico é um velho amigo da família - disse Cathy enrubescendo. Seus olhos alargaram-se com apreensão. - Você não vai querer dizer-lhe a verdade, vai? Você não faria isso por mim?

- Eu não, mas Nicolas é capaz.

- Nico não sabe do meu romance com Grant.

- Não, ele acha, como eu, que você está tentando despertar ciúmes nele. Se você continuar agindo assim, ele pode perder a calma e mostrar que, por enquanto, você ainda lhe pertence. Como vai explicar ao Grant?

- Mas eu não pertencço a ele. Ele não teria nenhum direito de dizer isso.

- Não? Eu acho que sim. Você era sua garota quando chegamos aqui.

- Que farei? Se Nico se zangar, poderá estragar tudo.

- Bem, talvez ele não se zangue se você parar de alfinetá-lo. Você precisa pensar nos sentimentos dele, Cathy.

Cathy ficou em silêncio durante um momento.

- Você não poderia dizer-lhe, explicar-lhe. . .

- Não, não posso - cortou Lúcia. - Você é responsável por esta situação. Só você pode cuidar dela. Vamos voltar para Londres depois de amanhã. Não há muito tempo.

Se Nicolas decidir arranjar as coisas antes da nossa partida, você vai ter que dizer-lhe a verdade, que mudou de ideia. Se fosse você, não colocaria Grant nisso.

É possível que você mude de ideia a respeito dele, antes do outono.

- Você não acredita que eu o amo, acredita?

- Não sei. Acho que você não o conhece o tempo suficiente, para ter certeza de qualquer coisa. Agora é melhor que terminemos de nos aprontar.

Naquela noite os quatro saíram para jantar fora. Depois do jantar, enquanto tomavam café e discutiam onde iriam em seguida, Cathy levantou-se e foi empoar o rosto.

Os dois homens se levantaram e ficaram observando-a afastar-se. Grant com admiração nos olhos e Nicolas com um olhar que Lúcia não conseguiu interpretar. Grant disse:

- Olhe, visto que esta é nossa última noite, por que não nos separamos? Tenho certeza de que vocês dois gostariam de passar algum tempo juntos, tanto quanto nós. - Ele riu. - Os ingleses são mestres em esconder seus sentimentos. Eu nunca teria suspeitado de vocês dois, se Cathy não me tivesse contado. Houve um momento de silêncio constrangedor. Então, enquanto Lúcia ainda estava perplexa, Nicolas perguntou calmamente:

- O que ela lhe disse?

- Você e Lúcia sentem a mesma coisa um em relação ao outro, como Cathy e eu sentimos - respondeu Grant, levemente pasmado.

- Digam, vocês não vão ficar zangados com ela por ter-me contado, vão? Eu sei que não é oficial ainda e ela me pediu para não passar para a frente. Mas acho que foi bom ela me contar, não foi?

Lúcia não sabia para onde olhar. Mas não era o embaraço que fazia seu rosto pegar fogo. Sua dor e fúria era por Nicolas. Se a notícia de Grant a havia chocado, que deveria ter causado a ele? Ele podia não mostrar, mas internamente deveria estar rugindo.

Foi nesse momento que Cathy reapareceu. Não sabendo do que acontecia, dirigiu-se novamente à mesa, sorrindo para Grant, quando ele se ergueu para puxar-lhe a cadeira.

Nicolas levantou-se também.

- Você tem razão Wallace, é melhor a gente separar. Você não tem nenhuma

objeção, tem Lúcia?

Ela olhou para ele, admirada de sua calma.

- Não, não, eu não me incomodo - ela pegou sua bolsa e levantou-se, ansiosa por sair o mais depressa possível.

- Onde vocês vão? Por que não vamos com vocês? - perguntou Cathy.

Nicolas deu a volta em redor da mesa e colocou a mão em baixo do seu queixo, erguendo o seu rosto.

- Você é muito boa para guardar segredos, não é? - disse baixinho.

- O que você quer dizer? - murmurou Cathy.

- Contou a Wallace a nosso respeito. A respeito de Lúcia e eu.

Seu lindo rosto ficou completamente rubro. Parecia culpada e apavorada. Na certa estava com medo que Nicolas dissesse a Grant que ela era uma mentirosa e trapaceira.

Para infinito alívio, o controle de Nicolas não ultrapassou o seu limite. Ele soltou o queixo de Cathy e deu um passo para trás.

Nicolas pagou a conta e trocou breves palavras com o proprietário, em grego. Finalmente estavam na rua.

- Você gostaria de caminhar um pouco? - perguntou ele com voz controlada.

Ela fez sim com a cabeça e começaram a caminhar. Em certo trecho ele parou por um momento. À luz do fósforo ela notou que sua mão estava tão insegura que ele tinha dificuldade de encostar a chama na ponta do cigarro.

O coração de Lúcia contraiu-se de compaixão. Ela daria qualquer coisa para ajudá-lo, oferecer-lhe conforto. Mas tudo o que podia fazer era livrá-lo de sua companhia o mais depressa possível. Então ela lhe disse em voz baixa:

- Sinto-me um tanto cansada. Se você puder me pôr num táxi, vou para casa e para a cama mais cedo.

Nicolas não respondeu. Pouco tempo depois ele parou um táxi. Lúcia esperava que ele se despedisse ali. Quando ele entrou com ela no carro, ela disse:

- Oh! Por favor, não é necessário me acompanhar. Basta dizer o endereço ao motorista. . .

- Eu quero acompanhá-la. -Disse algumas coisas ao motorista, sentando-se ao lado dela e voltando o rosto para a janela.

Depois de algum tempo ela percebeu que não estavam no caminho de casa.

Relanceou os olhos para Nicolas, mas ele continuava voltado para a janela.

Quando o táxi parou, ela notou que estavam na frente de um parque, na entrada de um jardim público. Nicolas ajudou-a a descer e pagou o táxi. Depois, segurando-lhe o cotovelo, conduziu-a para o interior do parque. Havia muita gente passeando junto de uma fonte. Ali, sem dizer uma palavra, sentou-se num

banco de mármore e acendeu outro cigarro. Desta vez sua mão estava firme. Lúcia levou alguns minutos para quebrar o silêncio.

- Nicolas, lamento o que aconteceu.

Ele estava observando a água que caía e ela pensou que não tivesse ouvido ou estivesse deliberadamente ignorando-a.

- Lamenta? - disse finalmente, voltando-se para ela. - Pensei que você tivesse gostado.

- Oh! Não. Como pode dizer isso? - protestou cheia de tristeza.

- No começo me opus a vocês, mas isso foi há muito tempo. Nunca desejei que isso acontecesse.

- Eu temia que isso não acontecesse.

- O quê? - Lúcia não podia acreditar no que ouvira.

- Eu temia que isso não acontecesse - repetiu ele.

- Mas você a ama. Você a quer!

- Minha querida garota, eu não sentiria nem um pouco se nunca mais a visse.

Não fosse o fato de ter que vê-la, para ver você, sua irmã e eu já teríamos nos separado há muito tempo.

- Oh! Nicolas, você não está sendo sincero. Ovi-o dizer à sua irmã, Sofia, que a ama.

- Você ouviu? - Ele franziu a testa. O que está dizendo? Ela lhe falou a respeito e, para sua surpresa, ele riu.

- Isso foi um lamentável mal-entendido. Quando eu conversava com minha irmã, era a você que eu me referia. Cathy era a mosca na nossa sopa.

Por um instante Lúcia teve a impressão de estar louca ou sonhando. Talvez tivesse tomado muito vinho e o ar da noite a intoxicara. Talvez estivesse doente e isso era uma espécie de delírio.

- Você me ama, não ama? - perguntou Nicolas. E depois, sem esperar pela resposta, puxou-a e beijou-a.

- Você me ama - disse rindo. - Não adianta negar agora, querida.

Ela disse em voz baixa, quase sem fôlego:

- Eu sempre gostei de você. . . quase sempre. Eu. . . descobri que não podia evitá-lo.

- Vamos levar essa novidade à minha prima Maria - disse ele. Quando chegaram em casa, Maria havia ido para a cama. Nicolas bateu na porta e ela respondeu:

- Embrós.

Encontraram-na sentada na cama, lendo. Ela deu uma olhada para eles e exclamou:

- Ah! Thavma! - Ah! Finalmente tudo bem entre vocês! Estou contente. Bravo,

Nico,

- Você já sabe? - disse ele erguendo as sobrancelhas.
- Basta olhar para vocês. - Estendeu as mãos para Lúcia.
- Quer dizer que você seguiu o meu conselho? Eu tinha razão, não tinha? Ele não precisou de muito encorajamento?

Quando se preparavam para festejar, tomando algo, ouviram o barulho de um carro que se aproximava. Era Cathy que chegava. Assim que entrou, foi convidada.

- Venha juntar-se a nós - disse Nicolas. - Acabo de trazer uma garrafa e alguma comida. Não sei você, mas eu não apreciei aquele jantar.

Foi Maria quem anunciou a razão da celebração.

- Nico e Lúcia vão se casar.
- O quê? Você não fala a sério.
- Nunca falou mais sério - disse Nicolas, segurando a mão de Lúcia.

O mês de julho passou. Lúcia tornou-se tão impaciente para que chegasse o fim do período escolar como as próprias crianças. No seu último dia de aula, os colegas lhe trouxeram presentes.

Quando, pela última vez, ela cruzou o deserto play-ground asfaltado, viu Nicolas que a esperava fora do portão.

- O que você está fazendo aqui, a esta hora?
- Achei que hoje você precisava de apoio moral - disse ele. - Deve ser duro interromper uma carreira assim, não é?

Pela primeira vez Lúcia sentiu um nó na garganta.

- Oh! Nicolas, você é muito amável comigo. Espero poder fazê-lo feliz.
- Não podemos mais voltar atrás. Daqui a quarenta e oito horas você será minha esposa.

Algumas crianças da escola passaram correndo, no momento em que ele a ajudava entrar no carro.

- Adeus professora. . . adeus!

F I M